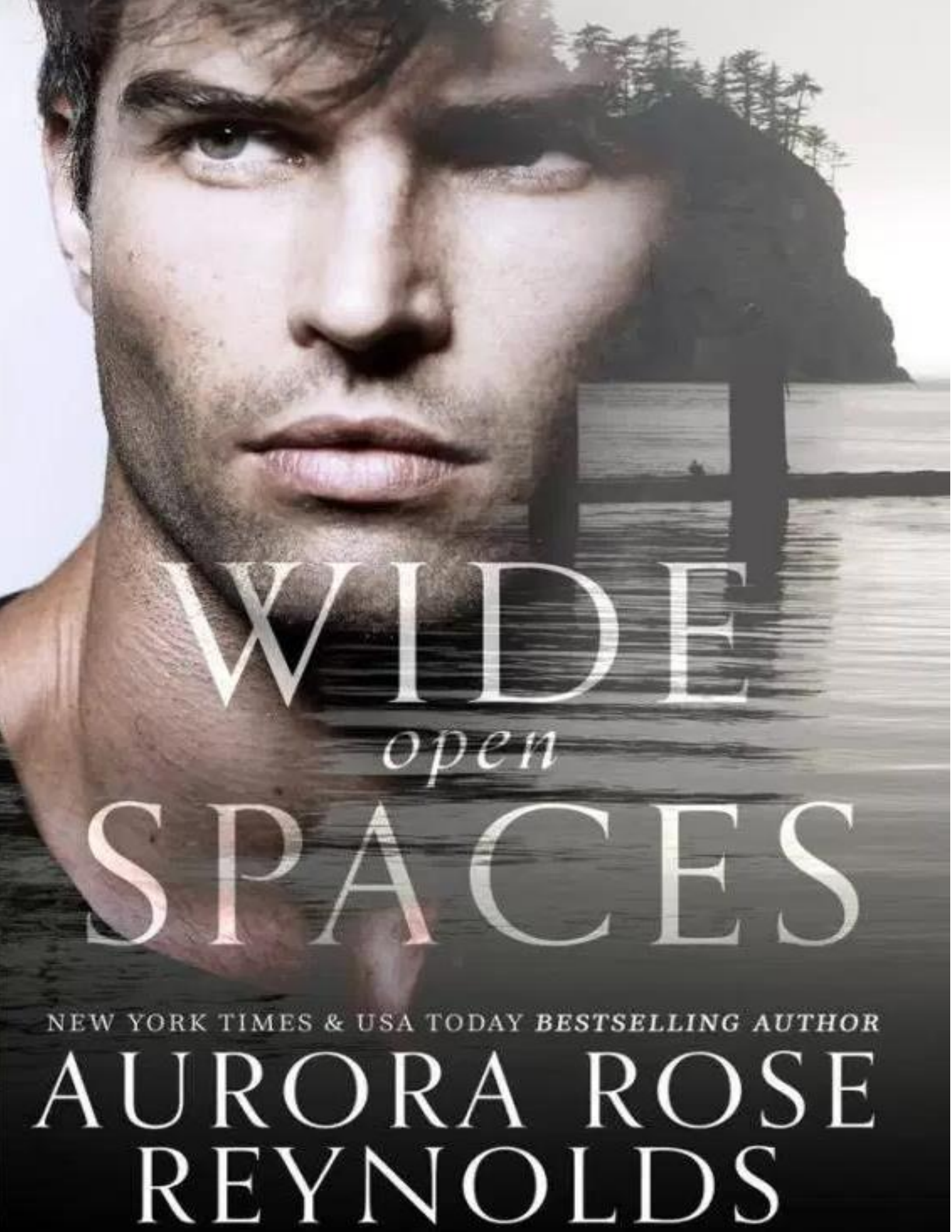




WIDE
open
SPACES

NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

AUROMA ROSE
REYNOLDS

*Aquele momento em que sua vida muda.
Aquele momento que muda a sua vida.
Aquele momento em que você ama alguém mais do
que você ama a si mesmo.*

Esse foi o momento em que demos o nosso filho para adoção, e o momento em que fui deixada exposta. Um amplo espaço aberto que estaria para sempre vazio.

Há momentos que definem você como uma pessoa, momentos que provam o quão forte você é, momentos em que você se esforça para seguir em frente, quando tudo que você realmente quer fazer é desistir. Foi em um desses momentos que estendi a mão e encontrei-o esperando por mim.

Quando Shelby Calder saiu de casa há quinze anos, ela nunca planejou voltar para a cidade do Alasca que deixara para trás. Mas, depois da morte de seu avô e de um amargo divórcio, ela espera que voltar para casa seja um novo começo para ela e seu filho de dez anos de idade.

Zach Watters cometeu um monte de erros em sua vida. Mas quando ele vê Shelby Calder parecendo mais bonita do que nunca, do lado de fora da casa onde havia morado quando criança, ele promete a si mesmo que deixá-la ir não será um erro que ele cometerá novamente.

Algumas coisas nunca mudam, e o amor é uma delas.





PRÓLOGO

— Você precisa deixá-lo ir agora. — Kathleen suavemente coloca a mão no meu ombro. Balançando a cabeça, eu sinto minha garganta se fechar e a dor – excruciante dor – passa por mim. — Eu sei que é difícil, — ela diz suavemente.

— Não, você não sabe, — engasgo, sentindo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto enquanto descanso meus lábios contra a pele lisa da testa do meu bebê.

— Shel, baby, — Zach diz, capturando meu olhar enquanto contorna a cama. — Nós concordamos. Esta é a melhor opção para ele.

Engolindo em seco através da dor crescendo dentro de mim, eu puxo uma profunda respiração instável, fechando meus olhos.

— Eu te odeio, — sussurro, abrindo os meus olhos encontro seu olhar novamente. Não tenho nenhuma ideia de como posso amar e odiar tanto alguém, mas ambas as emoções se agitam dentro de mim enquanto seguro meu filho nos meus braços.

— Você não fala sério. — A dor na voz dele me rasga um pouco mais, e inclino a cabeça para trás, fechando os olhos, precisando bloqueá-lo.

— Shelby, — Kathleen chama, e meus olhos se abrem.

— Posso ter um minuto a sós com ele antes de você levá-lo? — Imploro, olhando para ela.

— É claro, — ela concorda suavemente, envolvendo a mão em meu ombro e apertando suavemente antes de sair do quarto.

— Eu quero ficar sozinha com ele, Zach, — sussurro, sem sequer olhar para o lado da cama, onde ele ainda está de pé.

Ele fica em silêncio por um momento. Pergunto-me se ele me ouviu. — Ele é meu filho também, — ele diz, fazendo a amargura aumentar dentro de mim.

— Sim, bem, você pode dizer adeus quando eu terminar, — digo a ele, ouvindo a indiferença na minha voz.

— Eu te amo, Shel. — A sensação de seus lábios contra o topo da minha cabeça traz uma nova onda de lágrimas antes de ouvir seus passos em retirada, levando-o para mais longe de mim. A porta finalmente se abre e fecha prontamente, deixando-nos sozinhos.

Inalando uma respiração irregular e a liberando lentamente, eu pressiono o meu dedo no queixo do meu menino, onde há uma covinha idêntica a do pai dele. — Se as coisas fossem diferentes, se eu tivesse certeza de que poderia lhe dar a vida que você merece, eu nunca desistiria de você, — choramingo, pressionando um beijo na testa dele. Trago seu minúsculo corpo até o meu peito e inclino para trás, deixando seu peso inclinar contra mim até que é hora de deixá-lo ir.

Acordo me sentindo quente, meu braço e perna estão jogados sobre Zach, a batida constante de seu coração tocando no meu ouvido como minha canção favorita. Deslizando minha mão de seu abdômen, eu a coloco sobre o meu estômago agora plano e engulo as lágrimas queimando minha garganta.

— Tudo vai dar certo. Eu juro que ficará bem, — Zach sussurra para o topo da minha cabeça enquanto enterro meu rosto contra seu peito.

Eu sei que ele está errado. Falta um pedaço de mim. Uma parte da minha alma se foi. Eu nunca ficarei bem novamente.



CAPÍTULO 1

SHELBY

Desligando meu carro, eu olho para a casa de dois andares que eu costumava chamar de lar. Parece a mesma de quando eu saí. O azul escuro ainda é vibrante, ainda mais agora contra o pano de fundo do céu cinzento atrás dela. A varanda branca ainda é acolhedora, com flores penduradas no corrimão.

Minha avó e eu passávamos horas plantando flores nessas caixas durante o verão. Quando ela faleceu durante meu segundo ano do ensino médio, fiz questão de manter a tradição em sua homenagem. Parece que, na minha ausência ao longo destes últimos quinze anos, alguém tem feito o trabalho.

Olhando para as flores brilhantes crescendo solitárias, pairando sobre a lateral das caixas, gostaria de saber se o vovô contratou alguém para plantá-las quando ele foi viver na Flórida. Ele nunca mencionou que se preocupava com as flores que plantamos. Honestamente, eu não me lembro dele mencioná-las. Sinceramente, eu sequer acho que ele percebeu, mas agora, olhando para os brotos florescendo, os quais estão artisticamente organizados, eu sei que eles significavam algo para ele depois de tudo.

— Mãe? — Virando a cabeça, eu olho para o meu filho Hunter e forço um sorriso quando uma dor excruciante e pesar atingem o meu peito.

— Desculpe, querido. Eu estava pensando. Quer desempacotar esta noite, ou quer esperar até amanhã, filho?

Olhando por cima do ombro, ele olha para as caixas e malas empilhadas na parte de trás, em seguida, ele olha para mim. Eu odeio a tristeza que vejo em seus olhos. Odeio que eu seja a causa de sua dor. Sei que ele já sente falta do pai, e sei que

aos dez anos de idade ele não entende porque não estamos mais juntos, embora já faça mais de dois anos que nos separamos e divorciamos.

— Amanhã, — ele resmunga, e sinto essa dor em meu peito se expandir. Ele me odeia por atravessarmos todo o país. Longe de seus amigos, longe de tudo o que conhecia. E eu me odeio um pouco, também, por falhar miseravelmente em manter minha família unida. Só espero que esta mudança seja um novo começo para nós.

— Amanhã, — concordo suavemente, tirando o meu cinto de segurança e abrindo a porta.

Contornando o capô da caminhonete, Hunter caminha até a varanda e espera no topo da escada, com os olhos fixos acima do meu ombro. Paro, e olho para trás, quando a chuva começa a encharcar minhas roupas. Não posso acreditar o quanto a cidade mudou e cresceu. Quando saí de casa, você poderia ver a costa da varanda da frente da casa de meus avós. Agora, a vista é bloqueada por casas que foram construídas lado a lado em toda a rua.

— Sempre está chovendo? — A voz de Hunter corta meus pensamentos, e olho para ele, subindo os degraus lentamente, percebo que eles estão apodrecendo em alguns pontos. Algo que terei de corrigir em breve.

— Nem sempre, mas esta é uma floresta tropical, então eu acho que a resposta em alguns aspectos é sim, — eu digo a ele quando alcanço a varanda coberta.

Suas sobrancelhas se reúnem sobre seus olhos azuis, fazendo-o parecer o pai dele, enquanto pergunta: — Esta é uma floresta tropical? — E olha ao redor.

— É. — Quero tanto estender a mão e passar o meu dedo em sua bochecha, mas mantenho a minha mão travada ao meu lado. Não sei exatamente quando isso aconteceu, mas algum tempo atrás ele parou de querer o meu carinho. Deixou de ser o meu menino.

— Sério? — Ele pergunta curiosamente, com os olhos arregalados. — Não se parece com uma floresta tropical, — ele afirma, e está certo; não se parece com o que você pode imaginar que uma floresta seria.

— Não se parece com uma, mas é tudo a mesma coisa. — Sorrio, e seus olhos se movem sobre o meu rosto, em seguida, para a vista, e seu rosto perde a curiosidade que detinha um momento atrás.

Ele se vira, murmurando: — Tanto faz.

Mordendo meu lábio, eu pego a chave que o advogado me enviou do bolso da frente da calça, coloco-a na fechadura e viro. A porta se abre com um rangido alto e poeira levanta do chão. Um alarme soa alto, nos fazendo saltar. Entrando correndo na casa, eu olho freneticamente procurando algum tipo de sistema de alarme, finalmente encontro a caixinha branca perto da porta da cozinha. Abrindo o painel, eu olho para os números.

— Qual é o código? — Hunter grita através da sirene, tapando os ouvidos.

— Não sei, — respondo, pressionando cada combinação de números que posso pensar, mas nenhum deles funciona.

— Está nos papéis no carro?

— Talvez, — eu grito, então saio correndo e desço as escadas, indo até a van. Abrindo a porta de trás, eu tiro três caixas do caminho antes de encontrar o que estou procurando. Arrancando a fita, eu procuro através do conteúdo e passo os olhos pelos documentos que o advogado enviou, procurando o código, mas paro e olho sobre o capô da van quando o alarme silencia. — Qual era o código? — Pergunto a Hunter, quando ele sai para a varanda.

— Não sei. — Ele dá de ombros, olhando por cima do ombro para a casa, como se esperasse alguém sair, fazendo uma cara feia para mim.

— Simplesmente parou? — Questiono, batendo a porta da van. Seus olhos voltam para mim e ele sacode a cabeça, em seguida, começa a abrir a boca para dizer alguma coisa, mas é cortado por uma voz profunda.

— Eu desliguei.

É preciso um segundo para eu perceber quem acabou de sair da casa dos meus avós. Um segundo para que cada momento que passei com o homem de pé diante de mim passe pela minha cabeça. Dois segundos para sentir meu mundo parar.

O menino que eu conhecia se foi. Não há nada de menino em Zach Watters. Sua mandíbula agora é afiada, o restolho sobre ela dando-lhe uma aparência robusta, acentuando seus lábios cheios. Seu cabelo escuro está prateado nos lados, chamando a atenção para seus expressivos olhos castanhos, os quais parecem deter mil histórias. Sua camisa xadrez vermelha e preta está esticada sobre os ombros

largos, dando um vislumbre dos músculos que está cobrindo. Ele ainda é tão bonito como era uma vez, ainda mais agora que o tempo o envelheceu, levando-o de um belo rapaz a um homem lindo.

Engolindo em seco, eu olho para o meu filho, em seguida, para ele. — Obrigada, — sussurro, e as sobrancelhas de Zach franzem enquanto ele varre seu olhar sobre mim. Não tenho dúvidas de que eu também mudei, mas ao contrário dele, o tempo não foi bom para mim. Eu ganhei um pouco de peso por comer demais por causa dos meus sentimentos ao longo do último ano. Minha pele perdeu o seu brilho juvenil, e as raízes do meu cabelo estão aparecendo, já que não fiz a manutenção bimensal.

— Shelby? — Ele pergunta, mas tudo o que posso fazer é confirmar com um aceno, uma vez que a minha boca secou e não posso encontrar a minha voz. — Jesus. — Seus olhos se arregalam quando ele olha para Hunter, e volta para mim. — O que você está fazendo aqui?

— Meu... Meu filho Hunter e eu estamos nos mudando, — gaguejo; pega de surpresa com a presença dele. Eu não era estúpida o suficiente para acreditar que não o veria quando me mudasse para casa, mas me convenci de que o veria em meus termos, ou esporadicamente.

— O quê? — Ele sussurra, inclinando-se para trás em suas botas, cruzando os braços sobre o peito.

Ignorando a pergunta dele, eu começo a me mover em direção as escadas, perguntando: — Você se importa de me dar o código do alarme? Tenho certeza que ele está em algum lugar nos papéis que o advogado enviou, mas... — eu paro e olho para a esquerda quando o nome de Zach é chamado. De pé na varanda da casa ao lado está uma mulher com quem eu sei que ele ficou alguns meses após eu ir embora. A mulher com quem se casou logo após ela dar à luz a seus gêmeos. A mulher que eu costumava chamar de amiga.

A mulher que agora eu odeio.

Distraidamente o ouço dizer algo para ela, mas a náusea revira meu estômago e a tristeza formigando em minha pele faz eu me mover rapidamente até os degraus, com foco em não cair ao passar por ele. — Não se preocupe com o código. Tenho

certeza que vou encontrá-lo. Obrigada por desligar o alarme, — murmuro conforme atravesso a porta.

— Mamãe.

— Vamos, querido. Vamos dar uma olhada ao redor, então temos de ir até ao supermercado.

— Mãe, — Hunter repete, parecendo confuso. Coloco um sorriso falso no rosto.

— O lugar de pizza pelo qual passamos tem a melhor pizza que eu já provei. Poderíamos ter isso para o jantar.

— Mamãe.

— Bem aqui, querido. — Eu rio, apesar daquele riso se sentir como vidro cortando minha traqueia.

Estudando-me por um longo momento, ele finalmente murmura: — Pizza soa bem. Vou ligar para o meu pai antes de ir e dizer que estamos aqui.

— Claro, — concordo, observando-o pegar seu telefone celular e caminhar em direção à cozinha. Eu não concordei que ele tivesse um telefone celular nessa idade, mas como todas as coisas com o pai dele, nunca houve qualquer tipo de conversa. Ele não perguntou o que eu pensava sobre isso; fez apenas o que queria fazer.

— Você voltou? — Zach pergunta atrás de mim, fazendo meus ombros caírem e meus olhos se fecharem brevemente.

— Sim. — Eu viro para encará-lo e me abraço, sentindo meu estômago torcer em nós. Quando saí da cidade, nós não brigamos, não gritamos com o outro, não dissemos coisas que acabaríamos lamentando um dia. Eu apenas sabia que havia muita dor entre nós para fazer o que tínhamos funcionar, e Zach, sabendo o mesmo, não lutou quando contei meus planos para ele.

— Você vai ficar aqui? — Ele pergunta, e eu aceno. Passando a mão sobre a sua cabeça enquanto seus olhos se movem para a direita, onde Tina estava momentos atrás, ele traz seu olhar de volta para o meu. — O código para o alarme é um, dois, três, quatro. Eu disse a Pat para mudá-lo, mas você conhece Pat, — ele murmura, e eu aceno, sabendo exatamente quão teimoso Vovô era. Enfiando as mãos no bolso da frente da calça jeans, sua voz cai. — Eu realmente sinto muito por Pat.

— Obrigada. — Eu fico um pouco mais tensa. Seus olhos caem para meus braços envolvendo minha cintura e suavizam antes de mover-se para encontrar os meus novamente.

— Se precisar de alguma coisa, eu estou ao lado. — Ele levanta o queixo nessa direção, e meu mundo para novamente.

— Perdão? — Eu respiro.

— Eu moro ao lado.

Ok, talvez eu devesse ter imaginado isso, uma vez que Tina estava lá, mas não fiz, e isso não é bom... Como em *realmente* não é bom. Não há uma maldita coisa que eu possa fazer sobre isso, porém, a menos que eu queira levar Hunter de volta para a van e viver nela pelo próximo ano ou algo assim, o que acho que não me dará qualquer ponto com o meu filho.

— Legal, — sussurro pateticamente, com mais nada a dizer. Algo de aspecto familiar desliza suavemente através de suas feições, fazendo meu estômago revirar outra vez, mas desta vez de uma forma que eu não sentia há muito tempo.

— Bem... — faço uma pausa, precisando que este encontro termine. — Obrigada mais uma vez por desligar o alarme. Eu gostaria que tivéssemos tempo para recuperar o atraso, — minto. — Mas preciso ir ao supermercado antes que feche, e então eu preciso conseguir alguma comida para Hunter. Meninos em crescimento não ficam bem sem comida, — divago, enquanto estendo a mão para a porta, querendo fechá-la.

— Claro. — Ele balança a cabeça, e olha por cima do ombro, para dentro da casa. — Prazer em conhecê-lo, Hunter.

— Você também... — Hunter olha entre Zach e eu.

— Sr. Watters, querido, — murmuro, respondendo a sua pergunta não formulada quando ele vem para ficar ao meu lado, com o telefone celular na mão.

— Você também, Sr. Watters.

Os olhos de Zach encontram os meus e seu rosto suaviza mais uma vez. — Vejo você por aí, Shelby.

— Sim, te vejo por aí, — eu minto novamente, uma vez que pretendo fingir que ele não existe deste momento em diante. Eu espero, embora não queira, até que ele

saia para fechar a porta, então eu fico lá por um momento, tentando processar o que aconteceu.

— Como você o conhece, mamãe? — Hunter pergunta.

— Quando eu era mais jovem, — digo, virando para ele, — Nós éramos amigos. — Dou de ombros, olhando para as escadas. — Meu quarto costumava ser no sótão — é o melhor quarto da casa — e se você chegar lá antes de mim, eu vou deixar você ficar com ele. — Levanto minhas sobrancelhas antes de sair correndo até as escadas, ouvindo o meu filho, que não ouvi gargalhar em semanas, rir enquanto subia as escadas atrás de mim.

— Uau, isso é incrível.

Olhando por cima do ombro para Hunter, eu sorrio quando ele entra no quarto com os olhos arregalados. — Eu lhe disse que este é o quarto mais legal da casa. — Eu adorava ficar aqui quando era adolescente. A vastidão do espaço, com os tetos inclinados e quatro grandes claraboias, era um lugar legal para passar o tempo. Olhando agora para o meu filho, eu posso ver a emoção em seus olhos enquanto ele vagueia pelo quarto.

— Você acha que eu poderia ter um telescópio? — Ele pergunta, olhando para o céu coberto de nuvens através de uma das claraboias.

— Definitivamente. — Eu bato meu ombro com o seu quando passo por ele até o sofá no canto, o qual está coberto com um lençol, e retiro-o. — Nós também podemos encontrar algo para cobrir essa coisa enquanto estamos nisso, — eu digo, olhando do sofá floral para seu rosto franzido.

— Sim. — Ele balança a cabeça, movendo-se para a cama, onde arranca o lençol que cobre o colchão. — Não posso esperar para contar ao meu pai sobre isso. Ele vai achar tão legal, — ele murmura, e mordo minha língua para não dizer: *Não, seu pai definitivamente não acha que é legal.*

Max, o pai de Hunter, sempre foi rico. Ele nunca teve nada que foi usado. Mesmo quando nos casamos, ele insistiu que eu vendesse a casa vitoriana que comprei quando me formei na faculdade, querendo que nós comprássemos uma casa recém-construída em uma subdivisão clichê, onde todos os seus amigos viviam. Pouco tempo depois, ele insistiu que eu vendesse todos os meus móveis velhos, coisas que

eu comprei de segunda mão e remodelei ao longo dos anos. Na época, eu estava cega pela esperança e amor, então não pensei nada sobre isso. Mas ao longo do tempo, lentamente percebi que já não era a pessoa que eu costumava ser. Eu havia me transformado em uma mulher-troféu, que vivia de aparência em casa e nenhum de nós tinha qualquer caráter verdadeiro.

— Mãe, — Hunter chama, tirando-me dos meus pensamentos, e viro para olhar para ele, percebendo que ele tem uma pilha de fotos na mão. — Quem é?

— Essa é a minha mãe, — eu digo em voz baixa, caminhando até onde ele está sentado na cama, segurando uma foto da minha mãe e eu. Na foto, estamos sentadas do lado de fora, na varanda, abraçadas e sorrindo para a câmera.

— Você se parece com ela, — ele diz; pensativo. — Você tem os olhos e os cabelos dela.

— Você acha? — Pergunto, olhando para minha mãe, que deveria ter a minha idade quando a foto foi tirada. Ela era linda, com um comprido cabelo loiro escuro, grandes olhos azuis, e um sorriso que iluminava o mundo.

— Sim. — Ele balança a cabeça, então olha para mim e pergunta baixinho, — Você sente falta dela?

— Todos os dias. — Eu aceno, e tiro a foto das mãos dele. — Ela dava os melhores abraços, — eu digo, lutando contra as lágrimas que sinto rastejando pela minha garganta. Minha mãe e meu pai morreram em um acidente de avião quando eu tinha quinze anos. Meu pai era o proprietário e piloto de uma empresa de aventura local, e ele havia levado a minha mãe com ele para deixar suprimentos para alguns homens que estavam à caça de um urso em uma das ilhas. No caminho de volta para a cidade, o clima mudou, e o avião caiu em uma das montanhas. Eles não sobreviveram. Foi quando fui morar com os pais do meu pai.

— Você tem fotos de seu pai?

Faço uma pausa, tentando lembrar se eu já realmente falei com Hunter sobre meus pais, se Max já perguntou sobre eles, mas não posso pensar em uma única vez. — Há algumas no andar de baixo, na parede. Vou apontá-las para você. — Eu me inclino para ele um pouco, em seguida, paro quando seu braço envolve meus ombros,

me surpreendendo. — Eu amo você, garoto, — sussurro, não me surpreende quando ele não diz de volta, mas fico feliz que seu braço aperta levemente.

— Estou morrendo de fome. — Ele ri, me liberando quando seu estômago ronca alto, quebrando o momento.

— Não podemos permitir isso. — Eu rio, levantando da cama. — Vamos para o Joe. Felizmente, a pizza ainda é incrível. Se não, você terá que sofrer e comê-la de qualquer maneira, porque o supermercado está provavelmente fechado por agora.

— Existe tal coisa como pizza ruim?

— Acho que nós vamos descobrir, — murmuro, e depois saio do quarto e desço as escadas, agarrando minha bolsa quando nós saímos.

Quando chegamos ao Joe, acho que nada mudou nos anos em que estive fora. O proprietário Joe, um velho cavalheiro coreano, ainda está na parte de trás fazendo as pizzas, e sua esposa, Kim, ainda trabalha no balcão, fofocando sobre tudo e todos. Enquanto esperamos nossas pizzas, Kim fala na minha orelha, me contando sobre as pessoas na cidade, incluindo Zach, que ela informa que não é apenas um policial, mas também o xerife. Ela também me diz que Zach está solteiro. Ele e Tina supostamente se divorciaram há nove anos, e Zach tinha a custódia total de seus dois filhos desde então. Digo a mim mesma que não me importo que Zach não esteja mais com Tina, mas ainda sinto algum alívio por saber que não precisarei vê-los juntos.

— Posso dormir no meu quarto esta noite? — Hunter pergunta quando termino a minha terceira fatia de pizza e limpo a boca com uma toalha de papel.

— Eu não me importo, mas tudo em casa precisa ser lavado. Então, se você quer dormir lá em cima, nós precisamos pegar as suas coisas da van.

— Eu vou buscá-las, e então nós podemos trazer todo o resto também.

— Você quer limpar a van? — Pergunto, nem um pouco animada sobre arrastar o material três lances de escadas.

— Sim. — Ele balança a cabeça novamente, levando para a lixeira a metade da tampa da caixa de pizza que ele usou como um prato.

— Se é isso que você quer, — eu concordo, lamentando essas palavras uma hora após sair para a última caixa. Meus braços e pernas estão cansados de carregar

tudo para dentro e subir as escadas. Não malhei no último ano, e posso sentir isso agora, quando cada músculo do meu corpo protesta.

Parando ao ouvir uma porta se fechar, eu mantenho a caixa em minhas mãos mais perto do meu peito e olho para a casa ao lado. Detecto um bonito menino louro, que se parece muito com Zach, pulando os degraus, com Tina seguindo-o de perto. Abaixando, eu me escondo e os vejo entrar em uma caminhonete velha, saindo do esconderijo apenas quando eles saem.

Tendo mais de 15 anos para lidar com a adoção de Samuel deveria tornar mais fácil ver os outros filhos de Zach, mas isso não acontece. Ainda me sinto amarga sobre a situação. Eu sei que é o fato de que os filhos de Zach nasceram pouco mais de um ano após Samuel, significando que Tina ficou grávida não muito tempo depois que eu saí da cidade. Assim, Zach não apenas teve um relacionamento com Tina, mas construiu uma família com ela e manteve as crianças que tiveram juntos.

Voltando para a casa com a última caixa, eu me pergunto como farei o que tenho feito durante os últimos quinze anos. Foi fácil bloquear os pensamentos sobre Zach quando fui embora, mas agora que voltei, e morando ao lado dele, gostaria de saber se será tão fácil de ignorar o sentimento em meu peito que coincide com pensamentos sobre ele.



Pegando a colcha da extremidade da minha cama, eu equilibro cuidadosamente o meu Kindle e o copo de vinho em uma mão enquanto abro a porta de vidro no meu quarto e saio para a varanda. Esta noite é uma das primeiras noites que não chove desde que me mudei, e eu estava ansiosa para estar sob as estrelas com um bom livro durante todo o dia. Agarrando o meu copo, eu tomo um gole e olho para a esquerda quando ouço o som de um rock e luz vibra sobre o convés ao lado, fazendo-me saber que o quarto de Zach dá para a varanda, assim como o meu.

Afastando esse pensamento, ligo o Kindle, e avanço para me perder no felizes para sempre de alguém.

— Shelby. — Pulando, algum conteúdo do copo na minha mão entorna e escorre em meus dedos enquanto olho para a esquerda, onde Zach está inclinado sobre o corrimão, seus olhos em mim. Um copo cheio de líquido escuro está em suas mãos, e a luz lança um brilho atrás dele.

— Você me assustou tremendamente, — reclamo, segurando a minha mão livre sobre o meu coração batendo rapidamente.

— Estive aqui por algum tempo, — ele murmura, e toma um gole de sua bebida. — Pensei que você havia notado. — Ele revira o copo entre as mãos enquanto olha para mim atentamente, fazendo-me lutar contra a vontade de me contorcer na cadeira.

— Quando estou perdida em um bom livro o mundo poderia parar ao meu redor e eu não perceberia. — Dou de ombros, tomando um gole de vinho, usando o momento de alívio como uma desculpa para afastar meu olhar, mas percebendo pela primeira vez que não conheço o homem de pé na minha frente. Sim, ele parece um pouco com o cara que eu namorei anos atrás, mas também parece mais intenso, como se tivesse o peso do mundo sobre seus ombros. Ele definitivamente não é o garoto livre com quem eu namorei na escola.

— Como vocês estão se estabelecendo?

Dobrando minhas pernas debaixo de mim, eu descanso meu Kindle na borda do meu colo e viro para encará-lo totalmente enquanto ajusto o cobertor em torno de mim.

— Vai demorar um pouco para limpar tudo. Eu não sabia que o vovô era um colecionador, até agora. Acho que já joguei fora cerca de dez mil exemplares da *National Geographic*, juntamente com uma centena de caixas vazias e cada item que você pode, possivelmente, comprar de um infomercial¹, — respondo, então sorrio quando ele solta um riso profundo e se inclina um pouco mais sobre os trilhos entre nós, fazendo sua camisa xadrez – essa com azuis e amarelos – estreitar em seu peito largo.

1 Propagandas de televisão que duram o mesmo tempo que um programa normal.

— Você não os guardou? Nunca se sabe quando pode precisar de um descascador automático de batatas.

— Pensei nisso, mas se ficasse com ele, eu não teria nenhum lugar para colocar meus sapatos, uma vez que tudo isso estava empilhado no chão do armário, tudo sequer foi aberto. — Eu sorrio, observando-o sorrir por um momento antes de seu sorriso cair e seus olhos se moverem além de mim, para a floresta que fica atrás da casa.

— Vou sentir falta dele. Eu sei que ele esteve fora da cidade há anos, mas sentirei falta das nossas conversas, — ele murmura, depois olha para o céu por um momento antes de encontrar meu olhar novamente. — Por que você voltou? A última vez que falei com Pat, ele me disse que você pensava em segui-lo até a Flórida.

Suas palavras me pegam desprevenida, pois vovô nunca me disse que manteve contato com Zach. Mas, novamente, eu nunca perguntei. Não deveria me surpreender que eles mantivessem contato, uma vez que eram próximos quando eu estava em casa, e foram, obviamente, vizinhos antes do Vovô se mudar para a Flórida. Além disso, Zach é o xerife na cidade. No entanto, ainda parece estranho que ele saiba sobre mim enquanto não sei nada sobre ele.

— Eu pensei. — Deixei escapar um suspiro, ajustando o cobertor em volta dos meus ombros mais uma vez. — Mas eu precisava esperar até que... — eu paro, não querendo falar sobre o meu divórcio com ninguém, especialmente com ele. — Então, quando vovô morreu, não havia nada para mim na Flórida, assim decidi voltar aqui em vez disso.

— Você não quis ficar em Seattle?

— Não, eu precisava de algo diferente, então, quando descobri que o vovô deixou a casa dele para mim, eu simplesmente sabia que precisava voltar, — sussurro a verdade. Desde que li o testamento e descobri que esta casa era minha para fazer o que quisesse, eu tive uma sensação no meu interior que não consegui afastar. Algo me dizendo que eu precisava voltar.

— Esta é uma boa cidade, — ele murmura, mas o olhar em seus olhos está dizendo algo que não consigo descobrir.

— Este é o último lugar do qual me lembro de ser muito feliz. Espero que eu possa fazer Hunter feliz aqui, — digo em voz baixa, e o rosto dele suaviza.

— Ele se parece com você. — Suas palavras e tom me pegam de surpresa e eu me sento um pouco mais ereta. Nunca em um milhão de anos eu teria pensado que estaria sentada na varanda do meu avô, no meio da noite, conversando com Zach sobre qualquer coisa. Definitivamente não sobre o meu filho.

— Você não diria isso se visse o pai dele, — respondo honestamente. — Quando era um bebê, ele se parecia comigo, mas não mais.

— Ele tem seus olhos e seu sorriso. — Ele faz uma pausa, tomando um gole de seu copo. — Ele parece ser um bom garoto.

— Ele é o melhor filho. — Tomo um gole de vinho, tentando manter tudo que estou sentindo agora sob controle. — Eu... Eu acho que vi o seu filho. Hum, no outro dia. Ele se parece com você, — digo, querendo pegar as palavras de volta após dizê-las, porque não quero que ele pense que eu estava espionando.

— Ele se parece com a mãe dele, mas tem a minha personalidade, o que não posso decidir se é uma coisa boa ou não. Minha filha, Aubrey, por outro lado, parece comigo, mas é muito doce. De onde herdou a doçura, eu não tenho ideia do caralho.

— Oh. — Mordo meu lábio, tentando descobrir o que dizer a isso. O Zach que eu conhecia era um bom rapaz, doce mesmo. Tina, no entanto, era principalmente uma cadela, e honestamente não me lembro do por que nós éramos amigas. Então, novamente, crescendo aqui, não havia uma centena de garotas para escolher. Minha turma tinha apenas cinco meninas, e nenhum delas gostava de Tina, o que significava que nenhum delas realmente gostava de mim também.

— É melhor eu ir, — ele diz de forma abrupta, cortando meus pensamentos e se endireitando. — Preciso estar na estação amanhã cedo.

— Claro... Uh... Tenha uma boa noite. — O impulso de dizer algo que o faça ficar me bate forte, e me esforço para manter a boca fechada.

— Você também, Shelby. E tenha cuidado quando estiver aqui lendo. Louie está por aí, rondando a cerca nessa hora da noite em busca de alimento.

— Louie? — Pergunto, franzindo o nariz. Cordova nunca teve pessoas desabrigadas antes, e não posso imaginar que teria agora.

— Louie é um urso preto. Normalmente ele adere a floresta, mas ele tem sido conhecido por dormir na varanda às vezes.

— Oh, cara. — Eu salto, olhando em volta para qualquer sinal de *Louie*, não sei como pude esquecer que existem ursos aqui, desde que estamos no Alasca. — O que é engraçado? — Franzo a testa, virando para ele ao ouvir sua profunda risada.

— Você está no Alasca, baby. Você morou aqui por anos. Sabe que há ursos nesses bosques. — Ele acena para as árvores.

Baby. Por que, oh por que essa palavra faz borboletas irromperem no meu estômago?

— Eu sei disso, mas esqueci. — Balanço a cabeça e vejo o rosto dele suavizar novamente.

— Ainda doce como torta², — eu acho que o ouvi dizer, mas não posso ter certeza, porque sua voz tornou-se um murmúrio que senti deslizar pela minha pele.

— Bem, eu vou entrar também, — eu digo, pegando o meu Kindle e meu copo de vinho. — Tenha uma boa noite. — E com isso, eu abaixo a cabeça e volto para o meu quarto. Fechando a porta, eu a tranco, então corro e vou para a cama, onde tento esquecer Zach Watters mais uma vez.



— Alô? — Atendo o telefone, ainda meio dormindo, em seguida olho para o relógio e percebo que embora esteja claro lá fora, ainda é quase 06:00 horas.

— Shelby, eu liguei três vezes, — Max, meu ex-marido, diz no meu ouvido, e puxo o travesseiro sobre minha cabeça, com pensamentos de sufocar-me com ele.

— É apenas seis horas, Max. Não saí da cama, — resmungo, afastando os cobertores e sentando. — O que está acontecendo?

² Extremamente doce, no sentido de fofo, adorável.

— Quero voar até aí neste fim de semana, — ele afirma, e luto contra a vontade de jogar meu telefone através do quarto ou gritar a plenos pulmões.

— Este fim de semana? — Verifico, esfregando meu rosto. — Nem sequer estamos aqui há uma semana.

— Eu tenho alguns dias de folga e gostaria de ver Hunter.

Eu suspiro, considerando a ele e sua solicitação. — Nossas coisas serão entregues em dois dias. Então eu começo o meu novo trabalho na próxima semana, e Hunter tem nat...

— Você não manterá meu filho longe de mim, — ele me corta, e posso dizer pelo seu tom que ele está chateado, e provavelmente puxando a gravata sempre presente em aborrecimento. Algo que o fiz fazer muitas vezes.

— Não estou dizendo que você não pode vê-lo, Max, — esclareço, desejando ter pelo menos uma xícara de café antes desta conversa. — Apenas explicando para você que nós estamos tentando nos instalar aqui. Você pode esperar algumas semanas antes de vir?

— Essa porra de besteira. Não posso acreditar que você se mudou para o Alasca, de todos os malditos lugares. Um menino deve ter o pai em sua vida. — Meu coração gagueja e sinto meu pulso voar. Não tivemos uma batalha de custódia, mas eu não duvidava que Max me levasse ao tribunal para obter a custódia de Hunter se eu sair da linha aos seus olhos.

— Max, — suavizo a minha voz enquanto caminho para a cozinha, — Você sabe que nós falamos sobre isso. Você pode vir vê-lo a qualquer hora, e em dois anos ele pode voar para vê-lo sempre que tiver um intervalo, — eu digo, e suavizo ainda mais a minha voz. — Nós concordamos que ele moraria comigo, pelo menos até que tivesse dezesseis anos. Depois disso, ele pode escolher com quem quer viver.

— Eu sinto falta de vocês dois. — Ele suspira, fazendo-me revirar os olhos. Eu sei que ele não sente a minha falta. Eu sei disso porque ele está namorando mulher após mulher desde que pediu a separação. Pelo que sei, ele namorava antes disso. Inferno, o último ano que passei sob o mesmo teto que ele, ele quase não me poupou um olhar. Foi Hunter que sofreu com a falta de atenção dele, quando vivíamos

na mesma cidade depois da nossa separação. Com Max, é sempre sobre ele conseguir o que quer.

— Max, por favor, é só esperar mais algumas semanas, e então você pode vir e ficar o tempo que quiser, — ofereço; as palavras deixando um gosto horrível na boca. Farei o que for preciso, a fim de manter o meu filho, inclusive deixar seu pai ficar na minha antiga casa por alguns dias.

— Tudo bem, quando?

Fechando os olhos, eu sussurro: — No próximo mês. Sempre que você quiser. Apenas deixe-me saber, para que eu possa ter certeza de não fazer planos para Hunter. Eu sei que existem alguns campos aqui que ele está interessado.

— Bem. Onde ele está agora? Liguei para o telefone celular dele, mas ele não atendeu.

— Dormindo. Como eu disse, é apenas seis horas aqui, e ele ficou até tarde conversando com uns amigos de Seattle no Skype.

— Você realmente não deve deixá-lo ficar acordado até tão tarde, Shelby, — ele repreende, soando desaprovador, e mais uma vez, isso não é uma surpresa.

— É verão, Max, e o *tarde* dele quer dizer dez horas, e não três da manhã, — murmuro, imaginando como diabos eu fiquei com ele por tantos anos. — Eu direi a ele para te ligar quando se levantar.

— Não diga a ele que eu estou indo. Eu mesmo quero contar.

— Sim, — resmunguei, olhando para o pote de café e implorando para que se apresse.

— Falo com você mais tarde.

— Falo com você depois, — concordo, e coloco o telefone sobre o balcão. Faço uma xícara de café para mim e a levo para o balcão de trás, bebendo enquanto o sol da manhã bate sobre mim.



CAPÍTULO 2

SHELBY

Inclinando-me contra o balcão atrás de mim, eu anoto mais algumas coisas na minha lista, e faço uma pausa para observar Hunter tropeçar para a cozinha em sua camiseta e moletom amarrotado.

— Você dormiu bem? — Pergunto com um sorriso enquanto ele senta em uma das cadeiras da sala de jantar e repousa a cabeça sobre a mesa. Eu sei que ele deve estar cansado. Ontem, todas as nossas coisas chegaram, portanto, passamos a maior parte do dia arrastando caixas ao redor da casa e desembalando. Isto foi após passar os dois dias anteriores limpando e levando coisas para a loja de terceira mão local.

— Sim, — ele murmura sobre o topo da mesa, me fazendo sorrir.

— Você deveria ter dormido mais, querido.

— Não gosto de dormir demais. — Ele boceja, sentando-se, e luto contra a vontade de revirar os olhos. Eu sei que ele gosta de dormir tanto quanto eu, mas o pai dele colocou em sua cabeça desde que ele era pequeno que dormir demais é algo que as pessoas preguiçosas fazem.

Quando comecei a trabalhar com Max, ele costumava rir sobre o quanto eu gostava de dormir. Porém, depois de algum tempo, meus hábitos de sono, assim como um monte de outras coisas, tornaram-se mais uma das pequenas coisas que lhe incomodava sobre mim. Algo que ele não achava que era bonito ou agradável, e, acreditem, até o final, houve uma longa lista de coisas que Max não gostava em mim.

— Você quer que eu faça algo no café da manhã para você?

— Vou comer só cereais, — ele diz, levantando-se da mesa, indo até a geladeira, e pegando o galão de leite.

— Quando estiver pronto, vamos à cidade para pegar nossas licenças de pesca e um par de varas, e então nós podemos escolher almoçar em algum lugar. Nós iremos para um lugar que Vovô costumava me levar para pescar.

— Sério? — Ele pergunta, e todo o seu rosto se ilumina enquanto derrama uma quantidade absurda de cereais açucarados em sua tigela em cima do leite.

— Definitivamente. — Sorrio, em seguida me encolho quando a campainha toca, provocando um som horrendo na casa. — Acho que nós precisamos consertar isso, — eu digo sob a minha respiração, e ele ri, me atordoando com o som despreocupado. Em vez de fazer o que eu quero fazer, que é me inclinar e abraçá-lo ou tocá-lo de alguma forma, eu dou-lhe um sorrisinho e vou para a porta com um sorriso no rosto.

As coisas entre nós melhoravam a cada dia. Não sei se é porque ele não se sente como tivesse que escolher entre seu pai e eu, ou se é porque ele se sente mais relaxado aqui. Seja o que for, eu vou aceitar.

Abrindo a porta, meu coração acelera quando os meus olhos encontram Zach. Desde aquela noite em minha sacada, eu o vislumbrava indo ou vindo de sua casa e pela cidade, mas não falei com ele novamente.

— Hey. — Descanso no batente da porta, perguntando o que ele está fazendo aqui tão cedo. Parecendo que acabou de sair do banho, o cabelo escuro ainda está molhado. O restolho que estava em sua mandíbula dias atrás se foi, fazendo com que eu me pergunte se gosto mais dele com barba ou sem. Em vez de uma camisa xadrez, hoje ele usa um Henley³ de mangas compridas que é do mesmo tom de verde que seus olhos.

— Corneal deixou isso com Aubrey ontem. — Ele inclina o queixo para uma grande caixa em suas mãos e avança, forçando-me a entrar na casa. Eu o vejo caminhar até a sala de estar, ao lado da porta da frente, e colocar a caixa na mesa de café, fazendo-a tremer com o peso.

— Obrigada por deixá-la. — Sinto a minha pele aquecer quando ele se vira para mim, e seus olhos passam lentamente pelo meu corpo, me fazendo perceber que

3 É essencialmente semelhante a uma camisa polo sem gola.

estou usando apenas a parte superior do top fino e um par de shorts de dormir muito curtos.

— Ei, Sr. Watters.

Os olhos de Zach vão para Hunter, e a intensidade que havia em seus olhos momentos atrás desaparece quando ele sorri. — Ei, garoto. Apenas me chame de Zach. Como você está se ajustando?

— Bem, eu tenho espaço o mais legal, e minha mãe e eu vamos pescar hoje.

— Ah, é? — Zach pergunta, olhando para mim com uma sobrancelha levantada, provavelmente lembrando que eu costumava odiar pescar.

— Vou levá-lo para a estrada onde Vovô costumava me levar, — admito baixinho, sentindo meu rosto esquentar. Esse ponto é o mesmo em que Zach e eu costumávamos passar horas durante o verão, sentados na traseira de sua velha caminhonete com nossas varas de pesca na água e os nossos rostos colados.

— Eu sei que Pat levou as varas com ele quando foi embora, mas tenho algumas caso você queira pegá-las emprestado.

— Isso não é necessário. — Balancei a cabeça, sabendo que se nós pegarmos emprestado hoje, eu terei que vê-lo novamente quando for devolvê-las, e só há um limite de estar perto dele que eu posso lidar. E acho que alcancei meu limite.

— Não é um grande negócio, Shel.

— Sim, mamãe, não é um grande negócio, — Hunter concorda do meu lado, mas minha mente está totalmente voltada para Zach e o fato de me chamar de Shel. — Mãe. — Hunter cutuca meu ombro, e meus olhos balançam na direção dele.

— Hum... — mordo meu lábio, querendo saber como sair dessa sem soar rude.

— Você quer vir conosco? — Hunter pergunta, olhando para Zach, e meus olhos se arregalaram.

— Certamente Zach está ocupado hoje, querido, — cortei rapidamente, olhando para Zach e orando para que de repente eu tenha o poder de controle da mente. De maneira nenhuma eu poderia passar o dia com ele.

— Não estou. — Ele sorri, segurando meu olhar, e meu coração despenca.

Porcaria.

— Deixe-me pegar as crianças. Podemos pegar o meu barco. Eles provavelmente gostariam de ficar na água por algumas horas.

— Um barco? — Hunter suspira na excitação de menino, e quero tanto cobrir o rosto com as mãos e gritar a plenos pulmões que isso não está acontecendo.

— Um barco, — Zach concorda suavemente, com os olhos em Hunter.

— Puxa, sim, — Hunter grita, jogando os braços no ar antes de começar a saltar ao redor da sala.

— Vou encontrar vocês em uma hora. Precisarei de um tempo para fazer Aubrey e Steven saírem da cama. — Zach sorri, bagunçando o cabelo de Hunter ao passar por ele e se dirigir para a porta da frente.

— Vou me arrumar! — Hunter grita, saindo correndo da sala. Isso me deixa ali, ouvindo a porta da frente se fechar logo atrás de Zach, e o som dos pés de Hunter batendo nas escadas.

Inclinando a cabeça para trás, eu olho para o teto e fecho os olhos, rezando para ser atingida por um raio. Quando isso não aconteceu, eu desisto e vou para o meu quarto para me arrumar. Finalmente, após tirar quase todos os itens de roupa do meu armário, eu resolvo colocar sapatilhas e jeans desgastados que ficava muito apertado em mim, mas agora me cabe confortavelmente, meu quente suéter cinza claro, e minha fina capa de chuva preta.

Continuei dizendo enquanto me arrumava que não importa absolutamente o que eu usasse, ou se usasse uma máscara. Tudo o que iríamos fazer era ir pescar. Embora não conseguisse parar de sentir como era importante provocar uma boa impressão nas crianças de Zach. Apenas o pensamento de conhecê-los deixou minhas mãos suadas e meu estômago se revirou mais uma vez. Realmente não sei se serei capaz de lidar com conhecê-los, sabendo quem é a mãe deles e quem Zach costumava ser para mim.

— Mãe, você está pronta? — Hunter grita, interrompendo meus pensamentos enquanto fecho minha jaqueta.

— Estou indo. Espero que você tenha algo quente. Pode ficar frio na água, — grito enquanto amarro meu cabelo em um rabo de cavalo e saio do quarto.

— Isso é quente o suficiente? — Ele pergunta quando entro na cozinha, onde ele está terminando sua tigela meio comida de cereal empapado, vestindo um moletom e jeans.

— Sim, mas leve sua capa de chuva, apenas no caso, — eu digo, e ele revira os olhos, parecendo um adolescente em vez de um menino.

Deixando a tigela na pia, ele murmura: — Vou pegá-la, — antes de sair correndo e voltar um momento depois, sem fôlego, com a capa na mão. — Você está pronta? — Ele pergunta de novo, e sorrio para ele, balançando a cabeça.

— Vamos. — Balanço a mão e sigo-o para fora da casa, descendo as escadas da frente. Zach e seus filhos estão esperando ao lado de uma grande caminhonete vermelha de quatro portas, rodeado por varas de pesca e caixas de apetrechos. Assim que Zach nos vê chegando, seus olhos me varrem e os lábios inclinam nos cantos.

— Aubrey, Steven, esta é Shelby e seu filho, Hunter, — Zach diz, apresentando-nos e colocando a mão sobre cada um dos ombros dos seus filhos assim que nos aproximamos.

— Prazer em conhecê-los, pessoal. — Sorrio, ou tento, enquanto eu os estudo. Não posso evitar, mas me pergunto se Samuel teria se parecido com eles ou com Hunter quando tinha a idade deles. Então me pergunto se Zach pensou a mesma coisa quando conheceu Hunter pela primeira vez.

— Oi. — Aubrey sorri suavemente, parecendo uma bela versão de seu pai, com longos cabelos escuros, pele clara e olhos verdes que contrastam com sua pele clara.

— Hey, — Steven murmura; e agora que estamos próximos, noto que ele se parece muito com a mãe. Seu cabelo loiro é um pouco longo demais e seus olhos azuis parecem estar em um turbilhão adolescente.

— Vamos arrumar a caminhonete, rapazes, — Zach diz, e os olhos de Steven se movem para ele e estreitam.

— Ainda não sei por que eu não poderia ir pescar com meus amigos, — ele resmunga, recostando-se contra a caminhonete atrás dele. — Mamãe disse que estava tudo bem para ela.

— Não é a noite da mamãe, cara. Este é o meu único dia de folga esta semana, assim você terá que fazer planos com seus amigos outro dia, — Zach responde com uma pontada de advertência em seu tom conforme estuda seu filho.

— Que seja, — Steven responde; se afastando da caminhonete e efetivamente rejeitando as palavras de seu pai enquanto se move para pegar uma das caixas de equipamento do chão.

— Cuidado com a atitude, — Zach adverte, travando seu olhar firme sobre o menino, que balança a cabeça em resposta e caminha até a parte de trás da caminhonete sem outra palavra.

— Eu disse a ele para fazer planos com Mike amanhã, — Aubrey diz suavemente, e seu pai acena com a cabeça uma vez, em seguida, olha para mim.

— Você estará quente o suficiente? — Ele pergunta.

— Eu... Eu acho que sim, — respondo, ouvindo Hunter rir do meu lado.

— Bom, suba. Vamos em minha caminhonete.

— Hum... — eu paro. — Preciso parar e pegar nossas licenças de pesca, então nós podemos simplesmente encontrá-los onde quer que seu barco esteja.

— Vamos parar e buscá-las no caminho, — ele exclama; sua atenção movendo-se para Hunter. — Vamos carregar o material, garoto. — Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ele se afasta com Hunter o seguindo. Ambos trabalham para colocar nossas coisas na parte de trás da caminhonete, deixando-me ali com Aubrey.

— Ignore Steven, — ela sussurra. — Ele sempre acha que o pai é o cara mau, mas ele não é. Mamãe apenas permite que ele faça o que quiser.

— Oh, — sussurro, sem saber o que dizer, desde que tenho o mesmo problema com o meu ex.

— Nossa mãe está sempre fazendo coisas assim. — Ela balança a cabeça, abrindo a porta de trás da caminhonete, colocando um pé no alto, levantando-se para a cabine para olhar para mim, e sorrindo por cima da porta. — Você pode ir na frente com o papai.

— Ótimo. — Sorrio, fingindo felicidade, e abro a porta do passageiro. Quando subo para o banco, eu me pergunto como diabos eu acabei aqui, não encontrando a resposta. Assim, eu sento ao lado de Zach no caminho até a loja.

— Você precisa de uma licença de um ano, — Zach diz ao meu lado, e fecho meus olhos em frustração. Quando os abri novamente, eu pergunto: — Onde estão as crianças? — Ignorando o comentário dele.

— Oi, Xerife Watters. — A mulher atrás do balcão sorri para Zach como se ele fosse parte da mais nova boy band, e lhe entrego os papeis que preenchi.

— Hey, Sally. — Ele levanta o queixo e olha para mim.

— As crianças estão escolhendo a junk food, — ele diz, pedindo para Sally lhe entregar os papeis que acabei de entregar a ela. Então ele pega a caneta da minha mão e risca a opção para as licenças diárias e assinala aquela que dura por um ano. — Obrigado. — Ele sorri, fazendo-a corar quando devolve os papéis.

— Sério, não precisamos de passes para o ano. — Balanço a cabeça, e os olhos de Sally encontram os meus. Ela pisca como se não pudesse acreditar que não estou concordando com o que Zach diz.

— Você mora aqui agora. Eu saio com o barco, pelo menos, uma vez por semana. Tenho certeza que Hunter gostaria de sair para pescar mais do que uma vez. — Ele acena para Sally, e com isso, ela se vira, deixando-me ali com a boca escancarada enquanto ela vai para o computador. — Além disso, é mais barato.

— Isso é... — faço uma pausa, tentando pensar no que é isso. — Isso é loucura, Zach.

— Por quê? — Ele franze a testa, e puxo a respiração, me perguntando se preciso soletrar para ele. Quero dizer, nós namoramos, tivemos um filho juntos, e não falei com ele em quinze anos. Existe realmente algo que eu precise dizer? — Sinto que a situação meio que fala por si.

Correndo os dedos pelos cabelos, ele me prende no lugar com um olhar que não vi em quinze anos. — Nós temos um passado, Shel. Também temos uma conexão que ninguém nunca entenderá, — ele diz calmamente, e meu estômago fica em nós.

— Mãe, você sabia que uma caixa de Twinkies custa quase oito dólares aqui? — Hunter pergunta, interrompendo o momento e cortando as palavras que estão na ponta da minha língua.

— Tudo custa mais aqui, querido, — explico, virando-me para encará-lo enquanto Aubrey e Steven caminham atrás dele, cada um com os braços cheios de junk food.

— Por quê? — Hunter faz carranca.

— Tudo tem que ser enviado ou vir de avião, então eles aumentam o preço para compensar isso.

— Mas... Oito dólares? — Seu nariz enruga e as sobrancelhas franzem. — Isso é um roubo total, — ele praticamente grita, me fazendo rir e Zach gargalhar.

— Então você não quer que eu os compre para você? — Pergunto, e seus olhos caem para a caixa de Twinkies em suas mãos – um de seus doces favoritos – antes de olhar para mim, parecendo em conflito.

— É melhor eles serem os melhores Twinkies em todo o mundo, — ele diz em voz baixa, quase para si mesmo, e Steven, que não vi sorrir nenhuma vez, mostra um sorriso parecido com o que seu pai costumava dar.

— Aqui está. Você pode pagar por estes quando passarem no caixa. — Sally brilha – de novo – entregando a Zach nossas licenças de pesca, e não a mim, fazendo-me revirar os olhos.

— Obrigado, Sally.

— Claro que sim. — Ela cora, desta vez mais forte do que antes.

— Vamos, — Zach murmura, colocando a mão sobre a parte inferior das minhas costas e me conduz para os caixas, com as crianças liderando o caminho. Esforço-me para ignorar a sensação de sua mão em mim enquanto nós caminhamos, mas é tudo o que posso focar.

— Ei, mãe. — Afastando a minha atenção da mão de Zach, eu olho para cima pensando que Hunter está me chamando, mas em vez disso, encontro Tina andando em nossa direção com uma carranca no rosto que é dirigida a mim.

Sério, não preciso disso.

— Sério? Nem mesmo uma semana! — Ela grita, olhando entre Zach e eu. — Nem mesmo a porra de uma semana, — ela repete quando está mais perto, e paro automaticamente.

— Tina. — Zach anda na minha frente, bloqueando-a de minha vista.

— Eu deveria saber. Deveria saber que isso ia acontecer! — Ela grita, e me aproximo das crianças, não os querendo em qualquer lugar perto dela agora.

— Mãe, — Hunter sussurra, e se move tão perto de mim que seu braço escova o meu.

— Não aqui, — Zach rosna, bloqueando Tina quando ela tenta passar por ele.

— Não aqui? Então onde, Zach? — Ela grita, fazendo Aubrey saltar e choramingar.

— Vamos lá pessoal. Deixem suas coisas e vamos esperar lá fora, — eu digo em voz baixa, movendo as crianças para o caixa mais distante de Tina e Zach.

— Não diga aos meus filhos o que fazer, porra! — Tina grita, inclinando-se em torno de Zach e apontando o dedo para mim.

— Abaixar a voz, Tina.

— Foda-se, Zach. Sua ex-namorada volta, e de repente você está passeando pela cidade com ela e nossos filhos? Acho que não, porra.

— Mãe, — Hunter diz calmamente, e meu estômago afunda quando vejo o olhar em seus olhos.

— Querido. — Estendo a mão para ele, mas ele dá um passo para longe de mim.

— Vou levá-lo ao tribunal novamente, imbecil, — Tina continua falando alto, enquanto meu coração se parte. — Steven já disse que quer morar comigo, e quando eu disser ao juiz sobre como você e aquela cadela deram o filho de vocês há quinze anos, quem você acha que ele vai escolher então? — Ela grita a plenos pulmões, empurrando Zach no peito. Choramingando, eu dou um passo atrás, não acreditando que ela acabou de dizer isso com as crianças e um grupo de pelo menos dez pessoas assistindo.

— Pai, — Aubrey sussurra.

Zach late: — Fora, agora.

Mas é tarde demais. O dano está feito.

— Um aviso, Tina. Isso é tudo que estou te dando antes de chamar Arney. Não pense que não vou mandar prendê-la, — ele sussurra baixo, próximo do rosto dela.

Vendo-os distraídos, eu me movo em direção as crianças e digo em voz baixa: — Gente, deixe suas coisas. — Eles correm e fazem como os instruí a fazer, então os levo para fora da loja sem olhar para trás.

— Vocês querem esperar pelo pai de vocês, ou querem andar com Hunter e eu até a casa? — Pergunto uma vez que estamos no estacionamento, e Aubrey olha para seu irmão, esperando que ele decida.

— Vamos esperar pelo nosso pai, — Steven diz, e aceno, dando-lhes um sorriso trêmulo.

— Vou levar Hunter para casa. Fiquem perto da caminhonete do pai de vocês até que ele saia, ok?

— Claro, — Aubrey diz, e Steven levanta seu queixo para mim, então envolve seu braço em torno do ombro de sua irmã.

— Eu realmente sinto muito, — sussurro, e com isso eu vou embora, com Hunter andando alguns passos na minha frente, com o rosto voltado para o chão.

— Querido, — eu digo, estendendo a mão para tocar seu ombro quando estamos perto da casa, mas o balançar de sua cabeça permite-me saber que ele não quer ouvir o que eu tenho a dizer. Não que eu mesma saiba o que dizer neste momento.

Pensei muito ao longo dos anos sobre como eu diria a Hunter sobre a adoção de Samuel, e na minha cabeça eu sabia todas as coisas certas a dizer, e imaginei qual seria a reação de Hunter sobre a notícia. Nunca em meus sonhos mais loucos imaginei que ele descobriria sobre isso no meio de uma mercearia, com os filhos de Zach presentes.

Assim que abri a porta da casa, Hunter subiu as escadas correndo, deixando-me na entrada me sentindo perdida. Tirando meu casaco, eu lanço-o no sofá na sala de estar, sento na cadeira – uma das poucas coisas ainda restante do meu avô na sala – e coloco minha cabeça em minhas mãos.

— O que eu faço agora? — Pergunto, então levanto a cabeça quando uma batida soa na porta. Limpando as lágrimas do rosto, eu vou até a porta. Abrindo-a assim que a mão de Zach está suspensa no ar, preparando-se para bater novamente.

Seus olhos estão cheios de preocupação. Seu cabelo está uma bagunça desgrenhada, como se tivesse estado puxando-o no caminho para cá. — Você está bem? — Sem me dar tempo para responder a pergunta, ele coloca a mão no meu estômago e me empurra para dentro de casa. Assim que a porta está fechada, ele me puxa em seus braços. — Sinto muito, Shel, — ele sussurra, passando as mãos por cima da minha cabeça e pelas minhas costas.

— Não posso acreditar que ela fez isso. — Percebendo onde estou, eu empurro contra o peito dele e dou um passo atrás, apontando para a porta. — Você precisa ir embora.

— Shel...

— Não. — Balanço a cabeça freneticamente, limpando minhas bochechas. — Não posso fazer isso.

— Não. — Ele dá um passo em minha direção, e dou outro passo para trás, não querendo que ele me toque novamente. Não querendo que ele me tocasse novamente.

— Você deveria ir falar com os seus filhos. Tenho certeza de que estão chateados, — sussurro, apontando novamente para a porta.

— Eles sabem sobre Samuel. Já sabem sobre ele desde que eles tinham idade suficiente para entender o que é a adoção.

— O quê? — Suspiro, dando mais um passo para longe dele. Não posso acreditar que ele não me avisou, não só sobre a Tina, mas sobre o fato de seus filhos saberem sobre nosso filho.

— Eu conheço Tina, e sabia que ela diria a eles. Eu não a queria colocando merda nas cabeças deles, então eu falei com eles primeiro.

— Oh, Deus.

— Suponho que Hunter não sabe sobre a adoção, — ele sussurra, movendo-se em minha direção mais uma vez.

— Não, ele não sabe sobre isso! — Grito, balançando a cabeça. — Ou não sabia, — eu sinto um soluço subir pela minha garganta e cubro meu rosto. — Estava esperando até o momento certo para dizer a ele.

— Vocês tiveram um filho? — Hunter pergunta, e viro para encontrá-lo perto da parte inferior da escada, olhando entre Zach e eu. — E você o deu?

— Querido. — Puxo uma respiração irregular e dou um passo em sua direção, mas ele balança a cabeça e me encara.

— Você deu o seu filho?

— Por favor, venha sentar-se.

— Diga-me agora! — Ele grita; sentindo uma dor, fecho minhas mãos em punhos.

— Sim, Zach e eu tivemos um filho, mas não, nós não apenas o demos. Escolhemos uma família para criá-lo porque éramos muito jovens para cuidar dele, e queríamos que ele tivesse a melhor vida possível, — explico calmamente, sentindo Zach se aproximar e colocar a mão nas minhas costas.

— Por que você nunca me contou? — Hunter pisca, tentando lutar contra as lágrimas enquanto seu lábio oscila.

— Eu... — fecho meus olhos, rezando para conseguir dizer isso direito. — Estava esperando o momento certo, esperando até que tivesse idade suficiente para entender.

— Você disse que vocês dois eram apenas amigos. Você mentiu para mim.

— Eu sei, querido. Mas não via Zach há muito tempo, e você é jovem. Tão jovem. Não sabia se entenderia.

— Não sou um bebê. Você sempre me trata como um bebê. — Lágrimas escorrem por suas bochechas enquanto o queixo treme novamente.

— Você sempre será meu bebê. — Balancei a cabeça, dando um passo em direção a ele. — Não importa quão grande você fique, você sempre será meu bebê, e eu sempre farei tudo ao meu alcance para protegê-lo.

Suas mãos ficam em punhos ao seu lado e os olhos se estreitam. — O papai sabe?

— Sim. — Aceno. Max sabia sobre Samuel e Zach. Eu disse a ele quando começamos a namorar. Quando acreditava que ele tinha o poder de me curar. Quando ele *queria* me curar.

— Meu pai nunca me disse.

— Não, ele não disse, — concordo. — Ele esperava pelo momento certo, também.

— Eu quero ir para casa, — ele repete sua declaração anterior, e eu pisco para uma corrida de lágrimas, porque ele *está* em casa, mas ele fala sobre o desejo de voltar para casa de seu pai.

— Vem sentar-se, garoto, — Zach instrui em silêncio, e os olhos de Hunter se viram para ele e estreitam. — Eu quero conversar com você, e então eu deixarei você e sua mãe conversarem.

— Za... — começo, mas sou cortada quando Hunter desce os dois últimos degraus e passa por nós até a sala, onde se senta no sofá, cruzando os braços sobre o peito.

— O quê? — Ele pergunta de forma soberba, encarando Zach. Se não fosse pela situação, eu o repreenderia por ser rude, mas sei que agora não é o momento para isso. Em vez disso, me sento no sofá ao lado dele, mas ainda longe o suficiente para dar-lhe o seu espaço.

— Quero te contar uma história — Zach começa, sentando-se à mesa de café na frente de Hunter.

— Zach, — tento de novo, só para parar quando seus olhos cortam para mim.

— Deixe-me falar, então eu vou embora.

— Ok, — concordo, cedendo quando vejo a dor profundamente enraizada em seus olhos.

— Quero te contar uma história sobre um menino que cresceu com nada. Ele morava com a mãe e o pai em um apartamento de um quarto. Seus pais não tinham empregos na maioria das vezes. Ele não tinha uma cama para dormir, ou comida para comer na maioria dos dias, e no inverno, ele nem sequer tinha um casaco para vestir na escola, até ter idade suficiente para trabalhar e comprar um para ele. Você entende isso? — Ele pergunta, e Hunter assente. — Bom, — ele diz em voz baixa.

— Esse menino com nada se apaixonou por uma menina bonita quando tinha dezesseis anos. — Ele continua suavemente, — Ele sabia que a menina seria o amor de sua vida a partir do momento em que pôs os olhos nela. Sabia que queria dar o

mundo para ela, mas também sabia que, a fim de fazer isso, ele teria que trabalhar muito duro.

Lágrimas começam a borrar a minha visão enquanto mordo o interior da minha bochecha para não deixá-las cair. Eu conhecia o passado de Zach, eu sabia como ele cresceu, e sabia o quanto ele odiava.

— Um dia essa menina disse que estava grávida. Primeiro, ele ficou animado com a ideia de se tornar um pai e começar uma família com ela. Mas então ele percebeu que não seria capaz de cuidar de um bebê ou da menina que amava, não da forma como um homem deve cuidar de sua família. Diante disso, e sabendo como era crescer sem nada, ele e a menina decidiram dar o bebê para uma família que se certificaria de que ele sempre tivesse tudo o que precisava. Não foi fácil para nenhum dos dois, mas isso é o quanto eles o amavam. — Ele faz uma pausa, deixando suas palavras flutuarem.

Respirando fundo, eu luto contra a dor passando por mim. A dor da sua história. A dor do nosso passado. E o fato de saber que ele é totalmente cheio de merda.

— Eu sei que foi difícil para você descobrir o que descobriu hoje, mas espero que você seja grande o suficiente para entender que a sua mãe e eu fizemos o que pensávamos que era melhor, e que não foi algo fácil para nenhum de nós.

— Eu entendo. — Hunter engole, olhando para mim.

Zach estende a mão, massageando o ombro de Hunter. — Vou deixar vocês conversarem agora, mas se tiver alguma dúvida, ou simplesmente quiser conversar, eu estou ao lado.

— Ok. — Hunter concorda com a cabeça, e mantenho meus olhos nele, evitando olhar para Zach.

— Shel.

— Huh? — Perguntou, agarrando a mão de Hunter.

— Você pode me acompanhar até lá fora?

Dando a Hunter um sorriso, eu passo a mão pelo rosto dele, e levanto, seguindo Zach para a porta, com os olhos no chão e minha mente alvoroçada.

— Shel.

— Por favor, apenas vá. — Abro a porta, mantendo a minha atenção em meus pés quando o sinto se aproximar. — Por favor. — Aperto meus olhos fechados enquanto seus dedos levantam meu queixo.

— Olhe para mim, Shel. — Balanço a cabeça, não confiando em mim mesma para falar. — Por favor. — Minhas pálpebras lentamente se abrem sem a minha permissão, e quando nossos olhares se conectam, minha respiração engata dolorosamente. — Isso não foi o fim da minha história ou o fim dos meus arrependimentos. Espero que um dia você me deixe lhe dizer o que aconteceu depois de você.

— Eu sei o que aconteceu. — Eu me inclino um pouco e abaixo a minha voz para Hunter não poder ouvir. — Você provou que tipo de homem você era quando teve uma mulher grávida e se casou com ela. Não minta para você ou para mim, e, por favor, acredite em mim quando digo que eu conheço a sua história. — Com isso, eu afasto meu queixo de suas mãos e dou um passo atrás. — Por favor, saia.

— Isso ainda não acabou, — ele rosna, inclinando seu rosto sobre o meu.

— Acabou a mais de quinze anos. — Levanto o meu queixo, mantendo meus olhos fixos nos dele antes de soltar a respiração que eu segurava quando ele se vira e vai embora. Fechando a porta, eu me inclino contra ela por um momento, tentando descobrir por que dói tanto vê-lo partir.



CAPÍTULO 3

ZACH

— Eles estão bem, pai? — Aubrey pergunta baixinho da sala de estar, logo que eu abro a porta da frente, antes mesmo de ter a chance de entrar completamente na casa.

Eu sabia que a minha menina estaria preocupada com Shel e seu filho. Também sabia que ela estaria esperando eu voltar para que pudesse ver por si mesma que eu estava bem. Eu estava chateado quando os descobri esperando do lado de fora da loja perto da minha caminhonete, com Shel e Hunter muito longe. Não que não apreciei Shel tirar as crianças da loja, mas eu queria ter certeza que ela e Hunter estavam bem.

Fechando a porta, entro na sala, onde ela está de pé, ainda com sua jaqueta e sapatos. — Eles ficarão bem.

— Tem certeza? Hunter parecia realmente chateado, — ela sussurra, mordendo o lábio e olhando para a porta.

— Ele estava chateado. Ele não sabia sobre Samuel até agora, e foi muito para ele levar. — Ainda estou meio chateado pra caralho com Tina pela merda que ela disse na frente dele e das crianças. Eu sabia que quando ela visse que Shel estava morando ao lado não demoraria muito para que falasse do passado, mas não tinha ideia do caralho que ela vomitaria seu veneno no meio do supermercado, com todos presente.

— Shelby... Shelby está ok?

A resposta a essa foi *porra, não*, mas não direi isso para minha filha.

— Ela ficará bem, linda. — Dou-lhe um sorrisinho tranquilizador e pego minhas chaves da mesa da entrada. — Vou descarregar a caminhonete. Faça-me um

favor e fique de olho em seu irmão. Certifique-se de que ele não faça algo pelo qual eu terei que prendê-lo. — Eu digo tentando fazê-la sorrir.

— Ele está no quarto dele, conversando com Jay. Está bravo com a mamãe por ela dizer para você que ele quer viver com ela, — ela diz, tirando a jaqueta e jogando-a no sofá, onde todas as jaquetas e suéteres dela e de seu irmão se acumularam. Olhando da pilha para ela, eu me pergunto por que diabos eu ainda tenho um armário de casacos a alguns metros de distância. — Mamãe estava realmente chateada, — ela aponta, tirando as botas perto da porta. — Steven disse que ela estava com ciúmes.

— Bre. — Corro minhas mãos pelo meu rosto, desejando que ela tivesse três anos de novo e alheia ao mundo ao seu redor.

— Estou apenas dizendo que vocês não estão juntos, em tipo, sempre. Além disso, ela namora o tempo todo, e você não se importa.

— Não sei por que sua mãe faz metade da merda que faz, e duvido que vamos descobrir isso em breve.

— Vinte e cinco no pote de xingamento, — ela murmura, e balanço a cabeça observando seu sorriso antes dele desaparecer. — Steven realmente não quer viver com a mamãe, sabe, — ela diz em voz baixa depois de um momento, e eu a puxo para um abraço. Minha menina tem tentado manter a nossa família unida desde que era pequena.

— Eu sei disso, linda. — Beijo o topo de sua cabeça, e me afasto para olhar em seus olhos. — Se você for ficar aqui por algum tempo, pendure todos aqueles casacos no armário e leve as coisas de Steven e as suas para seus quartos. — Aceno para a pilha no sofá. — Então, descubra o que vocês querem fazer para o jantar.

— Tudo bem, — ela murmura, enquanto a solto e viro para a porta, só parando quando ela fala novamente. — Ela é muito bonita.

— Ela é, — eu concordo, sabendo que ela está falando de Shelby. Eu também sei que *bonita* não chega nem perto do que eu a chamaria. Quando era mais nova, ela era bonita. Agora que cresceu, ela é linda, além da beleza.

— Você acha que eles gostariam de vir para o jantar?

— Não esta noite, mas você pode pedir outro dia, assim que as coisas se acalmarem.

— Ok, papai, — ela concorda, e com isso, eu abro a porta e saio para a varanda, então, vou para a caminhonete e começo a descarregá-la, mantendo meus olhos na casa ao lado enquanto o faço.

Quando Shel foi embora, eu estava determinado a esperar por ela. Eu sabia no meu interior que ela voltaria. Eu sabia que ela só precisava de tempo para resolver sua cabeça. Após três meses, e nenhuma palavra dela, a realidade da situação começou a me afetar de uma forma que não era saudável, e foi quando eu comecei a beber e usar drogas diariamente para lidar com a dor de não só perdê-la, mas ao nosso filho também. Então, uma noite, eu fodi em mais de um sentido e dormi com Tina.

Eu gostaria de poder dizer que havia algo nela que me levou a fazer o que fiz, mas a verdade é que ela estava lá. Ela honestamente poderia ter sido qualquer uma. Na manhã seguinte, quando acordei com ela na minha cama, eu terminei as coisas e a cortei da minha vida completamente. Esse também foi o dia em que percebi que precisava organizar minhas coisas, então fui e conversei com o xerife do momento e pedi um emprego, uma vez que trabalhar em barcos não me daria a estabilidade que eu precisava. Ele me conhecia, e a minha história, e me disse que se eu estava falando sério, eu tinha um emprego, mas que precisava terminar a escola primeiro.

Dois dias depois eu voei para Anchorage. Quatro meses depois – um mês após voltar para a cidade – Tina apareceu na estação e me disse que estava grávida. Não só estava grávida, mas estava grávida de gêmeos, e ela ia mantê-los, e esperava que eu fosse um pai e tentasse fazer funcionar um relacionamento entre nós.

Eu não queria ficar com ela, mas sabendo o quanto fodi no passado, eu estava determinado a tentar. Um mês antes das crianças nascerem, Tina foi morar comigo, e dois meses após o nascimento, nos casamos. Posso dizer honestamente que tentei fazer funcionar as coisas com ela, mas após sete anos ouvindo-a reclamar de tudo e brigando sem parar, eu sabia que era melhor para os meus filhos crescerem em um lar desfeito, ao invés de tê-los crescendo infelizes. Então, eu disse a ela que queria o divórcio.

Foram necessários dois longos anos para ter a merda resolvida, mas no final, ganhei a guarda total dos meus filhos e Tina tem os fins de semana. O arranjo funcionou para ela, até recentemente, quando ela começou a precisar de mais dinheiro, e de alguma forma se convenceu de que ter a guarda total das crianças seria uma maneira de consegui-lo.

— Pai.

— Sim? — Saio da minha cabeça e olho para Steven, que está na borda da calçada, com as mãos nos bolsos da frente da calça jeans, parecendo preocupado.

— Hum... Minha mãe disse que está vindo para conversar, — ele diz em voz baixa, e posso dizer que ele não queria dar-me a notícia, mas Aubrey está, provavelmente, ignorando as ligações de sua mãe depois do que aconteceu. Steven, que Tina permite fugir com todas as porras de coisa, nunca não atenderia uma ligação de sua mãe.

— Foda-se. — Enfio a última caixa de equipamento em uma das prateleiras altas e dou um passo atrás, tranco a porta do barracão e enfio a chave no bolso.

— Eu disse a ela para não vir.

— Eu vou lidar com isso, Steven, — murmuro, passando por ele ao ir para frente da casa.

— Pai?

— Sim, filho? — Eu paro para olhar para ele quando ouço o tom de sua voz.

— Sinto muito sobre o que a mamãe fez. Eu não sabia que ela enlouqueceria assim. Se soubesse, eu não teria dito a ela onde estávamos.

Bem, isso responde à pergunta de como Tina sabia onde eu estava e com quem estava. Não que ela não pudesse ter descoberto a informação sozinha. A cidade não é grande, e ao longo dos anos, Tina reuniu um bando de cadelas que, como ela, odeiam o mundo e não têm nada melhor para fazer com seu tempo do que foder com a vida das pessoas. Elas são a principal razão pela qual mantive o número muito limitado de relações que tive em segredo de todos, incluindo dos meus filhos.

— Está tudo bem, cara. Mas de agora em diante, se temos planos, mantenha-os para você mesmo, a menos que eu diga que está tudo bem para dizer a sua mãe.

— Claro, pai. E... — ele balança a cabeça e faz uma pausa, olhando ao lado. — Eles estão bem?

— Eles ficarão bem. Era muito para resolver, e sua mãe não ajudou.

— Mamãe estava realmente chateada, — ele sussurra, mordendo seus lábios. Na maioria dos dias é difícil lembrar que ele ainda é uma criança e que tem um ponto fraco, uma vez que ele sempre o cobre, tentando agir como o grande homem quando está perto de seus amigos, ou como o típico adolescente quando está em casa.

— Ela estava, mas isso não é algo com o que você ou sua irmã precisam se preocupar. Isso é algo entre sua mãe e eu. — Quando eu contei as crianças sobre Samuel, eu deixei de fora a profundidade dos meus sentimentos por Shelby, porque não queria machucá-los. Eles sabiam que a mãe deles e eu não estávamos apaixonados, e à medida que cresceram, isso ficou cada vez mais evidente para eles, mas eu nunca quero que eles se sintam como se fossem um erro.

— Eu não quero viver com ela. Quer dizer, às vezes eu quero, mas gosto de estar aqui com você, e Aubrey também, — confia, me estudando. Corto o espaço entre nós e me aproximo, descansando minha mão ao redor do pescoço dele.

— Entendo que a sua mãe é mais tolerante com você do que eu. Entendo que ela é sua amiga e que você gosta de sair com ela. Entendo por que você acha que é legal viver com ela em vez de mim. Eu nunca vou ser seu amigo, Steven. Não estou dizendo que não podemos nos divertir juntos, que não gosto de passar o tempo com você, que não te amo.

— Eu sei disso, — ele resmunga, olhando para os pés.

Dando um aperto em seu pescoço, eu espero seus olhos encontrarem os meus, e continuo calmamente: — Você não pode manipular a situação para conseguir o que quer. Isso não é justo para mim, sua irmã ou sua mãe.

— Não é isso o que eu estava fazendo.

— É. Você pode não perceber, mas cada vez que você usa sua mãe para conseguir algo, é exatamente isso que você está fazendo.

Seus olhos piscam com aborrecimento e as sobrancelhas se juntam. — Você nunca me deixa sair com meus amigos.

— Cara, você sabe que não é verdade. — Seus olhos caem outra vez com as minhas palavras. — Você está ficando mais velho, Steven. Se quer que eu lhe dê mais liberdade, você tem que ganhá-la.

— Eu posso fazer isso, — ele responde, chutando as pedras a seus pés.

Dando um último aperto em seu pescoço, eu me inclino e toco minha testa sobre a cabeça dele. — Eu sei que você pode, — concordo, em seguida, o solto e me afasto, sem querer fazer um grande negócio sobre a nossa conversa. — Entre e ajude Aubrey com o jantar.

— Claro. — Ele balança a cabeça, em seguida, para quando a picape de Tina vira no quarteirão e estaciona na calçada.

— Entre, cara.

— Mas... — ele olha entre a caminhonete de sua mãe e eu, seus olhos brilhando com o conflito.

— Entre, — repito com mais firmeza. Desta vez, ele ouve e sobe os degraus. Eu espero até que ele entre para me mover em direção a ela.

Seus olhos estreitam em mim e ela abre sua janela, não saindo da caminhonete, o que me irrita. Eu deveria ser um profissional em lidar com ela, com anos de aguentar a sua besteira sob o meu cinto, mas ando em uma linha tênue cada vez que conversamos.

— Eu teria gostado de falar com o meu filho, — ela cumprimenta, olhando feio para mim quando me aproximo de sua porta.

— Você pode ligar para ele, ou digo para ele sair quando eu entrar.

— Que idiota, — ela sussurra, sacudindo a cabeça.

— É por isso que você veio? — Levanto uma sobrancelha, cruzando os braços sobre o peito, querendo que ela fale logo. Quanto antes ela falar, mais rápido eu posso entrar, jantar com as crianças, levantar meus pés e tomar uma cerveja antes de precisar ir para a cama e acordar cedo.

— Não, eu queria pedir desculpas, — ela retruca, e reviro os olhos para o céu por um momento.

— Foda-se, eu sinto muito. Não sabia que você vir aqui toda arrogante era uma forma de desculpas.

— Eu não deveria ter sequer vindo.

— Provavelmente não, — concordo, e ela joga suas mãos no ar, deixando escapar um bufo alto.

— O que você quer que eu faça, Zach? Não posso lidar vê-lo com ela.

— Com quem eu passo tempo não é da sua conta, Tina. Eu não a convidei para ir para a cidade e nos acompanhar.

— Você é o pai dos meus filhos.

— E?

— E? — Seus olhos se alargam. — Você era apaixonado por ela! Você continuou apaixonado por ela ao longo de todo o nosso casamento.

— Você sabia como eu me sentia a respeito dela quando pegou meu pau, Tina. Nunca escondi essa merda de você.

— Eu te odeio, — ela sussurra, e balanço a cabeça, acenando.

— Quando eu estava com você, eu estava com você. Não te traí, não vagabundei, não fiz nada além de cuidar de você e nossos filhos e tentar fazê-la feliz. Você nunca quis ser feliz. Nem sequer tentou esquecer a merda e fazer funcionar entre nós. Você pode sentar aqui o dia todo em seu cavalo alto⁴ e fazer parecer que eu era o cara mau, mas no fundo você sabe que não fui eu quem fez a merda azedar entre nós.

— Que seja. — Ela desvia o olhar, sabendo que estou certo, mas muito porra de teimosa para admitir.

— Você fodeu hoje. Feriu duas pessoas que nunca fizeram nada para você. Você vomitou veneno sobre uma situação que não sabe merda nenhuma, e fez essa merda na frente não apenas de estranhos, mas dos nossos filhos, e de um menino que não tinha uma pista sobre Samuel. Isso não está bem comigo.

— Eu vejo como é, — ela diz, e seu rosto se contorce.

— Estou feliz que você veja, — murmuro, dando um passo atrás. — De agora em diante nós não nos falamos, a menos que tenha algo a ver com Steven ou Aubrey, e na próxima vez que você vir até mim como fez hoje, você não sairá com facilidade.

4 Arrogantemente acreditar-se superior aos outros⁴²

— Você está me ameaçando? — Ela pergunta incrédula; seus lábios entreabertos e olhos arregalados.

— Não, apenas dizendo como será. Você é a mãe dos meus filhos, mas isso não significa que eu não vá prendê-la por colocar suas mãos em mim.

Ela olha fixamente para a casa e murmura: — Justo quando eu acho que não poderia te odiar mais do que já odeio, você prova que estou errada.

— Você quer que eu mande Steven sair, ou quer ligar para ele? — Pergunto, cansado de conversar com ela. Completamente cansado dela.

— Vou ligar, — ela sussurra, e fecha sua janela. Rapidamente ela dá ré em sua caminhonete e acelera, saindo da calçada e seguindo na rua. Uma vez que ela se foi, eu entro na casa e sigo em direção à cozinha, onde ouço Aubrey e Steven discutindo.

— Não quero espaguete. Tivemos isso duas noites atrás, — Steven reclama.

Aubrey murmura algo que não chego a pegar antes de continuar. — Bem, eu quero espaguete.

— Você não é a única comendo, Bre.

— Pai! — Aubrey grita, olhando feio para seu irmão quando eu atravesso a porta para a cozinha. — Você quer espaguete?

— O que eu quero é que vocês dois não discutam sobre tudo. — Vou para a geladeira, pego uma cerveja e torço a tampa.

— Ok, mas você quer espaguete? — Ela pergunta, e luto contra um sorriso quando me viro para encará-la.

— Odeio estragar para você, mas você está em minoria. Escolha outra coisa.

— Precisamos de outra menina por aqui, — ela resmunga, olhando entre seu irmão e eu. — Que tal ziti⁵ cozido?

— Desista, Bre. Nós não iremos comer massas.

— Tudo bem. — Ela pula em cima do balcão cruzando os braços sobre o peito. — Então você pode cozinhar.

— Tudo bem. — Steven revira os olhos e vai para a geladeira, pegando um quilo de carne moída, mas para quando Aubrey pergunta: — O que a mamãe disse?

Tomando um gole da minha cerveja, eu me inclino contra o balcão e olho para os dois. — Nada para vocês se preocuparem.

— Preciso ir até a casa dela sexta-feira? — Aubrey pergunta; a mesma pergunta que ela fez no último mês, sempre que sua mãe deveria tê-los para o fim de semana.

— Sim.

Seus ombros caem. — E se eu não quiser?

— Bre. — Steven balança a cabeça, jogando a carne moída no balcão e olhando para sua irmã.

— O que? Ela nunca está em casa quando estamos lá, então qual é o ponto de nós irmos?

— Perdão? — Abaixo a cerveja de meus lábios e estudo cada um deles.

— Isso não é verdade, Bre.

Com as mãos apertadas em punho e o rosto vermelho, ela diz. — Sim, é, Steven, mas você não sabe disso, porque quando estamos com a mamãe, você sai com seus amigos e eu fico presa sozinha em casa.

— Talvez você devesse fazer alguns amigos, — ele rosna, mas estou cheio. Tão porra de feito que sinto fogo correndo em minhas veias.

— Steven, sua mãe está deixando vocês sozinhos nas noites que vocês estão na casa dela? — Seus olhos balançam para mim e ele engole. — Lembre-se da nossa conversa lá fora, cara, antes de responder a essa pergunta. — Advirto.

— Às vezes, — ele sussurra, lendo o meu tom.

— O tempo todo, — Aubrey fala em voz baixa.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Desde o final do ano escolar, — Steven resmunga, desviando seu olhar do meu.

— Sim, desde que Thomas Kink voltou para a cidade. — Aubrey revira os olhos e o meu corpo para.

— Thomas Kink? — Não conheço bem o cara, mas ouvi falar dele. Ele está sempre aqui durante o verão e faz viagens para a cidade uma vez por mês no inverno. — Sua mãe está vendo-o, Steven? — Pergunto, e seus lábios ficam entre os dentes.

— Não sei. Acho que sim. — Ele dá de ombros. — Por que isso importa?

— É importante, porque vocês estão com quatorze anos, não dezoito anos. Sua mãe sabe que vocês não devem ser deixados sozinhos para que ela possa sair com o namorado.

— Você nos deixa quando vai para o trabalho.

— Quando saio, eu peço a May ou ao Aaron para manter um olho em vocês. Estou a duas quadras de distância e posso passar se algo acontecer.

— Minha mãe sempre diz para a gente ligar para ela, — ele defende.

Bre responde a isso. — Sim, mas se lembra de quando liguei para ela na semana passada? Ela nem sequer atendeu ou retornou depois que eu deixei uma mensagem.

Jesus. Que porra é essa?

— Foi uma vez, Bre. Pare de ser tão dramática.

— Vou parar de ser dramática quando você parar de defendê-la! — Ela grita, pulando do balcão. — Eu a odeio. — Suas mãos estão em punhos e suas bochechas coradas.

— Aubrey, — eu falo, e seus olhos se voltam para mim, acesos com o fogo.

— Eu a odeio, pai. Eu a odeio.

— Acalme-se, — exijo, vendo que ela está aprestes a ter um acesso de raiva adolescente.

— Apenas não entendo por que eu preciso estar lá. Por que não é minha escolha com quem eu fico. Não quero ir para a casa dela, eu odeio ir para a casa dela.

— Isso é tão fodido, Bre! — Steven grita, e minha cabeça gira para ele.

— Meça suas palavras.

— A mamãe o deixa xingar. Ela deixa ele fazer o que quiser o tempo todo, — Aubrey dedura, olhando para o irmão.

— Ambos, parem. Agora! — Eu estalo, e os seus olhos viram para mim. — Até eu saber que vocês têm a supervisão quando estiverem com a sua mãe, vocês não mais passarão a noite na casa dela.

Batendo a mão no balcão, Steven rosna: — Isso é fu-ferrado, pai.

— Não, o que é ferrado é a sua mãe deixar vocês dois sozinhos durante a noite enquanto ela está fora.

— Isso só aconteceu algumas vezes.

— Leva apenas uma vez para algo ruim acontecer, Steven.

— A cidade é segura, pai, — ele continua, e balanço a cabeça.

— No inverno, a cidade é segura. Durante o verão, temos pessoas de todo o mundo que vem para trabalhar nas fábricas de conservas, e barcos que ancoram à noite, então os caras pode sair por algumas horas e relaxar. O que normalmente significa que eles bebem demais e acabam fazendo coisas estúpidas, o que faz com que fiquem sóbrio em uma cela.

— Mas...

— Sem mas, cara. Pense sobre isso por um segundo e verá que estou certo. Não está certo ela lhe dar rédea solta, e definitivamente não é bom para ela deixar você ou sua irmã sozinhos durante a noite.

— Eu ainda quero ver a mamãe.

— E você verá. Não estou afastando vocês dela, mas preciso ter certeza que estamos na mesma página antes de vocês passarem mais uma noite com ela.

— Tudo bem, — ele murmura, e olho para a minha menina.

— Eu sei que você e sua mãe nem sempre se entendem, mas ela é sua mãe. A única que você tem, — digo a ela; e seus lábios apertam bem juntos. Sei que ela está lutando contra as lágrimas enquanto acena com a cabeça. — Agora, o que estamos comendo?

— Tacos, — Steven resmunga, e me inclino contra o balcão, tomando outro gole de cerveja, desejando como a porra não precisar lidar com Tina nunca mais.



Estacionando atrás de Arney, que já está fora de sua caminhonete à minha espera, eu olho para a direita e minha visão fica vermelha quando vejo o cão em questão amarrado a um poste, seu pelo emaranhado e sujo, seus ossos aparecendo através de sua pelagem fina. Nós fomos enviados à residência quando um dos vizinhos

ligou para reclamar sobre o latido excessivo do lado de fora. O idiota não disse nada sobre o animal, obviamente, negligenciado. Desligando minha caminhonete, eu vou ao encontro de Arney a meio caminho entre nossos veículos.

— Verifiquei com os vizinhos. Nenhum deles viu o cão até hoje, mas os latidos vêm acontecendo por alguns dias agora.

— Esse cão foi amarrado a esse poste por mais de alguns dias, — murmuro, olhando ao redor do bairro. A maioria dos trailers e casas aqui são baratos e alugados somente durante o verão, quando os homens e as mulheres vêm trabalhar no porto ou nas fábricas de conservas.

— Você e eu sabemos disso, — ele responde, indo até a cabine de sua caminhonete. Uma vez que ele abre a porta e sobe, ele sai com um saco de carne seca. — Vamos tentar chegar perto e ver como ele reage.

Levantando o meu queixo, atravessamos o quintal de terra em direção ao cão. Mesmo à distância, eu posso ver que a corda no pescoço tem estado algum tempo e começou a aderir em seu pelo e pele. — Hey, — eu chamo quando estou perto, e observo que o cão não é um macho, mas uma fêmea que obviamente teve algumas ninhadas de filhotes. Sua cauda começa a abanar freneticamente e a cabeça cai para o chão, pronta para brincar.

— Acho que não precisamos chamar Paul, — Arney afirma, referindo-se ao nosso cara de controle animal local que também é um dos melhores mecânicos da cidade. Tirando um pedaço de carne seca do saco em sua mão ele estende-o para a cadela, e ela engole imediatamente, sem mastigar.

— Ela é amigável, — eu digo em acordo, acariciando o topo de sua cabeça e usando a mão livre para inspecionar a corda. — Você tem a faca com você?

— Sim. — Ele pega a faca e entrega para mim. Corto a corda perto do poste, sabendo que o veterinário terá que dar uma olhada em seu pescoço antes de removê-la completamente.

— Você sabe quem está morando aqui? — Gesticulo para a casa enquanto entrego a corda que prende o cão e subo os dois degraus para bater na porta.

— Não atendeu quando bati anteriormente, e a casa ao lado e do outro lado não viu ninguém em mais de uma semana.

Espero um minuto para ver se alguém vem até a porta. Quando ninguém aparece, eu desço o pequeno alpendre e pego a corda novamente. — Vou levá-la a Lee, e o encontro na estação.

— Vou ver se consigo descobrir quem estava ficando aqui. — Ele acena para a casa.

Levantando meu queixo, eu levo a cadela para a parte de trás da minha caminhonete e levanto-a, fechando a porta atrás dela. Caminho em torno da cabine e subo, e antes de sair, envio uma mensagem para o despacho, avisando-os que eu deixarei a cadela e estarei fora de contato.



— Ela vai precisar de cirurgia, — Lee diz, afastando-se do cão em cima da mesa. — A corda está grudada muito profundamente para que eu possa simplesmente cortar.

— Imaginei isso. — Passo a mão sobre a cabeça dela, e coço atrás das orelhas.

— Odeio dizer isso, filho, — ele diz calmamente, movendo-se em minha direção. — O custo para deixar esta cadela saudável e em uma boa casa não é algo que posso assumir neste momento. — Olhando para a cadela em questão, seus olhos castanhos olhando entre Lee e eu. A cabeça abaixa para a mesa como se entendesse o que está sendo dito. — Eu gostaria de poder fazer isso, mas agora, apenas não posso permitir isso. Perdemos muito do nosso financiamento no ano passado, e tenho tirado do bolso por algum tempo agora.

— Eu pagarei as contas. Apenas me fale o total quando chegar a hora.

— Zach, — ele balança a cabeça, remove seus óculos, e esfrega entre seus olhos. — Não é tão simples assim, filho. Ainda preciso encontrar um lar para ela, e isso não é uma tarefa fácil.

— Vou levá-la para casa quando chegar a hora, e eu mesmo encontro um lar para ela.

— Você sabe que Steven e Aubrey não deixarão você se livrar dela, uma vez que ela estiver em sua casa.

Ele está certo sobre isso. As crianças têm pedido um cão desde o momento em que eles foram capazes de formar uma frase, mas Tina odiava cães, e eu sabia que se nós tivéssemos um, seria eu quem cuidaria dele. Eu sempre disse não no passado por esse motivo.

— Então eu acho que é o dia de sorte deles.

Ele olha para mim interrogativamente. — Tem certeza de que quer levá-la? Ela precisa de uma série de cuidados. Posso te dar um desconto, mas mesmo assim, o custo ainda será substancial.

— Não posso deixá-la morrer, — murmuro. O custo pode ser um baque em minhas economias, mas dou um jeito.

— Como você vai chamá-la? — Ele pergunta, sorrindo, e olho para a cadela, seu grande corpo marrom deitado sobre a mesa, a cabeça em suas patas. Os olhos dela me encontram, e as sobrancelhas se levantam.

— Penny, — afirmo, e sua cabeça sai de suas patas e inclina para o lado.

— É Penny. — Lee sorri, batendo em meu ombro. — Eu estarei em contato depois que ela sair da cirurgia e para que você saiba como ela está indo.

— Agradeço. — Dou um aperto em seu ombro, em seguida dou a Penny uma massagem antes de sair e caminhar para a minha caminhonete.

— Tina, me ligue quando você receber isso. Nós precisamos conversar, — eu digo, deixando uma mensagem de voz quando entro no estacionamento da estação. Enviei uma mensagem esta manhã, dizendo para ela contatar-me quando tivesse um minuto, mas ela não me ligou. Também liguei na hora do almoço, e ela não atendeu também. Agora, ela me mandou para a caixa postal após dois toques.

Suspirando, eu largo meu telefone no suporte de copo e desligo minha caminhonete, pensando em correr por apenas um minuto antes de voltar para verificar algumas coisas na cidade.

— Zach, você está aí? — Darla pergunta sobre o CB⁶ ligado ao meu rádio e o agarro, segurando o botão.

6 Citizens' Band - Banda dos cidadãos: uma gama de frequências de rádio que são alocadas para comunicação local por particulares, especialmente por rádio portátil ou de veículos.

— Acabei de parar no estacionamento. O que foi? — Tiro minha mão da maçaneta da porta e espero pela sua resposta.

— Aubrey acabou de ligar. Ela precisa de você em casa.

Eu franzo a testa. — Ela disse por quê? — As crianças sabem que quando estou trabalhando, caso precisem de alguma coisa, eles devem atravessar a rua até a casa de May ou de Aaron, a menos que seja uma emergência.

— Algo sobre sua vizinha e Louie, — ela diz, parecendo confusa.

— Porra. Envie Paul para a minha casa — eu lato, ligo minha caminhonete novamente e dou ré. Recuo rapidamente, então eu saio correndo do estacionamento.

Assim que chego à rua, eu acelero até que estou diante da casa, em seguida, piso no freio. Pulando para fora, a porta da frente da minha casa se abre, e Shelby, Hunter, Aubrey e Steven saem para a varanda da frente. Percebo que Shelby está vestida da mesma forma que estava na outra manhã, vestindo shorts curtos de dormir, um top, e sem sapatos. Hunter está vestindo um moletom e tênis. Aubrey e Steven ainda estão usando seus pijamas, o que é normal, uma vez que o relógio só bateu nove horas e no verão eles não saem da cama até depois das onze horas, na maioria dos dias.

— O que está acontecendo?

— Hum... — Shelby murmura, parecendo não saber o que dizer.

— Louie está na casa dela, — Aubrey corta, e meus olhos voltam para ela.

— Repita?

— Hunter não sabia sobre Louie, — Shelby diz calmamente, se abraçando. — Ele estava no meu deck e não fechou a porta de correr quando foi tomar o café da manhã.

— Eu fechei sim, — Hunter defende, olhando para a mãe. — Eu a fechei.

— Louie está na sua casa? — Repeti em descrença.

— Bem, eu não sei ao certo se é ele, mas um urso está na casa. Ele entrou na cozinha quando eu colocava as panquecas na mesa. Não parei para perguntar o nome dele. Simplesmente peguei Hunter e corri para a porta.

— Jesus. — Eu olho ao lado, sabendo que poderia ter sido ruim, realmente muito ruim. Balançando a cabeça, eu olho para Aubrey. — Linda, leve Shel para dentro e pegue algo para ela vestir.

— Claro, pai.

Ela sorri, enquanto Shel murmura: — Está bem. Estou bem.

— Não faz sequer quinze graus, baby. Você nem mesmo pegou seus sapatos. — Seus olhos se movimentam um pouco antes de cair a seus pés descalços, e ela pergunta: — Como vamos tirá-lo da casa?

— Nós não faremos nada. Você e as crianças vão se sentar enquanto espero Paul chegar aqui, — digo, e seus olhos amolecem de uma forma que me pega desprevenido.

— Quem é Paul? — Hunter pergunta, e minha atenção vai para ele.

— Ele é um mecânico...

— Não sei muito sobre os ursos, mas não acho que um mecânico será capaz de fazer qualquer coisa para tirar um urso da minha casa, — Shel diz, me cortando, enquanto os lábios se contorcem e seus olhos dançam. Ela sabe muito bem quem é Paul.

— Espertinha. — Sorrio, e seus lábios inclinam-se mais.

— Não posso acreditar que eu me esqueci de Paul ou que ele ainda está aqui.

— Ainda aqui, e ainda o único na cidade que é capaz de tirar Louie da sua casa sem ferir ninguém. Agora vá e vista algo. Aubrey irá mostrar-lhe ao redor.

— Eu vou me vestir, e espero aqui fora.

— Shel, — advirto, e ela puxa uma respiração antes de resmungar, — Tudo bem.

— Eu vou me vestir papai, e ajudar, — Steven exclama.

— Ok, cara. — Levanto meu queixo, observando-o entrar na casa.

— Ficarei com Zach e Steven, — Hunter insere, e a cabeça de Shel se volta para ele. Ela começa a dizer algo, mas a corto antes dela ter a chance de abrir a boca.

— Ele está bem comigo.

— Mas...

— Ele está bem, Shel. Vá em frente.

Seus olhos estreitam e ouço Aubrey rir, vendo-a pegar a mão de Shel e dar-lhe um puxão enquanto Shel olha feio para mim, e luto contra um sorriso.

— Em nenhum lugar perto do urso, — Shel exige, apontando para Hunter.

— Não sou louco, mãe. — Ele revira os olhos.

— Bem, bom, — ela bufa, enviando um último olhar feio em minha direção antes de girar em seus pés descalços e seguir Aubrey para dentro da casa.



CAPÍTULO 4

SHELBY

Olhando através da janela, eu me pergunto se é muito cedo para ir à loja de bebidas e comprar uma garrafa de vodka ou tequila. — Não posso acreditar que havia um urso na casa, — sussurro, e Aubrey, que está ao meu lado, olhando pela janela, ri mais uma vez, fazendo-me olhar para ela e sorrir. Acho que repeti essa mesma frase vinte vezes desde que os homens – esses homens incluindo não apenas Paul e um jovem rapaz da idade de Steven, mas Zach, Hunter e Steven – ajudaram a retirar o urso inconsciente da casa em uma grande maca.

No início, eu queria sair correndo da casa, gritando para eles fugirem do urso, mas quando Hunter sorriu para Zach e Steven disse alguma coisa para fazê-los rir, eu me segurei. Max ama Hunter; eu sei que ele ama. Hunter é provavelmente a única pessoa no planeta que Max ama completamente, mas ele ainda é Max. Tenso e exigente, mesmo com seu filho de dez anos de idade. E Hunter acaba não agindo como ele mesmo, mas como um adulto na maioria das vezes em que ele está por perto.

Afastando da janela, eu olho em volta da sala de Zach, que é menor do que a minha. Um grande sofá está no canto, e duas cadeiras estão localizadas diante dele, com uma mesa de café no meio e uma prateleira ao lado que se parece com uma escada desigual e com pontas. Esforcei-me para não olhar ao redor quando corri até aqui nesta manhã para usar o telefone, mas agora, vejo que há algumas fotos das crianças nas paredes, mas, além disso, não há nenhuma personalidade real no espaço. Eu me pergunto distraidamente se Tina viveu aqui com eles antes, ou se todos moraram em outro lugar. Vendo uma pilha de caixas no canto, eu vou até lá e levanto a do topo sem pensar e me volto para Aubrey.

— Meu avô adorava quebra-cabeças. — Sorri, segurando a caixa e sacudindo-a, escutando as peças do quebra-cabeça chocalhar.

— Eu costumava montá-los com ele, — ela diz timidamente, e sinto meu rosto suavizar com sua confissão.

— Sério? — Pergunto, e ela balança a cabeça, colocando uma mecha de cabelo longo e escuro atrás da orelha.

— Sim, hum... Antes dele se mudar, Steven e eu costumávamos ir a casa dele depois da escola, caso o papai estivesse trabalhando, e ele e eu montávamos o quebra-cabeças.

Sentando-me no sofá, eu olho para a caixa em minhas mãos, depois para Aubrey. Eu amo que ela teve essa experiência com vovô. Eu amo que ele a tinha aqui depois que eu fui embora. — Eu amo que você conseguiu compartilhar isso com ele, — digo em voz alta.

— Eu sinto falta dele, — ela confia, e lágrimas enchem seus belos olhos, os quais parecem tanto com seu pai. Sem pensar, coloco a caixa na mesa de café e me movo em direção a ela, passando os braços em torno dela em um abraço apertado.

— O que está acontecendo? — Zach pergunta, e nós saltamos nos separando, cada uma limpando nossas faces enquanto sorrimos uma para a outra.

— Nada. Nós falávamos sobre como iniciar um quebra-cabeça, — respondo, mantendo meus olhos em Aubrey enquanto eu falo. O rosto dela suaviza, fazendo algo no meu peito mudar e encher com o calor.

— E isso trouxe lágrimas em ambas? — Ele pergunta em descrença. Eu olho para ele, pensando em como ele parece ficar mais bonito cada vez que o vejo. A julgar pela barba por fazer sombreando sua mandíbula, ele não fez a barba esta manhã, e o cabelo está comprido. Se enrolando um pouco em torno das orelhas e atingindo o topo de sua Henley, esta é azul escuro e coincide com o azul de seus jeans. O cinto em volta da cintura com a sua grande fivela de prata e seu distintivo é o único contraste real entre os dois.

— Somos mulheres. Não precisamos de um motivo para chorar, — afirmo.

— Sim, pai. Nós somos mulheres. Não precisamos de um motivo para chorar, — Aubrey repete, fazendo-me virar para sorrir para ela.

— Se você diz. — Ele balança a cabeça, em seguida, olha de sua filha para mim com um olhar em seus olhos que faz o meu interior vibrar. — Os meninos vão comigo e Paul para libertar o urso.

— Desculpe-me? Vocês farão o quê? — Eu sento reta, cerrando os punhos em meu colo.

— Precisamos ir libertar o urso do lado de fora da cidade. Os meninos vão junto.

— Eu não...

— É seguro, Shel, — ele diz em voz baixa, me cortando. Mastigo o interior da minha bochecha em resposta. Eu queria que Hunter tivesse uma vida diferente daquela que tinha na cidade, mas ter um urso arrombando sua casa, em seguida, soltar o referido urso na natureza parece um pouco extremo. Especialmente, quando eu pensava mais ao longo das linhas dele ser capaz de pescar e crescer desfrutando do ar livre, em vez de sentar na frente da TV ou de um computador o dia todo. — O urso não é Louie, e desde que ele entrou em sua casa uma vez, eu não quero que ele pense que tem rédea livre para fazê-lo novamente.

— Quem era, então? — Franzo a testa.

— Não sei o nome dele. — Ele sorri, e tento me dizer que isso não é engraçado, mas ainda sorrio, de qualquer maneira.

Deixando escapar um longo suspiro, eu faço a pergunta que não quero saber a resposta: — Quão ruim está a casa?

— Não está tão ruim, considerando que havia um urso nela. Há algumas coisas quebradas, e muito da sua comida se foi, mas nada grave.

— Eu vou ajudá-la a limpar, — Aubrey entra na conversa, e esse sentimento em meu peito se expande ainda mais.

— Isso seria realmente doce, — digo, movendo os olhos para ela.

— Vou apenas me vestir. — Ela pula e dá um abraço lateral em seu pai antes de desaparecer.

— Tem certeza de que é seguro para os meninos irem com você?

— Eu não os deixaria ir se não fosse seguro, baby, — garante suavemente, e eu aceno. Olho pela janela da frente, onde Steven e Hunter estão juntos. — Como

Hunter está? — Sua pergunta é falada tão suavemente que não sei exatamente a resposta.

Depois que ele saiu ontem, sentei-me com Hunter e falei com ele sobre a adoção, e um pouco sobre Zach e eu, mas o deixei conduzir a conversa e fazer as perguntas para as quais ele queria respostas. Agora, eu não tenho tanta certeza de que fiz a coisa certa. Eu queria tanto contar a ele sobre o casal que adotou Samuel. Sobre como o pai tinha os olhos mais amáveis do que qualquer pessoa que já conheci, e como a esposa falou suavemente e estava sempre sorrindo. Eu queria dizer a ele que eles estavam esperando um bebê por oito anos e já tiveram uma adoção que se desfez no último minuto, o que quase os destruiu. Explicar que desistir de Samuel foi a coisa mais difícil que eu já fiz na minha vida, mas também a mais gratificante, porque dei a duas pessoas maravilhosas a chance de ser pais. Algo que eles não foram capazes de fazer sozinhos.

Houve um tempo que eu não via toda a beleza na situação como vejo agora. Uma vez, quando eu culpava Zach, quando não deveria fazer isso, porque nós dois tomamos a decisão juntos, o que é algo que eu me sinto horrível agora. Sei que a adoção não foi fácil para ele também. Ainda me lembro de encontrá-lo chorando em silêncio, e eu parti, muito presa na minha própria dor para sequer tentar confortá-lo. Não foi justo da minha parte colocar o peso da minha dor nele, mas ainda fiz exatamente isso.

— Shel.

Meu nome sendo chamado me traz para fora dos meus pensamentos, e movo o meu olhar para ele, balançando a cabeça. — Ele parece bem, — dou de ombros.

— Talvez ele precisasse que você confiasse nele um pouco.

— Talvez, — concordo com outro encolher de ombros, então mordo o interior da minha bochecha. — Sobre o que eu disse ontem, aquilo não foi justo, e sinto muito. — No calor do momento, me deixei dizer algumas coisas realmente não tão agradáveis. Deixei minhas emoções obter o melhor de mim. Eu não conheço a história dele. Posso assumir e adivinhar o que aconteceu quando parti, mas a verdade é que eu realmente não tenho ideia, e honestamente, não estávamos juntos. Não tenho o

direito de me sentir traída por ele quando fui eu quem insistiu que nós terminássemos.

— Conversaremos.

— Isso não é necessário, — digo imediatamente. Não quero falar sobre isso. Nem agora, nem nunca.

— É.

— Não é. — Começo a entrar em pânico. Posso estar encontrando uma maneira de superar a dor que tenho carregado ao redor, mas não quero voltar a cair em qualquer tipo de coisa com Zach. Ou pelo menos, é isso que estou dizendo a mim mesma.

Dando um passo na direção de onde estou sentada no sofá. Seus olhos esquentam e sua voz cai. — Eu gosto de vê-la em minhas roupas.

— O quê? — Suspiro, olhando para a camisa que Aubrey me deu. Eu nem sequer pensei quando a vesti. Apenas a coloquei e me esqueci dela, mas vendo agora, eu me pergunto como não percebi que esta camisa xadrez é de um homem, já que é enorme em mim, batendo no meio da coxa.

— E minhas meias parecem bonitas em você, — ele acrescenta, referindo-se às grandes meias de lã sobre meus pés.

— Oh, hum... Obrigada, — falo como uma idiota, olhando para ele. Ele sorri, fazendo com que borboletas dançam no meu estômago enquanto nós encaramos um para o outro.

— Pronto, — Aubrey diz, e pulo fora do meu transe. Levanto do sofá de repente, ele não se move ou dá um passo atrás, então meu corpo escova contra ele quando passo por ele. Correndo em direção a porta da frente, eu me encontro com Aubrey enquanto ela desce as escadas pulando, usando um par de calças jeans e uma camisa vermelha de mangas compridas, a qual é três tamanhos maiores para seu pequeno corpo. Olhando sua roupa, eu percebo que nas poucas vezes que a vi, ela vestia coisas que eram muito grandes para ela e não fazem nada para mostrar a menina linda que ela é.

— Vamos. — Sorrio, evitando olhar para Zach novamente enquanto abro a porta e saio.

— A gente se vê depois, pai, — eu a ouço dizer atrás de mim enquanto desço as escadas em direção a Hunter e a Steven, que estão perto do urso, que ainda está inconsciente, mas agora está em uma grande gaiola redonda anexada sobre a traseira da caminhonete.

— Vocês não fiquem em qualquer lugar perto do urso uma vez que o soltarem. Vocês me entenderam? — Aponto para cada um deles, e Hunter revira os olhos enquanto Steven parece confuso, me fazendo perceber que não sou a mãe dele e realmente não tenho o direito de dizer a ele o que fazer.

— Mamãe...

— Não venha com *Mamãe*, Hunter. Em nenhum lugar perto do urso.

— Tudo bem, — ele murmura, colocando as mãos no bolso de seu moletom e voltando os olhos para o chão por um segundo.

— Bom. — Com isso, eu dou um último olhar em cada um dos rapazes, e giro para me afastar, batendo diretamente em um grande corpo.

— Você não vai sequer dizer oi para mim, Shelby Lynn?

Levantando minha cabeça, meus olhos se conectam com Paul, e meu rosto suaviza quando olho sua cabeleira salpicada e a barba cobrindo o rosto. Com o tempo, Paul tornou-se apenas mais uma memória para mim, mas quando eu estava crescendo, ele era uma constante em minha vida, como o melhor amigo do meu pai. Depois que meus pais faleceram, ele vinha me visitar frequentemente e checar, para se certificar de que eu tinha tudo o que eu precisava e que eu estava indo bem. Quando eu lhe disse que estava grávida, ele me deu um sermão paternal, em seguida, apoiou a minha decisão de adoção, embora um monte de outras pessoas no momento estivesse contra. Após o nascimento de Samuel, ele foi uma das primeiras pessoas para quem eu contei sobre meus planos de ir embora, e ele tentou me convencer a não ir, mas me apoiou quando eu disse que simplesmente não podia ficar.

— Hey, Paul. — Sorri, inclinando a cabeça para o lado. — Você ainda está aqui, — eu digo suavemente, e seus olhos me digitalizam da cabeça aos pés, enrugando nos cantos.

— Eu estou, e você voltou, — ele responde; igualmente suave. — Seu avô estaria feliz por você estar de volta onde pertence. — Engolindo em seco, eu aceno, e

seus braços me envolvem em um abraço apertado que me tira dos meus pés. — Estou feliz por você estar de volta.

— Eu também, — admito, abraçando-o tão apertado.

Colocando-me sobre os meus pés, ele se afasta e olha para mim mais uma vez. — Você terá que arrumar um tempo para vir a minha casa para jantar. Tenho certeza de que Joe gostaria de vê-la.

— Joe? — Pergunto, e seu rosto suaviza ainda mais.

— Joanne, minha esposa... Muita coisa mudou desde que você se foi.

— Você se casou? — Não sou capaz de esconder a descrença no meu tom. Paul sempre foi solteiro; até mesmo o meu pai disse que ele nunca se casaria, nunca se estabeleceria.

— Casado, e tenho um menino e três meninas. — Ele sorri, fazendo o rosto coberto de barba mudar. — Den, venha aqui, rapaz, — ele chama, e o jovem garoto que vi anteriormente pela janela se aproxima, vestindo calça jeans escura, um fino colete aberto, mostrando uma Henley preta apertada que acentua o seu muscular corpo adolescente. — Den, esta é Shelby, a mãe de Hunter. — Ele dá um tapinha no ombro de seu filho e eu sorrio, pensando que, mesmo em seus, provavelmente, quatorze ou quinze anos, ele é bonito, com uma mandíbula forte, lábios cheios, cabelo escuro e olhos castanhos.

— Prazer em conhecê-la. — Ele sorri, mostrando uma covinha, e eu sorrio para ele, então olho para Aubrey, mas a encontro com os olhos no chão e seu rosto cor de rosa.

Hmm.

— Então você conheceu meu filho? — Questiono, e Paul concorda.

— Eu conheci. Você tem um bom menino, — ele elogia.

— Realmente tenho, — concordo, olhando para Hunter, observando-o sorrir e seus olhos brilharem de uma maneira que não vejo com muita frequência, mas quero ver muito mais.

— E você voltou com Zach. Engraçado o mundo em que vivemos, você não acha? — Minha cabeça oscila de volta para ele e minha frequência cardíaca aumenta.

— N-não, eu não estou com Zach. — Ele olha em meu rosto e seu sorriso se transforma em um sorriso largo quando seus olhos se movem sobre a minha cabeça por um momento antes de voltar para mim mais uma vez.

— Seja como for, estou feliz por você estar de volta.

Deixando escapar um longo suspiro, repito: — Eu também. — Silenciosamente me perguntando por que meu estômago se sente assim.

— Zach tem meu celular. — Ele dá um passo atrás, pegando um conjunto de chaves do bolso. — Pegue com ele e vamos fazer planos para vocês virem jantar uma noite. Eu vivo em um manicômio, rodeado na maioria por mulheres, mas é limpo e cheira bem. Além disso, elas estão sempre cozinhando algo que nove em cada dez vezes tem um gosto bom, por isso não posso reclamar muito.

Sorrio para isso. Meu pai adoraria saber que seu amigo está cercado de meninas. Ele definitivamente acharia que é uma espécie de carma pela forma como Paul costumava namorar.

— Definitivamente ligarei e marcarei alguma coisa, — eu concordo, dando-lhe mais um sorriso.

— É melhor irmos antes que o urso acorde. Nós vamos conversar em breve. — Ele levanta o queixo para alguém atrás de mim, e se afasta, dando um passo para trás, eu vejo ele e os meninos começarem a caminhar para a caminhonete, então giro para olhar para Aubrey, ficando cara a cara com Zach.

— Voltaremos logo. — Seus olhos percorrem o meu corpo e sua voz suaviza. — Fique dentro, baby, e cuide da minha menina.

— Não me chame de baby. — Estreito meus olhos, vendo seus lábios se contraírem antes de afastar seu olhar. — Fique com Shel, linda.

— Eu vou, pai, — Aubrey concorda, e sinto os dedos dele deslizarem sobre os meus brevemente antes de se virar e começa a se afastar.

— Certifique-se de que os meninos fiquem longe deste urso, Zach Watters. — Falo para as costas dele enquanto se dirige para a caminhonete.

— Sim, baby. — Ele murmura sem olhar para mim e solto um *Huff* em aborrecimento, escutando Aubrey rir atrás de mim.

Virando-me, eu sorrio para Aubrey e passo o meu braço em volta dos seus ombros, a levando para a minha casa. Assim que alcanço os degraus e sei que ninguém pode nos ouvir, eu inclino meu rosto em seu ouvido, e sussurro: — Den é super fofo.

— Eu sei, — ela sussurra, e com isso eu abro a porta, sorrindo para os meus pés, e começo a trabalhar, limpando a bagunça que o urso deixou para trás.



— Mãe! — Hunter grita ao entrar na casa, antes que a porta da frente se feche com um barulho e o som de seus pés atinja a madeira no corredor.

— Na cozinha! — Eu grito, amarrando o saco de lixo que Aubrey e eu enchemos com os pratos quebrados da mesa e as caixas de comida abertas dos armários. Zach estava certo; a casa não estava tão ruim, considerando que havia um urso nela. A maioria dos danos foi na cozinha, onde o urso decidiu comer o café da manhã que nós deixamos sobre a mesa antes de ir até aos armários, onde ele, obviamente, cheirou os alimentos.

— Aubrey, seu pai mandou dizer que ele e Steven estão em casa, — Hunter diz, entrando na cozinha.

— Ok, — ela responde, e olha para mim. — Você quer que eu te ajude com qualquer outra coisa antes de ir?

— Não, querida. — Sorrio, entregando o saco de lixo para Hunter levá-lo para fora pela porta dos fundos até a lixeira na parte de trás da casa. — Obrigada por me ajudar com tudo.

— Foi divertido. — Ela sorri e caminha até a pia para lavar as mãos.

— Bem, da próxima vez, eu digo que façamos algo um pouco mais divertido quando a gente sair, como fazer biscoitos ou um bolo.

— Sério? — Ela suspira enquanto suas mãos fazem uma pausa sob a água e os olhos encontram nos meus.

— Absolutamente, — respondo baixinho, estudando-a. Querendo saber por que ela parece tão surpresa. — Eu realmente gostei de passar tempo com você hoje.

— Eu também. — Ela afasta os olhos dos meus e desliga a torneira, abaixando a cabeça enquanto passa por mim em direção à porta da frente. Não sei o que está errado, mas algo sobre a reação dela não está certo para mim.

— Aubrey. — Eu chamo suavemente enquanto a vejo calçar o tênis que ela havia tirado antes de nós passarmos pano.

— Sim? — Ela responde olhando para o chão. Sinto-me franzir a testa, sem saber o que fazer, porque parece que ela está tentando fugir de mim o mais rápido possível.

— Mais uma vez, obrigada, querida.

— Claro. — Ela se levanta, abre a porta, e caminha para a varanda, sem olhar para mim. Quando ela está descendo os degraus da frente, eu mordo meus lábios, e chamo por ela. Os olhos dela me encontram, e a dor que vejo faz meu estômago doer.

— Volte a qualquer momento, e eu realmente falo sério. Se ver a minha van lá fora, você é bem-vinda para vir.

— Obrigada, Shel, — ela sussurra; depois se vira e corre para a casa dela, subindo os degraus correndo e entrando, tudo sem olhar para trás.

— O que há para o jantar? Estou morrendo de fome, — Hunter geme quando fecho a porta e viro o rosto para ele.

— Acho que nós precisamos ir até ao supermercado, filho. O urso comeu a maior parte da comida em casa, — explico, e ele sorri, então olha para mim e para a cozinha novamente.

— Não posso esperar para contar a Eric e Eli que havia um urso em nossa casa. Eles nunca acreditarão em mim. — Ele sorri, e pega seu telefone celular.

— Tenho certeza que eles não acreditarão, — murmuro, rindo.

— Sorte que eu tenho algumas fotos para provar isso. — Ele estende o telefone para mim, e na tela está o urso esparramado no chão da cozinha, com Paul e Zach inclinando-se sobre ele. — Eles totalmente vão querer vir visitar agora.

Oh droga, eu tenho certeza que seus pais vão adorar ouvir que existem ursos que entram nas casas de forma aleatória.

— Por que você não toma banho e lava o urso de você, e depois vamos sair para jantar e você pode me contar tudo sobre o que aconteceu com o urso quando ajudou a soltá-lo.

— Podemos comprar hambúrgueres?

— Claro, — concordo, sorrindo.

— Legal! — Ele grita, e vira para as escadas, com o telefone ainda na mão.

Sorrindo para as costas dele, eu olho para mim. Provavelmente pareço louca. Não tirei a camisa de Zach, mas coloquei um par de botas de chuva quando chegamos em casa e as mantive todo este tempo. Indo para o meu quarto, eu paro quando Hunter desce do sótão parecendo branco como um fantasma.

— O que está errado?

— Hum... Papai está no telefone, — ele sussurra, estendendo o telefone para mim. — Enviei uma imagem do urso para ele.

Porra!

— Está tudo bem, querido, — digo a ele, tocando gentilmente seu braço e levando-o para o meu quarto e até a minha cama para se sentar, então pego o telefone de sua mão e o coloco no ouvido. — Max, — eu digo calmamente, afastando-me de Hunter.

— Que porra, Shel? Você deixou Hunter perto de um maldito urso? O que diabos está errado com você? Pelo amor de Deus, você acha que isso é algum tipo de brincadeira?

— Max, por favor, acalme-se.

— Acalme-se? Você quer que eu me acalme? Meu filho estava perto da porra de um urso. Um urso, Shel. Não posso acreditar que você o colocaria nesse tipo de perigo, — ele rosna, e meu temperamento, que já estava se desfazendo por ver a expressão no rosto de Hunter, começa a escorregar.

— Eu nunca colocaria Hunter em perigo, — assobio, sentindo o telefone na minha mão picar a minha pele.

— Realmente muito engraçado para mim, porque você colocou. Você o deixou perto de um urso, em seguida, o deixou ir malditamente soltá-lo, e ele faz soar como se fosse uma porra de uma viagem à Disneylândia.

— Calma, Max, — eu exijo novamente, virando as costas para Hunter. — Deixe-me explicar.

— Não, eu não quero ouvir nenhuma desculpa. Isso é fodido pra caralho, além de fodido. Quero Hunter comigo.

— Max, por favor, me escute.

— Meu advogado entrará em contato. — Ele desliga. O silêncio que se segue enche meu coração com pavor. Lágrimas enchem meus olhos e meu mundo começa a girar descontroladamente conforme minha visão começa a escurecer.

— Mamãe? — A voz de Hunter corta a dor que está tomando cada polegada de meu corpo. — Mãe? — Ele repete, e sinto seus braços em volta da minha cintura.

Abraçando-o, eu respiro seu cheiro e mergulho na sensação de seu pequeno corpo apertado ao redor do meu. — Sinto muito, — ele sussurra, e meu coração se rompe, provocando uma dor excruciante em mim.

— Tudo bem. Tudo ficará bem, — eu minto, passando minhas mãos por suas costas. Isso não ficará bem. Eu conheço Max. Eu o conheço bem o suficiente para acreditar que se ele diz que vai tirar Hunter de mim, então isso é exatamente o que ele vai fazer.

— Eu dev...

— Você não fez nada de errado. — Eu o interrompi. — Seu pai vai se acalmar e vamos conversar. Vai ficar tudo bem. Ok?

— Sim, mamãe. — Ele balança a cabeça, e pressiono meus lábios no topo da sua cabeça e os mantenho lá enquanto falo.

— Tome um banho. Temos um jantar e você cheira como urso.

— Eu não cheiro como urso, — ele brinca, mas pego o leve tremor em suas palavras.

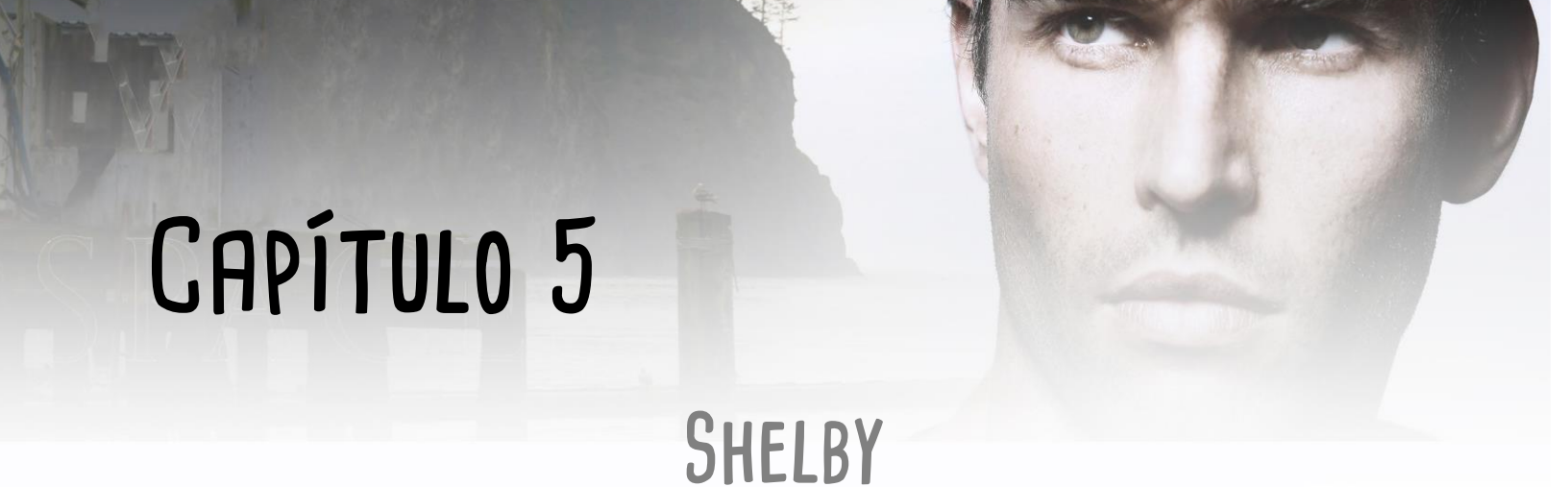
— Você cheira. — Eu sorrio e me afasto, segurando seu rostinho em minhas mãos. — Eu te amo. Eu sei que você não quer ouvir isso de sua velha mãe, mas você deve saber que eu te amo mais do que qualquer coisa neste mundo.

— Eu também te amo. — Seu queixo treme, e juro que se Max estivesse aqui, iria bater nele por fazer meu filho se sentir da maneira como ele se sente agora.

— Agora vá tomar banho.

— Ok. — Ele afasta os olhos dos meus e vira, fechando a porta do meu quarto enquanto sai.

Indo ao banheiro, eu fecho a porta, ligo o chuveiro e tiro minhas roupas. Não quero que Hunter saiba que estou chorando. Não quero que ele me ouça chorar, então eu entro no banho, sento no chão com os braços em torno de minhas canelas, e choro silenciosamente no meu peito até que sou forçada a me levantar e prosseguir, como se o meu mundo não estivesse desmoronando ao meu redor.



CAPÍTULO 5

SHELBY

Repassando o arquivo na minha frente, eu digitalizo a papelada para um empréstimo de negócio que está fechando hoje e paro quando Misty enfia a cabeça no meu escritório.

— Estou saindo para o almoço. Você quer que eu pegue algo para você? — Ela pergunta inclinando-se, um pouco mais da metade de seu corpo está dentro do escritório e a outra metade do lado de fora da porta.

— Estou bem. Preciso resolver isso, e então eu vou pegar um café antes que o Sr. Dorsey chegue aqui à uma hora.

— Ok. Mike me substituirá até eu voltar.

— Aproveite o seu almoço. — Eu sorrio e ela acena, depois desaparece. Faz um pouco mais de cinco dias desde que comecei a trabalhar no nosso banco local, e já amo o ambiente e as pessoas com quem trabalho.

Quando Max e eu ficamos juntos, eu havia acabado de começar a trabalhar para uma das maiores empresas de corretagem em Seattle. Eu gostava do meu trabalho, mas não amava, só porque eu era apenas uma dos muitos agentes de crédito da empresa. Não havia nenhum sentimento de família ou amizade. Não havia nenhuma unidade de qualquer tipo, e os meus clientes eram grandes empresas que realmente não sabiam quem eu era.

Max e eu nos casamos seis meses depois que nos conhecemos, e no mesmo ano fiquei grávida de Hunter. Nós dois estávamos animados sobre nos tornarmos pais e Max insistiu que não queria uma babá criando o nosso filho, do jeito que ele havia sido criado. Eu queria estar em casa e ser uma mãe mais do que qualquer coisa, então parei de trabalhar durante meu terceiro trimestre e me tornei uma dona-de-

casa. Amei passar meus dias com Hunter quando ele era pequeno, mas quando o tempo passou, e Hunter começou a escola, eu senti a coceira para voltar a trabalhar.

Max não estava feliz com a ideia de sua esposa trabalhar, então coloquei meus desejos em espera para agradá-lo e manter a nossa família, a qual eu sentia escorregar lentamente, e acabou provocando uma rachadura ainda maior entre nós. Não foi até o último ano do nosso casamento que decidi voltar ao trabalho, independentemente de como Max se sentia. Eu sabia que poderia trabalhar em um banco e ainda estar em casa para Hunter, antes que ele fosse para a escola no período da manhã, então voltar à noite, a tempo do jantar.

Sentia-me poderosa por fazer o que eu queria, por ganhar o meu próprio dinheiro, mas sei que foi a última gota, por assim dizer. Todos os amigos de Max tinham mulheres que não faziam nada, além de passar os dias recebendo pedicures, fofocando sobre quem traía quem, quem tinha mais dinheiro, e quem estava indo à falência. Não queria isso para mim, eu odiava a vida clichê que eu vivia. Estava me deixando doente, realmente doente. Comecei a perder peso e meu cabelo estava caindo. Eu temia passar o tempo com essas mulheres. Odiava viver uma mentira, e, eventualmente, comecei a odiar Max por forçar essa vida em mim, por não ver que eu estava triste. Queria que ele quisesse que eu fosse feliz, mas meus sentimentos nunca realmente importaram para ele.

— Shelby, você tem uma ligação na linha três. — Misty diz, puxando-me dos meus pensamentos ao enfiar a cabeça no meu escritório.

Pisco para ela, e pergunto: — Você já foi almoçar?

— Sim. — Ela ri. — Você deve ter ficado distraída com o trabalho.

— Eu devo, — murmuro, ouvindo-a rir de novo antes de desaparecer mais uma vez. Olhando para o relógio, vejo que já é 12h30min. Pegando o telefone eu o pressiono no ouvido antes de clicar na linha de ligação. — Shelby Calder falando.

— Senhorita Calder, meu nome é Annie Patterson. Sou a advogada do seu ex-marido. Você tem um minuto para falar? — Meu estômago se enche de pavor e minhas mãos instantaneamente ficam úmidas. Faz uma semana desde o meu telefonema com Max, uma semana de terrível silêncio dele. Quando tentei ligar e falar com ele, ele não

atendeu, e quando Hunter estava no telefone com ele, ele desliga antes mesmo de eu ter a chance de pedir o telefone, deixando-me completamente impotente.

— Senhorita Calder, você está aí?

— Sim, desculpe. Estou no trabalho, senhora Patterson, e tenho um cliente vindo em breve. Posso retornar em cerca de uma hora?

— Desculpe, sim, é claro que você pode, mas realmente essa conversa só levará um momento de seu tempo. Tentei encontrá-la em seu telefone de casa em numerosas ocasiões, mas você estava indisponível e não retornou nenhuma das minhas ligações.

— Sinto muito, você deve ter o número errado. Não recebi nenhuma mensagem, — eu digo, tomando respirações profundas, tentando controlar meu coração enquanto ele bate com tanta força que eu sinto isso no meu estômago.

— Deixei várias mensagens com o seu filho, Hunter. — Abaixando minha cabeça, eu aperto meus olhos fechados. *Hunter*. Eu sabia que algo estava acontecendo com ele. Ele parecia nervoso toda vez que o telefone tocava, e quando ele falava com o pai, ele parecia no limite... Tão no limite que levava uma hora, se não mais, para ele relaxar depois das ligações.

— Como posso ajudá-la? — Eu cedo, sabendo que não há nada que eu possa fazer sobre isso agora.

— Preciso apenas confirmar algumas informações e obter o nome e número de telefone de seu advogado. Seu ex-marido e eu concordamos que seria melhor se eu trabalhar com eles de agora em diante.

— Não tenho um advogado neste momento.

— Hmm, — ela cantarola, e meus punhos apertam. — Estou trabalhando para o seu marido, então eu realmente não devo dizer o que eu vou dizer a você, Senhorita Calder, mas sugiro que você arranje um advogado o mais rápido possível. — Não sei o que Max havia planejado, mas sei que ele não desistiu da ideia de conseguir a custódia de Hunter, e esta ligação prova exatamente isso.

— Vou trabalhar em encontrar alguém para me representar, — digo a ela suavemente.

— Isso seria bom. — Sua resposta é tão suave, e se eu não soubesse melhor, eu juro que ela sentiu pena de mim.

— Posso perguntar o tipo de acordo de custódia que Max está buscando?

— Ele está pedindo a custódia total neste momento.

Puxando uma respiração profunda, eu a solto lentamente, sussurrando: — É claro que ele está. — Fecho os olhos, perguntando o quanto um bom advogado custa. Tenho algum dinheiro guardado, mas não muito, já que gastei a maior parte das minhas economias no meu divórcio, e uma enorme parte nos mudando para o Alasca. — Que outra informação você precisa? — Questiono, querendo terminar esta ligação.

— Preciso verificar o seu endereço físico, juntamente com o nome, endereço e número de telefone da pessoa que está responsável por cuidar de Hunter enquanto você está no trabalho.

— Não há ninguém cuidando dele neste momento. Ele está na natação ou acampamento de pesca durante o dia, até as quatro, e então ele vai para casa e espera eu sair às cinco.

— Hmm, — ela cantarola novamente, e o som faz com que meus dentes apertem, porque soa desaprovador.

— Sinto muito, senhora Patterson, mas meu cliente acabou de entrar. Você tem um endereço de e-mail onde eu possa ter meu advogado entrando em contato quando eu conseguir um?

— Claro. — Ela dita seu endereço de e-mail, o qual eu anoto rapidamente antes de dizer adeus e desligar. O desejo de ir buscar Hunter e fugir é quase irresistível enquanto permaneço na minha cadeira, olhando fixamente para a parede na minha frente. Vou lutar com tudo o que eu tenho para manter meu filho, mas também sei que Max vai se certificar de fazer de tudo para afastar Hunter de mim.



Nem sequer me preocupando em pegar um copo para mim, eu levo a minha garrafa aberta de vinho branco comigo para o meu quarto, vou para a varanda, e me

sento em uma das cadeiras, descansando os pés ainda em saltos altos sobre o trilho. Colocando a garrafa nos lábios eu bebo. Normalmente, eu não bebo – ou melhor, não beberia com a ideia de ficar bêbada – mas desde que Hunter está passando a noite com um amigo do acampamento, eu estou livre para beber sem cautela e preocupações, sem me sentir como uma mãe horrível.

Engolindo o líquido frio, deixo escapar um suspiro. Quando cheguei em casa do trabalho, Hunter já estava na casa, e como ele tem feito desde o primeiro dia em que comecei a trabalhar e ele começou o acampamento, ele me disse com entusiasmo sobre o seu dia. Ele me contou sobre o salmão que pegou, e como amanhã eles aprenderiam a defumar a carne de charque, a qual ele traria para casa quando terminasse. Então perguntou se podia passar a noite com Fin e ir para acampamento com ele de manhã. Fin e sua família estavam fazendo um churrasco no rio, e ele queria ir junto.

Depois que eu disse sim, eu podia ver como ele estava feliz, por isso irritava eu ter que confrontá-lo sobre esconder as importantes mensagens de mim. Quando me sentei e perguntei por que ele não me contou sobre as ligações, eu não esperava que ele ficasse tão chateado. Ele estava visivelmente abalado quando me disse que sentia falta de seus amigos e de seu pai, mas queria ficar comigo. Ele explicou que seu pai lhe falou sobre arrumar um advogado e que Hunter logo voltaria para Seattle para morar com ele. Ele pensou que se eu não soubesse o que estava acontecendo, que isso não iria acontecer e que ele poderia ficar onde queria estar. Matou-me saber que a escolha não seria dele ou minha. Que alguma pessoa sem nenhuma compreensão real da situação iria decidir o que aconteceria conosco.

Tomando mais um gole da garrafa de vinho, eu inclino a cabeça para trás e olho para o céu que está escurecendo lentamente, e desejo que Vovô ainda estivesse vivo. Ele me diria que tudo iria ficar bem ou encontraria uma maneira de fazer tudo dar certo para mim. Mesmo agora, eu não posso acreditar que ele se foi. Na minha mente, eu realmente achei que ele viveria para sempre. Eu o construí na minha cabeça como uma espécie de super-herói que desafiou tempo. Desejaria não ter pensado assim. Gostaria de ter lembrado que ele era apenas um homem e que o seu tempo na Terra era limitado, assim como todos os outros.

Se tivesse me lembrado disso, eu teria agido de forma muito diferente. Garantiria que ele soubesse o quanto eu o amava e o apreciava. Quatro anos atrás, quando as coisas começaram a se deteriorar entre Max e eu, vovô mudou para a Flórida e comprou um lugar perto da praia. Ele me disse que estava cansado do frio e da neve no Alasca, mas sei que ele fez isso por que eu teria um lugar para ir quando finalmente colocasse um fim à mentira que ele e eu sabíamos que eu estava vivendo.

Um mês antes de falecer, eu conversei com ele e contei que havia pedido o divórcio a Max, e que assim que o divórcio saísse, Hunter e eu nos mudaríamos para a Flórida, para o mesmo prédio em que ele morava. Ele estava triste por Hunter, mas conhecia a situação bem o suficiente para entender que Max e eu estávamos fazendo mais mal do que bem ficando juntos. Três dias após a última vez que falei com ele, eu recebi um telefonema de um de seus vizinhos me dizendo que os jornais estavam empilhados do lado de fora da porta dele e que ele não atendia. Eu sabia que ele havia partido. Eu sabia que era tarde demais.

Lembro-me de tentar ligar para ele repetidamente, mas ele nunca atendeu. Eventualmente, eu liguei para a polícia e expliquei que eu estava em Seattle e não tinha como verificá-lo. O oficial que me atendeu disse que iria investigar. Não foi até quatro horas depois que recebi o telefonema que eu temia, a ligação me avisando que o único homem que nunca me deixou na mão, nunca me abandonou, foi embora. Ele teve um ataque cardíaco e morreu enquanto dormia.

— Dia ruim? — Não pulo quando a voz de Zach invade o meu indulto. Meu corpo está completamente relaxado do álcool que já consumi, mas inclino meus olhos para ele.

— Exatamente. — Levanto a garrafa à boca e tomo outro gole, engolindo-o.

— Quer falar sobre isso? — Ele pergunta.

Ergo minha cabeça e tento me concentrar nele. — Por acaso você conhece um advogado barato, tipo, realmente, realmente, realmente, realmente barato?

Suas sobrancelhas franzem em confusão. — Por que você precisa de um advogado? — Ele rosna.

Meus olhos se concentram nos seus enquanto corrijo: — Um advogado *barato*.

— Ok, por que você precisa de um advogado barato?

— O habitual. Meu ex está tentando obter a custódia de Hunter porque havia um urso na casa, como se eu tivesse convidado o estúpido urso para estar conosco.

— Faço uma pausa, em seguida, bêbada murmuro para mim mesma: — Que tipo de idiota ele pensa que sou? Nunca convidaria um urso para dentro de casa.

— Que porra é essa?

— Certo? — Suspiro, inclinando a cabeça para trás para tomar outro gole de vinho.

— Onde está Hunter?

— Em uma festa do pijama, — murmuro, com foco no céu mais uma vez.

— Certo. Entre e abra a porta da frente.

— O quê? — Franzo a testa.

— Entre e abra a porta da frente, — ele repete, e meus olhos se movem para ele.

— Por quê?

— Estou indo aí.

— Você não está vindo. — Eu me sento rapidamente, e quase caio da cadeira no processo.

— Vá abrir a porta, Shelby, — ele ordena, e meus olhos estreitam quanto assobio de volta: — Não.

— Certo, — ele murmura, e começo a relaxar e voltar para o meu lugar, em seguida, fico tensa quando ele dá um passo para trás da grade, levanta as mãos, e balança seu corpo, aterrissando em minha varanda quase que silenciosamente. Achei que as plataformas entre as nossas casas estavam muito perto, mas até então eu não havia percebido quão perto elas estavam.

— Não posso acreditar que você fez isso, — murmuro; totalmente chocada.

— Agora, vamos conversar.

— Zach.

— Fale comigo, — ele exige, puxando uma das outras cadeiras na frente da minha, e sentando voltado para frente, com os cotovelos sobre os joelhos.

— Você é irritante.

— Shelby.

— Onde estão as crianças? Você não deveria estar em casa com elas?

— Estou a três metros de distância de onde estava quando saí da minha varanda. Se precisarem de mim, eles podem sair e me chamar. Agora fale comigo.

Tomando um gole da garrafa na minha mão, eu sento e suspiro. — Bem. Quando o urso invadiu a casa, Hunter enviou fotos para Max, então contou a ele sobre ajudar vocês a soltarem o urso. Max enlouqueceu e me disse que tiraria Hunter de mim por colocá-lo em perigo, — eu digo baixinho, sacudindo a cabeça para o ridículo de toda a situação.

— Vocês têm um acordo de custódia? — Ele pergunta, pegando a garrafa da minha mão, colocando-a nos lábios e inclinando-a. Meu estômago revira com a mera intimidade do ato, e é preciso muita concentração para responder a pergunta dele.

— N-não, nós apenas concordamos verbalmente que Hunter poderia viver comigo.

— A custódia não foi discutida durante o divórcio? — Ele franze a testa, e balanço a cabeça, em seguida, aceno com a cabeça.

— Foi, mas o juiz concordou que uma vez que já tínhamos um acordo e que funcionava para nós, não precisávamos mudar isso.

— Então você se mudou para cá.

— Então eu mudei para cá, — concordo.

— Minha advogada é boa. Ela vive fora de Anchorage, mas vem à cidade para se encontrar com clientes. Vou ver se ela está disponível para conversar. Se não, eu vou ajudá-la a encontrar alguém que esteja.

— Zach. — Engulo em seco e fecho os olhos, desejando que ele parasse de ser agradável. Não posso lidar com ele sendo bom para mim.

— Baby, ele não vai tirar Hunter de você, — ele diz gentilmente, lendo-me errado, e sinto sua mão sobre minha coxa e lágrimas formigam atrás dos meus olhos.

— Você não o conhece. Ele fará tudo que puder para que mantê-lo se torne impossível. Ele tem dinheiro e conhece um monte de gente.

— Olhe para mim, Shel, — ele comanda suavemente, e balanço a cabeça. — Por favor, baby, olhe para mim.

Engolindo em seco, eu abro os olhos e encontro os seus. — Não desista antes mesmo de começar a lutar.

— Não estou desistindo. Eu lutarei até meu último suspiro, — sussurro, encarando-o. — Nunca vou desistir, mas eu o conheço. Sei como ele fica quando decide fazer algo. Sei que ele vai me esmagar até que eu não tenha mais nada dentro de mim para lutar.

Preocupação e suavidade surgem em seus olhos conforme ele se inclina. — Então acho que é bom que eu esteja aqui para lutar por você, caso isso aconteça.

— Não diga isso. — Eu sento, deslocando a mão. — Não quero que você lute por mim.

— Achei que você voltaria para casa.

— O quê? — FRANZO a testa, imaginando o que ele está falando, e ele se aproxima, baixando a voz.

— Quando você foi embora, eu pensei que você precisava apenas de tempo para limpar a cabeça. Achei que você voltaria para casa. Então, um mês se transformou em dois, e dois em três, e você não voltou, não atendeu minhas ligações. Você me deixou aqui.

— Nós não vamos falar sobre isso, — eu suspiro, entrando em pânico com a mudança na conversa, o álcool no meu corpo desaparecendo muito rapidamente.

— Eu estava bebendo e usando drogas. Fazendo tudo o que podia para matar a dor que você deixou, — confessa, e olho para ele incrédula.

— Você estava bem. Acho que você provou isso, — assobio; o rosto dele suaviza, mas os olhos se estreitam de uma maneira que faz com que eu me prepare.

— Você está tão presa na sua cabeça que está cega pela merda que você disse a si mesma.

— Não, eu só sei que você está cheio de merda. Você seguiu em frente, e não demorou muito para fazer isso também, — eu o lembro, mas, mais ainda para me lembrar.

— Eu nunca segui em frente. *Ainda* estou preso no passado, tentando descobrir como voltar para a garota que eu deixei se afastar.

— Pare. — Afasto meus olhos dos dele. Não posso fazer isso. Não agora, não quando tudo mais ao meu redor está no ar, não quando eu me sinto tão completamente vulnerável.

Sua mão se move para o meu queixo e meus olhos se voltam para ele. — Por que você voltou?

— Eu te disse por quê. — Sinto minha mandíbula apertar.

— Você disse. Disse que este era o lugar onde você era feliz.

— Vovô...

— Não, — ele me corta, segurando meu queixo, me encarando. — *Nós éramos felizes. Você e eu éramos felizes.*

— E então nós não éramos, — eu ralho, e seu olhar cai por um momento, sua mão se movendo do meu queixo para minha nuca, apertando.

— Você está certa. No final, nós não éramos felizes. Estávamos inconsoláveis por causa de Samuel, e não sabíamos como processar essa dor, — ele diz para o seu colo, então levanta os olhos para encontrar os meus novamente. — Mas não nos odiávamos. As coisas não terminaram feias. Havia um monte de dor entre nós, mas havia também um monte de amor.

— Você... — fecho meus olhos, precisando conseguir organizar os meus pensamentos, o que parece impossível de fazer quando ele está sentado na minha frente, dizendo o que está dizendo. — Você seguiu em frente, — repito, sentindo meu coração se partir novamente. Eu o amava. Eu o amava, e ele seguiu em frente.

— Eu não segui.

— Você engravidou alguém e se casou com ela. Você seguiu em frente, — eu digo mais alto, e ele balança a cabeça, desviando o olhar por um momento.

— Eu fiz, e lamento dizer isso, porque sei que vai doer, mas não lamento o que aconteceu entre Tina e eu, e nunca vou me arrepender, porque eu tenho dois filhos incríveis que eu amo com tudo em mim, apesar do que aconteceu entre nós. Isso não significa que eu não me arrependo de te perder.

— Isso era para sermos nós! — Eu grito, cerrando os punhos, desejando ter mantido essas palavras trancadas. Desejando não simplesmente me abrir na frente dele, expondo tudo o que mantive protegido por tanto tempo. — Isso era para sermos

nós, — repito suavemente, afastando os olhos dele para olhar para as árvores além de nós.

— Você poderia se arrepender de ter Hunter? — Ele pergunta gentilmente, e meu corpo trava conforme meus olhos voam para ele.

— Nunca. — Aperto minha mandíbula.

— Eu sei que você não poderia. De maneira nenhuma você poderia. Então, como você pode esperar que eu me arrependa de ter Aubrey e Steven? — Engolindo, eu aperto meus olhos fechados. Ele tem razão. Sei que ele está certo. Eu sei que se não tivesse partido, eu não teria Hunter, e ele provavelmente não teria Aubrey ou Steven, e eu nunca iria querer que ele se arrependesse deles. — Eu sei que você não quer que eu me arrependa, e sei que você não quer acreditar em mim, mas não ir atrás de você é o meu maior arrependimento.

— Pare. — Tento me afastar dele, mas ele se levanta e coloca as mãos em minha cintura, me forçando a ficar parada. — É a verdade. Todos os dias desde que você partiu, eu vivi com o conhecimento de que não lutei por nós, não tentei encontrar uma maneira de fazer você querer ficar, não fui atrás de você e a fiz voltar para casa.

— Quem sabe o que teria acontecido com a gente se eu ficasse, ou se eu voltasse? — Sussurro, então eu sinto sua mão deslizar sobre a minha e descer até o meu dedo anelar.

— Você está certa. Nunca saberemos o que teria acontecido, mas você precisa saber que eu não simplesmente segui em frente. Não parei simplesmente de amar você, — ele diz em voz baixa enquanto sua mão desliza pelo meu braço e em torno da minha nuca. Seus lábios tocam os meus suavemente, tão suavemente que quase não tenho certeza de que isso aconteceu antes de se afastarem e ele estar de pé a poucos metros de distância. — Sairei pela frente. Tranque a porta quando você entrar.

Então ele desaparece no meu quarto, fechando a porta. Não sei quanto tempo eu permaneço lá fora, pensando em tudo o que ele disse depois que ele saiu, mas quando eu entro, um milhão de estrelas estão iluminando a escuridão acima de mim.



AUBREY

— Steven, — eu chamo no quarto escuro do meu irmão, depois de fechar a porta. — Steven. — Eu me aproximo da cama, então tropeço em algo e quase caio de cara, me equilibrando no último segundo antes de atingir o chão.

— O que diabos você está fazendo aqui, Bre? Saia. — Steven corta, e reviro os olhos, em seguida, toco ao redor, em busca da lâmpada que eu sei que fica ao lado de sua cama e a ligo. — Que porra é essa? — Ele grita, e salto sobre ele, cobrindo sua boca enquanto olho para a porta.

— Não acorde o papai.

— Se afaste de mim, — ele rosna debaixo do meu lado, tentando me afastar, mas seguro mais forte, tão forte quanto posso, mas ele sempre foi mais forte do que eu, por isso é preciso muita força para manter o meu aperto.

— Preciso te dizer uma coisa! — Eu grito quando ele afasta minha mão e me empurra para longe.

— É... — ele olha para o relógio. — É depois da meia-noite. O que você poderia ter que me dizer agora? — Ele estreita os olhos, e lambo os lábios, perguntando-me se deveria dizer a ele o que eu quero dizer. Ele ama muito a nossa mãe, e sei que ele sempre toma o lado dela em tudo, mas não tenho ninguém para quem eu possa contar. — Bre, fale ou saia agora.

— Papai está apaixonado por Shelby, — eu chio, e as sobrancelhas dele se unem.

— O quê?

— Papai está apaixonado por Shelby, e ele é apaixonado por ela desde sempre.

— E?

— O que quer dizer com *e*? — Eu grito, em seguida, cubro a boca e ouço qualquer sinal de que o meu pai me ouviu.

— Quero dizer: e, quem se importa? — Ele dá de ombros, deitando-se e estendendo a mão para a luz.

— Você não se importa? — Sussurro, esfregando as mãos. Sua mão para enquanto seus olhos voltam para mim.

— Não, — ele murmura e apaga a luz, levando o quarto de volta a completa escuridão.

— Por que o papai nunca teve uma namorada?

— Não sei e não me importo, Bre. Agora vá embora.

— Papai ainda é apaixonado por ela, e sempre foi. Ele disse que lamenta nunca ter ido atrás dela quando ela foi embora.

— Ele te disse isso? — Seu tom é preenchido com descrença, e ouço a cama se mexer, então a luz enche o quarto.

— Não, não para mim. Ele disse isso para ela.

— O quê? — Sentando no final da cama, eu passo meus braços em volta da minha cintura e mordo o lábio. — Bre, — ele rosna.

— Eu fui falar com papai, mas ele estava lá fora com ela, e eles estavam conversando. Ouvi os nossos nomes, então escutei o que eles diziam. Ele disse a ela que lamenta não ter ido atrás dela e ter a trazido de volta. Disse que não seguiu em frente e não parou de amá-la.

— Ok.

— O que quer dizer *ok*? — Eu grito, levantando as minhas mãos.

— Apenas ok. — Ele dá de ombros. — Não sei o que você quer que eu diga. E daí? O papai é apaixonado por ela. Quem se importa?

— Eu quero que ele seja feliz, — sussurro. — Ela não quer dar uma chance para ele. Temos que fazer com que ela lhe dê uma chance.

— Bre. — Ele esfrega o rosto e geme.

— Por favor, Steven.

— O que quer que façamos? — Ele joga as mãos para o ar. — Sêrio, Bre, o que podemos fazer?

— Não sei, mas tem que haver uma maneira de fazer com que ela veja que o pai é um bom cara e fazê-la se apaixonar por ele também.

— Você é louca, Bre. Você não pode fazer as pessoas se apaixonarem.

— Eu não deveria ter pedido para você me ajudar, — murmuro, desejando ter amigos com quem eu poderia falar sobre isso.

— Não estou dizendo que não vou ajudar. Apenas não sei o que nós poderíamos possivelmente fazer.

— Você vai me ajudar? — Suspiro, estudando-o para ver se ele está mentindo.

— Eu quero que o papai seja feliz também. — Ele revira os olhos.

Saltando, eu envolvo meus braços em torno dele e dou-lhe um abraço. — Vou pensar em um plano. — Sorrio, saltando para longe antes que ele possa me empurrar, e saio de seu quarto em silêncio para voltar para a cama, onde permaneci nas últimas quatro horas tentando descobrir como fazer Shelby se apaixonar por meu pai.



CAPÍTULO 6

ZACH

Tocando a campainha, eu escuto o som da campainha. Do lado de fora, a merda soa horrível, então não posso imaginar como soa quando você está dentro de casa. Esperando alguns minutos, eu olho para o meu relógio, e para a porta novamente. É apenas sete horas, mas também é sexta-feira, de modo que Shel deve estar se arrumando para o trabalho, desde que o banco abre às nove. Então, novamente, se ela continuou bebendo na noite passada depois que eu saí, ela pode estar sofrendo de uma ressaca assassina.

Após bater mais uma vez e ainda não obter resposta, eu pego as chaves do meu bolso e peneiro-as até encontrar a que Pat me deu anos atrás. Eu debato sobre usá-la para entrar por um segundo. — Foda-se, — murmuro, deslizando a chave na fechadura e girando. Imediatamente eu sei que ela não a trancou na noite anterior, pois não clicou.

Abrindo a porta, eu entro na casa escura e vou para o alarme na parede, vendo que ela nem sequer o ligou também. — Shelby, baby, eu vou bater em sua bunda. — Balanço minha cabeça enquanto caminho pelo corredor em direção à parte de trás da casa, e encontro a porta do quarto bem aberta. Ela ainda está dormindo. Olhando ao redor do quarto, vejo que as cortinas estão fechadas, assim como as cortinas sobre a porta de correr, enviando o quarto na escuridão quase completa.

Andando em direção à cama, onde ela dorme de bruços com a mão debaixo do rosto e a perna jogada para fora das cobertas, eu a observo por um segundo. A pesada cabeleira está cobrindo metade do rosto. Deslizando por cima do ombro, eu me inclino e coloco a boca perto de seu ouvido. — Shelby, acorde.

— Estou dormindo, — ela murmura, batendo a mão na minha direção e perdendo antes de colocá-la de volta onde estava.

— Você precisa se levantar. Temos uma reunião com minha advogada em uma hora, — eu digo suavemente, desejando poder acordá-la com a boca e as mãos sobre ela.

— O quê? — Mesmo sonolenta ela parece adorável, com as sobrancelhas franzidas e os lábios formando um bico.

Correndo meu dedo entre suas sobrancelhas, repito minhas palavras. — Temos uma reunião com a minha advogada. Você precisa se levantar e se arrumar.

— O quê? — Ela repete, abrindo um olho.

— Levante-se, baby.

Piscando os dois olhos abertos, ela olha para mim, em seguida, olha em volta. Ela rola em suas costas e senta-se de repente, fazendo com que o cobertor caia até a cintura e dando-me um vislumbre dos seios, que são visíveis através de qualquer que seja o tipo de merda rendada que ela está usando. — O que você está fazendo aqui?

— Eu te disse, nós temos uma reunião com a minha advogada.

— Como você entrou na casa? — Ela franze a testa, olhando da porta para a varanda, e para mim novamente.

Sentindo todo o humor me deixar, eu coloco minhas mãos sobre a cama de cada lado dela, e me inclino até que o meu rosto está a dois centímetros do dela. — Você não trancou a porra da porta na noite passada.

— O quê? — Ela suspira, e sinto a palavra falada contra os meus lábios enquanto sua cabeça se inclina para trás e seus olhos sonolentos movem sobre meu rosto antes de cair nos meus lábios.

Eu gostaria de poder colocar a minha boca na dela, mas sei que não faria bem nenhum. Ainda não, de qualquer maneira. — Você não trancou a porta na noite passada. — Eu me afasto e ela pisca.

— Tranquei.

— Você não trancou.

— Sim, eu tranquei. — Ela estreita os olhos, e solto um suspiro. Era inútil discutir com ela anos atrás, quando ela pensava que estava certa, e vejo agora que isso não mudou.

— Você precisa se levantar. — Levanto, e seus olhos estreitam ainda mais.

— Eu tranquei a porta ontem à noite, Zach, — ela sussurra, inclinando-se. Aparentemente, não tendo terminado de discutir comigo, embora eu não esteja pegando a isca e discutindo de volta, porque é inútil fazê-lo, porra.

— Tudo bem, você trancou. Apenas certifique-se de continuar trancando-a, e enquanto você está nisso, você precisa acionar o alarme durante a noite.

— Não me diga o que fazer, — ela fala e se levanta da cama. Foi quando eu consegui o efeito completo do que ela está vestindo – alças finas ao redor dos ombros, renda pura azul escura quase preta cobrindo os seios, um material de seda creme em torno de seu torso, e a mesma renda escura terminando no meio da sua coxa. Nem percebi quando dei um passo em direção a ela, ou quando coloquei minha mão em sua cintura e senti a maciez do tecido debaixo da minha palma.

— O...

Puxando-a para perto de mim, eu uso a minha mão livre para pegá-la pela nuca e cobrir sua boca com a minha, interrompendo o que ela estava prestes a dizer. Suas mãos empurram contra o meu peito enquanto enrolo meu punho em seu cabelo e aumento meu aperto, mas, em seguida, elas param quando lambo sobre a costura de seus lábios. Não leva sequer um segundo para o seu corpo suavizar no meu e a boca se abrir para a minha língua poder deslizar dentro.

Foda-se, mas o gosto dela não mudou nem um pouco.

Rosnando em sua garganta, eu inclino sua cabeça mais para trás enquanto corro minha mão para baixo, em seu lado e ao longo da sua bunda, puxando-a para mim. Meu pau dói enquanto sua língua luta com a minha, suas mãos deslizando para o meu cabelo. Andando de costas para a cama, ela choraminga em minha boca e congelo, percebendo o que estou fazendo.

— Foda-se. — Afasto a boca da dela. Suas mãos em meus ombros agarram a minha camisa, e seus olhos se abrem lentamente enquanto seu peito se move rapidamente. — Nós precisamos parar.

— Sim, — ela ofega, deixando seu olhar cair para a minha boca.

A expressão em seu rosto e o olhar em seus olhos é o que torna difícil pra caralho não continuar levando-a para a cama, para onde íamos um segundo atrás. — Shelby.

— Sim? — Ela respira, pressionando os seios e o corpo macio contra o meu, me fazendo gemer de frustração.

— Você precisa se arrumar. — Dou um aperto em sua cintura.

— Pronta? — Ela pisca para mim, e eu me obrigo a soltá-la. A dar um passo atrás, sabendo que se eu não fizer isso, essa merda se moverá muito mais rápido do que ela está pronta.

— Banho e se vestir. Precisamos encontrar a minha advogada em... — eu olho para meu relógio — Quarenta minutos.

— Huh? — Ela olha ao redor, depois para mim, como se acabasse de perceber onde está, com quem está, e o que aconteceu. — Você falava sério sobre isso?

— Sim, baby. — Luto para não rir, perguntando-me se ela achava que eu disse essas merdas só para que pudesse vir acordá-la. — Ela está na cidade. Enviei um e-mail para ela ontem à noite, e ela me ligou esta manhã, dizendo que se você quiser encontrá-la, ela tem tempo um horário hoje, antes de pegar o voo de volta para Anchorage. Que é às onze.

— Sério? — Ela pergunta baixinho, olhando para mim com os olhos arregalados, cheios de esperança.

— Você está tornando difícil não te beijar de novo, — eu digo a ela, honestamente, e seu lábio inferior desaparece entre os dentes enquanto seus olhos caem para a minha boca novamente. — Jesus. — Meus punhos apertam. — Se arrume. Vou fazer um pouco de café para você. — Eu me viro e saio do quarto rapidamente, sabendo que se não fizer isso, não sairemos daqui.

Indo para a cozinha, eu faço uma jarra de café e encho um copo quando termina. Sento-me à mesa e ouço o chuveiro ser ligado no quarto ao lado. Esfregando as mãos pelo meu rosto, eu tento fazer meu pau abaixar. Ontem à noite não foi bom. Eu não tinha planos de colocar tudo para fora, mas, uma vez que comecei, eu

não podia parar. Quando saí, eu sabia que havia fodido além do reparo ou mostrado as coisas da minha perspectiva.

No entanto, sentado aqui agora, não sei qual delas realizei. Reclinando contra a cadeira com minha caneca de café, eu ouço o som de passos vindo em minha direção. Eu a vejo entrar na cozinha, vestindo um par de botas marrons de salto baixo, calça escura de perna larga, e um suéter creme, quase branco, com um lenço colorido enrolado no pescoço. Seu cabelo está em um coque apertado, e seu rosto está quase completamente sem maquiagem. — Isso foi rápido.

— Nunca levo muito tempo para ficar pronta, — ela responde, e suas bochechas coram quando ela olha para longe de mim, em direção à cafeteira. — Tenho tempo para fazer alguma coisa para comer? — Ela pergunta.

— Sim. Nós vamos apenas para o hotel. É só dez minutos daqui.

— Hotel? — Ela pergunta, pegando um pão do armário. Continuo esquecendo que ela foi embora e nem sequer sabe o quanto as coisas mudaram desde que partiu.

— A velha fábrica de conservas no final da rua. Um homem chamado Stan Wince a comprou cerca de sete anos atrás e construiu um prédio na propriedade. Eles têm uma sala de conferências que permitem que ela use quando está em reunião na cidade com seus clientes.

Sua cabeça gira em minha direção e inclina para o lado enquanto pergunta: — A assombrada fábrica de conservas?

— Sim.

— Uau. — Seus olhos se arregalam. — Eu me pergunto se os hóspedes do hotel sabem que estão dormindo ao lado de sepulturas.

— Tenho certeza que Stan não coloca isso em seus folhetos, baby.

Sorrio, e ela murmura: — Isso é provavelmente inteligente. Aquele lugar era assustador. — Ela treme, e luto para segurar a risada.

Quando éramos crianças, costumávamos ir lá à noite, exatamente por esse motivo. O lugar *era* assustador. Os edifícios eram quase vazios, com exceção de camas, alguns itens pessoais e documentos deixados para trás. A história diz que por volta do final de 1800, os trabalhadores filipinos que vieram de barco para trabalhar na fábrica de conservas tiveram praga, e, embora cada um deles tenha assinado um

contrato afirmando que no momento da morte seus corpos seriam enviados para casa, havia muitos mortos, então a empresa decidiu que o melhor curso de ação seria colocar os corpos em barris de madeira e enterrá-los nos fundos do barracão onde viviam. Até hoje, os nativos ainda dizem que a área é assombrada pelos homens que foram enganados e afastados de suas famílias.

— Você quer um pouco? — Ela ergue uma fatia de pão, tirando-me dos meus pensamentos, e balanço minha cabeça.

— Estou bem, baby.

Balançando a cabeça, ela se afasta de mim e coloca a fatia de pão na torradeira, em seguida, passa a encher um copo de café para viagem coberto de rosas cor de rosa.

— Quanto sua advogada cobra? — Ela pergunta, mexendo o leite no copo depois de colocar três colheres de açúcar.

— Ela trabalha caso a caso. Se tiver tempo para aceitá-lo, ela combinará com você os pagamentos.

— Eu tenho algum dinheiro guardado, mas não muito agora, — ela diz em voz baixa, aproximando-se de onde estou sentado. Distraidamente ela pega a xícara de café que fiz para mim e a coloca no balcão, então pega outro copo para viagem – aquele é parecido com o dela, mas é coberto com pequenas flores e tem uma tampa amarela brilhante – e despeja meu café dentro dela. Ela termina, completando-o com um pouco de café da jarra.

— Basta falar com ela e prosseguir daí, — sugiro.

— Eu vou. — Ela me dá um sorrisinho, entregando-me o copo. — Não tenho nenhum de menino. Desculpe. — Ela encolhe os ombros, e levanto o meu queixo, pegando o copo antes dela se mover em direção à torradeira. — Como está Aubrey?

— Perdão? — Questiono, observando-a tirar um pote de manteiga de amendoim do armário.

— Aubrey, hum... Como ela está? — Ela faz uma pausa com uma faca de manteiga em sua mão e olha para mim por cima do ombro. — Ela está bem?

— Ela está bem.

— Bom, — ela diz baixinho, voltando-se para o balcão, onde passa a manteiga em sua torrada.

— Por que você pergunta?

— Não tenho certeza. — Ela deixa escapar um suspiro, e se vira para mim. — Não a conheço bem, então não sei se eu estava apenas imaginando coisas, mas quando ela saiu daqui na outra manhã, após me ajudar a limpar, ela parecia com pressa para ir. Eu só... — ela balança a cabeça e seu rosto suaviza. — Não sei se eu disse algo para chateá-la, ou se ela estava apenas com pressa para chegar em casa, porque vocês haviam voltado. — Ela encolhe os ombros, dando uma mordida em sua torrada e encostando-se ao balcão.

— Do que você está falando? — Minha menina é tímida e sempre foi assim, é por isso que ela não tem muitos amigos. A maioria das pessoas não entende isso e assumem que ela está sendo distante ou até mesmo rude, quando não é esse o caso.

— Eu apenas disse que ela deveria vir e cozinhar comigo um dia. Quando eu disse isso, parecia que ela não podia se afastar de mim rápido o suficiente.

— Ela é tímida. Às vezes é preciso um pouco de tempo para ela se aproximar das pessoas, — respondo suavemente, não querendo magoá-la, mas querendo que ela entendesse que não devia se ofender.

— Eu posso dizer que ela é tímida, mas acho que não foi isso. — Ela faz uma pausa, mastigando o interior de sua bochecha. — Nós estávamos rindo, e ela parecia se divertir até que eu disse que ela deveria voltar. — Ela dá de ombros. — Depois disso, simplesmente parecia que eu havia dito algo errado.

Suas palavras são um chute no estômago. Tina sempre foi próxima a Steven, mas seu relacionamento com Aubrey é e sempre foi um tumulto constante. Por alguns anos, eu insisti que Aubrey fizesse coisas com Tina. O tipo de coisas femininas que eu, como homem e como pai, não tinha interesse em fazer. Mas ao longo do tempo, Aubrey tornou-se mais e mais inflexível sobre não querer ter um relacionamento com sua mãe, e Tina era uma cadela com ela exatamente pela mesma razão.

— Você não disse nada de errado. — Esfrego minha nuca e levo os meus olhos para as minhas botas. Eu levanto, pegando meu café quando o faço.

— Ela é muito doce, — Shel diz suavemente, e meus olhos vão até ela. — Apenas não gosto da ideia de tê-la ferido de alguma forma. Isso é tudo.

— Ela e a mãe não têm o melhor relacionamento. Tenho certeza de que você se oferecer para fazer algo tão simples quanto fazer um bolo com ela a deixou triste, porque, embora ela não concorde com a forma como sua mãe age ou as coisas que faz, ela ainda deseja ser capaz de passar um tempo com ela, se divertir, e fazer merda como rir e fazer bolos, — eu explico. Sua boca suaviza e seus olhos deixam os meus enquanto ela come o último pedaço de torrada. Ela pisca rapidamente por um momento, como se lutasse contra as lágrimas. — Basta dar algum tempo a ela. Ela virá, — insisto, e ela balança a cabeça, se movendo em direção a pia para ligar a água e lavar as mãos.

— Ela me disse que ela e vovô costumavam montar quebra-cabeças, — ela diz do nada. Eu me aproximo e me inclino para poder ver seu rosto.

— Eles costumavam, — concordo, colocando a mão na parte inferior das suas costas enquanto ela desliga a água e se inclina contra a pia.

— Ele deve ter realmente se importado muito com ela e Steven. — Seus olhos se movem para os meus, e eu aceno.

— Eles cresceram pensando nele como o avô deles. Ambos ficaram destruídos quando ele se mudou, e arrasados quando ele faleceu, as flores na frente são de Aubrey, ela insistiu em mantê-las, mesmo quando ele foi embora. — Eu admito, e seu queixo começa a tremer.

— Eu gostaria que ele tivesse me dito sobre eles. — Ao ver as lágrimas nadar em seus olhos eu não lhe dou uma escolha, mas a puxo contra meu peito e a abraço, descansando meu queixo em cima da sua cabeça. — Não sei se você ficaria bem em ouvir sobre meus filhos e o relacionamento dele com eles, e conhecendo Pat, ele tentava protegê-la disso, — eu digo suavemente, e ela puxa uma respiração instável, então se afasta e olha para mim.

— Me desculpe se fiz você se sentir como se devesse se arrepender de ter Steven e Aubrey. Eu nunca iria querer isso. Eles são crianças surpreendentes, — ela me diz calmamente. Meus braços a apertam quando a minha boca se abre, mas antes que eu possa responder, ela está fora do meu alcance, resmungando algo sobre buscar sua bolsa, saindo da cozinha. Inclinando a cabeça para trás, gostaria de saber como

proceder a partir daqui. Meus olhos caem para o balcão, onde os nossos copos estão lado a lado, e sei que posso não ter um plano, mas vou nos fazer avançar.



— Uau, isso é muito bonito, — Shel diz do meu lado, e sorrio para o para-brisa.

— Não é mais tão assustador, não é?

— Definitivamente não é mais assustador. Parece um cartão postal, — ela diz, inclinando-se para olhar pela janela. A área é linda e fica de frente para a água. A antiga fábrica de conservas na parte de trás ainda está de pé, mas agora é usada para armazenamento de barco e limpeza de peixe. Os alojamentos, que antes eram dilapidados, foram remodelados para os trabalhadores ou convidados extras. A cookhouse⁷ senta-se no meio da grande área de dez acres, com o alojamento como o ponto central.

— Stan trabalhou muito aqui e está sempre adicionando mais quartos, uma vez que ele está reservado para todo o verão com os pescadores, grupos e visitas guiadas, e na maior parte do inverno com heli-esquiadores⁸.

— Posso ver a razão, — ela murmura enquanto paro e estaciono minha caminhonete.

Voltando-me para ela, eu observo que suas mãos estão enroladas em torno da bolsa, tão apertadas que os nós dos dedos ficaram brancos. — Ficaré tudo bem. — Estendo as mãos, forçando-a a libertar as mãos. — Vocês só estão conversando. Se não gostar dela, vamos encontrar alguém que você goste.

— Obrigada por ter feito isso, — ela diz baixinho, e aceno, olhando para o edifício.

⁷ É um restaurante em uma casa estilo fazenda. 88

⁸ Esqui com helicóptero. Ao invés de chegar ao topo dos alpes com ajuda de bondinhos, alguns esquiadores preferem pegar uma carona de helicóptero. A modalidade permite também que os esquiadores desçam montanhas que ainda não foram exploradas.

— Vá em frente. Vou esperar por você aqui fora, — eu garanto, e seu corpo relaxa ainda mais. Eu quero ir com ela e estar lá para apoio, caso ela precise de mim, mas sei que não é o que ela quer. Toda vez que seu ex é mencionado, ela se fecha. Eu sei que tem mais a ver comigo do que qualquer outra coisa, e não quero que ela esconda nada de Mandy quando elas estiverem conversando.

— Obrigada. — Ela fecha os olhos brevemente, em seguida, envia um sorrisinho em minha direção antes de abrir a porta e sair. Parando quando a porta está quase fechada, ela coloca a cabeça dentro, olha para mim e sorri. — Hum, por quem devo perguntar?

Rindo, murmuro: — Basta perguntar por Mandy na recepção. Eles apontarão a direção certa.

— Mandy, eu entendi. — Ela envia mais um sorriso para mim, em seguida, bate a porta. Observando-a caminhar, meus olhos caem na sua bunda quando ela sobe as escadas para o hotel, e aperto meu punho no volante.

— Foda-se, — murmuro para a cabine vazia. *Definitivamente eu nos farei avançar.*

Desligando o telefone quando Shel deixa o hotel nem mesmo 20 minutos depois, eu ligo a caminhonete. — Como foi? — Pergunto quando ela abre a porta, entra, e coloca a bolsa em seu colo.

— Ok, — ela diz, colocando o cinto de segurança.

— Apenas ok? — Pergunto, tentando ler seu tom enquanto saio do local.

— Eu realmente gosto dela, — ela suspira. — Apenas não sei se posso pagá-la. Mesmo seus pagamentos mensais seria um pouco alto para mim agora, e acabei de começar a trabalhar.

— Você recebe ajuda do pai de Hunter? — Questiono, entrando na rua principal que nos levará de volta à cidade.

— Sim, alguma. Mas também resolvemos isso por nós mesmos, — ela diz em voz baixa, e sei que não pode ser bom.

— Quanto ele te dá?

Ela brinca com sua bolsa não olhando para mim. — Não importa.

— Shel, quanto ele te dá por mês?

— Quinhentos, — ela sussurra, e minhas mãos cerram em punhos.

— O quê? — Eu rosno enquanto viro minha cabeça para olhar para ela.

— Sempre foi bom, — ela diz rapidamente. — Ele paga qualquer coisa extra que Hunter precisa, e até o momento eu não quero ou preciso do dinheiro dele.

— Quinhentos dólares por mês não é nada. Merda, Steven poderia gastar isso em uma viagem ao supermercado.

— Estava funcionando para nós, — ela diz, e balanço a cabeça.

— O que ele faz?

— Quem?

— Seu ex. O que ele faz? Como ganha a vida?

— Ele é advogado, — ela murmura, e aceno. Não é uma informação surpreendente. As roupas que ela usava hoje – mesmo que sejam um pouco casuais – parecem caras, e sei que a bolsa dela custou pelo menos mil, se não mais, apenas pela impressão do monograma cobrindo-a.

— Ele trabalha de graça?

— Não, — ela estala.

— Sinto muito dizer isso, baby, mas o seu ex é um idiota. Ainda que você tenha concordado com quinhentos por mês, ele deveria ter dado mais, mesmo sem você precisar pedir para ele.

— Eu não queria mais, — ela sussurra.

— Você o traiu? — Questiono, e sua resposta irritada é imediata.

— Não, claro que não.

— Então o quê? — Eu rosno

E ela sussurra: — Não é nada.

— É alguma coisa, — murmuro imediatamente.

— Nós só queríamos coisas diferentes. — Ela diz, e minhas mãos ficam em punho no volante. Eu odeio a dor que ouço em sua voz quando ela fala dele. — Não quero que ele esteja certo. Não quero que ele saiba que não posso fazer isso sozinha, ou que preciso que ele me ajude.

— Não há nada de errado em pedir para ele ajudar a cuidar do filho dele. — Eu digo, descansando minha mão sobre a dela em seu colo.

— Eu sei, — ela murmura.

— Então, o que mais Mandy disse?

— Ela disse que as custódias são normalmente concedidas as mães, mas desde que me mudei com Hunter para tão longe do pai dele, o juiz pode não conceder a mim.

— Foda-se. — Cerro os dentes, sabendo que ela está certa. Normalmente, as mães são as guardiãs, mas muitas vezes, se a criança é um menino e a mãe está em outro estado, o juiz pode pensar que é mais saudável para um menino crescer com o pai.

— Vou trabalhar algo com Mandy, e enquanto isso eu vou tentar falar com Max.

— Você não precisa falar com ele. — Eu ranjo.

— Ele ama Hunter. Se eu puder fazer com que ele veja que o que está fazendo o magoa...

— Ele não se importará. Ele está tentando ferir você, — digo, cortando-a.

Puxando a mão de sob a minha, ela se endireita e pergunta: — Você pode me deixar no banco?

— Shel...

— Não quero me atrasar, — ela interrompe.

— Você quer que eu leve sua van para você?

— Eu vou apenas andar para casa, — ela diz em voz baixa, e tenho a chance de olhar para ela, podendo ver que o progresso que fizemos esta manhã se foi e ela está chateada comigo novamente.

— Eu vou te buscar. Hoje à noite, você e Hunter virão jantar com a gente.

— Não, nós não iremos, — ela responde uniformemente.

— Eu já disse a Aubrey e Steven que vocês iriam, — eu minto, e posso ver as costas dela ficando eretas pelo canto do olho com as minhas palavras.

— Tudo bem, — ela sussurra, e preciso lutar contra meu sorriso quando paro na frente do banco. Antes mesmo da caminhonete parar, ela sai pela porta e caminha na frente do capô. Abaixando a janela, eu grito: — Tenha um bom dia, baby. — Minhas palavras ganham um olhar feio dela, e alguns olhares das pessoas na rua quando elas olham entre nós, me fazendo sorrir.



— Bre, Steven, — eu chamo, entrando na casa com Penny me seguindo lentamente. A medicação que ela está tomando para a infecção a deixou um pouco lenta, mas quando fui buscá-la, ela estava definitivamente feliz em me ver. Ou isso, ou estava feliz por sair da gaiola em que ficou enquanto se curava.

— Sim, papai, — Aubrey diz, parando no alto da escada, inclinando-se sobre o corrimão.

— Venha aqui. — Deixo cair o saco com as tigelas de Penny e a comida na mesa perto da porta.

— Meu Deus! Você trouxe um cachorro para nós! — Ela grita ao ver Penny aos meus pés, em seguida corre o último lance de escadas em direção a nós, fazendo Penny se mover para trás de mim e chorar.

— Calma, linda, — digo suavemente, e ela para no meio da corrida e olha para mim.

— Você trouxe um cachorro para nós? — Steven pergunta, e olho até as escadas e para ele.

— Desça. Eu quero falar com você e sua irmã.

— Claro, deixe-me apenas desligar com a mamãe, — ele murmura, desaparecendo da vista.

— O que há de errado com ela, papai? — Aubrey pergunta baixinho, agachando-se e ficando no nível dos olhos da Penny, que ainda está se escondendo atrás de mim.

— Vou explicar uma vez que seu irmão chegar aqui, — respondo suavemente assim que Steven volta à vista e desce as escadas de dois em dois.

— Não posso acreditar que você trouxe um cachorro, — Steven diz, e sorrio para ele, depois me afasto para que Penny possa ser forçada a vir para frente.

— Esta é Penny. — Eu me abaixo, esfregando o topo de sua cabeça. — Ela fez uma cirurgia e não se sente muito bem agora, então ambos terão que ir devagar com ela.

— Ela é tão bonita, — Aubrey diz em voz baixa, caindo de joelhos e estendendo a mão para Penny farejar. — Que tipo de cão é?

— Parte de Alemão Shepard, não sei o que mais. — Sorrio para ela, e olho para Steven quando ele pergunta.

— Por que ela fez uma cirurgia?

— Ela ficou amarrada por muito tempo sem comida ou água. A corda em que estava amarrada foi deixada por tanto tempo que incorporou em seu pelo e pele, então ela precisou fazer a cirurgia para que fosse removida, juntamente com a infecção que causou.

— As pessoas são tão idiotas, — ele rosna, e sinto meu peito se expandir com orgulho.

— Elas são, — concordo, e continuo suavemente, — Eu a trouxe para casa para que ela fique saudável e encontrar outra casa para ela.

— Mas... — Aubrey começa, e dois pares de olhos olham para mim.

— A menos que vocês possam provar que são responsáveis o suficiente para ajudar a cuidar dela, — eu os corto.

— Vou levá-la para passear, — Aubrey diz, esfregando o topo da cabeça de Penny quando ela pressiona sua mão com o focinho.

— Eu vou ajudar também, pai, — Steven promete, e aceno para os dois.

— Ela tem comida e tigelas ali. — Aceno para o saco que eu trouxe. — Estabeleça-a e mostre ao redor. — Eu peço, e Aubrey chama Penny para segui-la enquanto Steven fica ao meu lado, e sei por que quando ele fala.

— Mamãe disse para lhe dizer que ela estará em casa amanhã, então... Você sabe, não precisa se preocupar com nós estarmos lá.

— Bom, — concordo. Finalmente falei com Tina após ela evitar minhas chamadas por dias. Ela deixou perfeitamente claro que ainda estava chateada, mas queria ver as crianças, o que eu disse que não tinha problema, contanto que estivesse em casa à noite com eles.

— Se ela não estiver lá, Steven, eu confio em você para me ligar.

— Eu sei, — ele murmura, colocando as mãos no bolso da frente da calça jeans.

— Estou pegando Shelby as cinco, e todos nós vamos sair para jantar.

— Jantar? — Ele pergunta, olhando na direção da voz de sua irmã falando com Penny.

— Jantar com ela e Hunter. Tudo bem com você?

— Sim, está tudo bem. — Ele balança a cabeça.

— Bom. Agora vá ajudar sua irmã a estabelecer Penny e dizer-lhe o plano. Preciso ir à estação por um tempo.

— Tudo bem, pai. — Ele balança a cabeça novamente, e bato em seu ombro, então o vejo caminhar em direção a irmã, perguntando o que diabos significava o sorriso no rosto dele.

CAPÍTULO 7

SHELBY

— Boa noite, mãe. Hoje foi divertido. — Hunter sorri cansado para mim
Eu o puxo para um abraço, sussurrando: — Estou feliz por isso, filho.

Com isso, eu beijo o lado de sua cabeça antes de soltá-lo e empurrá-lo para as escadas. Observando-o arrastar sua mochila atrás dele, eu espero até que ele esteja fora de vista antes de ir para o meu quarto e direto para o chuveiro, onde entro e deixo correr a água quente sobre meus músculos doloridos. Estou completamente exausta, e todos os meus músculos doem após passar o dia caminhando em torno da Child's Glacier⁹ com Hunter, que parecia ter uma quantidade infinita de energia. Finalmente saindo, eu me envolvo em meu robe e vou para a cama, onde colapso de cara.

Fechando os olhos, minha mente vai para Zach, e rosno em frustração no travesseiro. Não quero me apaixonar por ele, mas posso sentir-me fazendo isso. Não ajuda que ele esteja sendo tão bom, não só para mim, mas com Hunter também. Rolando sobre minhas costas, eu olho para o teto e solto uma respiração profunda.

Ontem, eu tentei fugir do trabalho mais cedo para evitá-lo, mas quando saí do banco, ele esperava por mim na frente, inclinado contra a lateral de sua caminhonete com um sorriso no rosto. Um sorriso que dizia que ele sabia o que eu estava fazendo. Ainda estava irritada com ele por causa da nossa conversa naquela manhã e ele sabia isso, então fiquei ainda mais irritada ao perceber que ele achou o meu humor divertido. Após entrar relutantemente em sua caminhonete, passamos por sua

⁹ É certamente a geleira mais espetacular da estrada do Alasca

casa e pegamos as crianças, que esperavam por nós, incluindo Hunter. Então fomos até o porto.

Enquanto estávamos no caminho, Aubrey explicou animadamente que o restaurante em que nós iríamos abria apenas durante o verão, e então passou a contar como é difícil conseguir uma mesa, a menos que você fosse o pai dela, uma estrela de cinema ou o presidente dos Estados Unidos. Eu estava tão feliz de ter Aubrey falando comigo e agindo normalmente que senti meu humor mudar, e sabia que Zach sentiu isso quando sua mão encontrou a minha.

Quando chegamos ao porto, percebi que Aubrey não apenas comentava sobre o quão incrível seu pai era. O estacionamento estava cheio de carros e havia pessoas à espera do lado de fora para ver se poderiam conseguir um lugar. O restaurante era um lindo edifício de madeira que ficava de frente para a costa, com dois decks gigantes na frente, os quais davam para a água. Quando finalmente entramos e íamos sentar, as crianças, principalmente Aubrey e Steven, manobram-se em torno da mesa para que Zach e eu estivéssemos ao lado do outro, e Hunter entre eles. Enquanto eu fiquei lá, com a bela vista para o oceano, o crepúsculo tocando o horizonte ao longe, Zach e as crianças rindo e se divertindo, eu soube que queria momentos como esse para o resto da minha vida.

Após comer, fomos em direção à praia, onde Aubrey e Steven puxaram Hunter junto com eles para assistir as lontras e focas, que nadavam perto da costa, o que deixou Zach e eu sozinhos. Não falamos enquanto estávamos lá, mas a mão dele encontrou a minha, e havia algo significativo e bonito em segurar a mão dele enquanto observávamos nossos filhos juntos. Antes que eu estivesse pronta, ele chamou as crianças de volta e disse que era hora de ir, então todos nós empilhamos em sua caminhonete novamente e seguimos para a casa dele, uma vez que no jantar Aubrey mencionou ter feito um bolo e não queria que ele fosse para o lixo quando ela e Steven fossem passar o resto do fim de semana na casa da mãe deles. E foi assim que terminou uma das melhores noites até o momento, Zach, as crianças e eu sentados na sala de estar de Zach comendo um bolo delicioso e montando um dos quebra-cabeças do vovô.

Ouço um *tap, tap, tap* que não sai da minha cabeça e franzo a testa, olho para a porta do quarto que está fechada. Quando o tap soa novamente, eu percebo que o ruído é proveniente da varanda. Saindo da cama, eu atravesso o quarto em silêncio e afasto as cortinas um centímetro, perguntando se Louie está lá fora. Em vez disso, eu sou cumprimentada pela visão de Zach em um par de jeans, uma camisa térmica de manga comprida com os botões desfeitos no pescoço e tênis.

Abrindo totalmente as cortinas, meus olhos encontram os dele enquanto solto a trava. Assim que a porta é aberta, eu nem sequer tenho um segundo para perguntar o que ele está fazendo aqui antes de sua mão estar no meu cabelo ainda molhado e sua boca cair na minha. Levando-me de volta para o quarto, ele usa a mão livre para fechar a porta, e meu corpo se funde com o dele enquanto minhas mãos envolvem seu pescoço. No instante em que ele lambe meus lábios e seu gosto explode na minha língua, eu tremo.

— Jesus, — ele geme, deslizando a mão até a ponta do meu robe antes de deslizar a palma da mão sobre a minha bunda e minha coluna. Minha cabeça cai para trás e eu choramingo, sentindo o restolho ao longo de sua mandíbula raspar a pele do meu pescoço quando sua língua toca lá. Querendo sentir a pele dele, eu empurro a camisa para cima. Suas mãos me deixam por um momento para que ele possa levá-las sobre a cabeça e tirar sua térmica. Uma vez que ela se foi, e minhas mãos têm as rédeas soltas na sua pele lisa, eu tiro vantagem, correndo minhas unhas no seu peito, seu abdômen, e depois fazendo o mesmo com a minha boca, língua e dentes.

— Dê-me sua boca, Shel.

Belisco seu peito, ignorando-o, mas depois choramingo quando sua mão segura o meu cabelo, puxando-me, e ele toma o que pediu, enfiando a língua na minha boca. Ele me conduz por todo quarto e me empurra na cama, cobrindo meu corpo com o seu após abrir o meu roupão.

— Por favor, Zach, — eu ofego, com o espaço entre as minhas pernas cheio de necessidade; a mão dele corre pela minha panturrilha e coxa, puxando-a em torno de sua cintura.

— Tão perfeita. — Suas palavras vibram contra a pele do meu peito enquanto seus lábios se fecham em torno do meu mamilo e ele suga intensamente, fazendo com que as minhas costas arqueiem e minhas unhas raspem a pele de suas costas.

— Oh, Deus. — Aperto meus olhos com força, sentindo seus dedos trilharem entre as minhas pernas em um leve toque. Movendo uma mão entre nós, eu vou para me tocar, mas grito de frustração quando sua mão agarra meu pulso.

— Não faça isso.

Meu corpo para quando ele solta meu pulso e move os dedos para onde estavam, mergulhando dois deles dentro de mim.

Levantando minha cabeça, eu mordo seu ombro enquanto seu polegar circunda o meu clitóris, e sinto a construção de um orgasmo no meu ventre. — Por favor, não pare. Estou perto, — murmuro, passando minhas mãos por suas costas, em seu cabelo, e segurando lá. — Por favor, eu estou tão perto. — Mordo meu lábio, e então eu sinto que isso acontece, uma vez que me pega de surpresa, enviando-me em uma pirueta sobre a borda, e o agarro quando vou.

— Encharcada, encharcada pra caralho, — ele rosna, antes da sua boca voltar à minha, e os dedos voltarem em mim, me levando para mais perto da borda mais uma vez. Beliscando meu lábio inferior, sua boca deixa a minha e seus lábios trilham meu pescoço, e por cima do meu peito.

— O que você está fazendo? — Entro em pânico enquanto seus lábios se movem sobre o meu estômago.

— Vou te comer. — Ele belisca a pele lá, e eu tento sentar, mas sua mão pressiona minha barriga para me manter no lugar.

— Você não precisa fazer isso. — Suas sobrancelhas se juntam, fazendo-o parecer quase perigoso. Tento sentar novamente, então arqueio minhas costas quando seus dedos se movem sobre o meu clitóris sensível.

— Relaxe, — ele ordena, mas não posso. Eu não gosto de sexo oral, *não mais*. Quero aproveitar isso como qualquer outra mulher no mundo, mas nunca posso relaxar o suficiente para me levar lá, ou pelo menos não tenho sido capaz nos últimos quinze anos.

— Por favor, venha até aqui, — imploro, então choramingo quando seus dedos passam rapidamente sobre o meu clitóris novamente.

— Deite-se.

Nego com minha cabeça, mas depois caio nas minhas costas quando sua mão se move até o meu peito, puxando meu mamilo com força suficiente para enviar um tiro de calor ao meu clitóris. Antes que eu possa dizer mais, sua boca está sobre mim e ele está me comendo como se estivesse morrendo de fome. Devorando-me com lambidas, mordidas, e sugadas. Me segura aberta com seus braços ao redor das minhas coxas, restringindo o meu movimento. Meus dedos passam por seu cabelo e meu corpo ganha vida sob a boca dele, fazendo-me sentir algo que não sentia há anos.

— Zach. — Pressiono a cabeça no travesseiro e movo minhas mãos para agarrar os lençóis debaixo de mim, gemendo o nome dele enquanto eu gozo fortemente. Antes que eu possa recuperar completamente, seu corpo cobre o meu, e meu gosto misturado com o seu está na minha língua enquanto ele me beija intensa e profundamente. Movendo minhas mãos entre nós, eu solto o botão da calça jeans, em seguida a empurro para baixo o suficiente para envolver as mãos em torno de seu longo comprimento duro.

— Eu preciso estar em você, — ele geme, empurrando seus quadris na minha mão enquanto eu deslizo para baixo e para cima.

— Sim, — ofego. Ele se desloca para o lado, arranca os sapatos e a calça jeans, ficando sobre mim mais uma vez e, em seguida, desliza o robe do meu ombro. Sentindo o calor de seu corpo quando ele cobre meu, eu gemo e enrolo as pernas em torno dele.

— Você está pronta? — Ele se afasta, passando a mão em torno de seu pênis e deslizando-o para cima e para baixo sobre o meu clitóris. Minhas mãos vagueiam até seus quadris enquanto eu aceno. Então ele está em mim, deslizando profundamente em um impulso rápido, que tira o fôlego e faz com que minhas costas deixem a cama quando um gemido desliza por entre meus lábios. — Como eu poderia esquecer? — Ele pergunta, embora eu não ache que ele esteja falando comigo. Entretanto, eu não me importo, porque quando ele está em mim, eu sinto que estou completa, pela primeira vez.



Rolando para o meu lado, eu não sinto nada além da cama debaixo de mim, e meus olhos se abrem. Sentando, eu olho ao redor do quarto e meu coração começa a bater forte quando me pergunto se a noite passada foi apenas um sonho. Algo que fiz na minha cabeça. Em seguida, a descarga é acionada e Zach atravessa a porta do meu banheiro, vestindo absolutamente nada, além de um sorriso suave.

— A que horas Hunter levanta? — Ele pergunta, andando em minha direção. Sinto minha boca secar enquanto olho para ele. Ele é bonito de roupa, mas sem nada, ele está além da perfeição, com os músculos tensos, uma dispersão de pelos no peito, e uma linha de cabelo do umbigo direto para seu pênis perfeito, o qual é grande, grosso, e apontando diretamente para mim. — Baby, — ele chama, e levanto a cabeça para olhar em seus olhos, em seguida, inclino sobre o lado da cama para verificar o despertador na mesa de cabeceira.

— Cerca de uma hora ou assim, talvez um pouco mais. Ele estava cansado ontem à noite quando chegamos em casa, — respondo, puxando o lençol para cobrir meus seios, sentindo vergonha de estar nua perto dele, o que é absurdo, desde que ele viu tudo – *absolutamente tudo* – noite passada.

— Bom, temos tempo para uns amassos antes de eu precisar ir me preparar para o trabalho. — Ele sorri; arrancando o lençol do meu alcance e subindo na cama, empurrando minhas pernas e estabelecendo seus quadris entre o meu.

— Acho que nós precisamos conversar, — eu digo enquanto sua boca se move em toda a minha mandíbula e meu pescoço.

— Fale, — ele murmura, lambendo a coluna da minha garganta, fazendo meu corpo ganhar vida mais uma vez.

— Acho que isso não é inteligente, — eu gemo, levantando as pernas para embrulhar sua cintura enquanto passo minhas mãos pela pele suave de suas costas.

— Você está errada. — Sua resposta é imediata e firme enquanto a mão dele patina para a parte de trás da minha coxa e para minha bunda, levantando meus quadris nos dele.

— Eu... Oh, Deus, — suspiro quando sua mão segura o meu peito e seu polegar se arrasta sobre meu mamilo.

— Isso é certo, baby. Você pode tentar se convencer de que não é, mas você e eu sabemos que está mentindo para si mesma. — Suas palavras vibram contra o meu pescoço, e então ele se afasta para olhar para mim. — Vi o olhar em seus olhos no jantar. Eu sei o que significava porque eu tinha a mesma sensação no meu interior, sentado ali com você. Com os nossos filhos. Nós fomos feitos para está aqui, agora, neste momento. Nós fomos feitos para encontrar um ao outro novamente. — Suas palavras seguram o oxigênio em meus pulmões queimando, enquanto seguro minha respiração para que eu possa lutar contra as lágrimas que sei que estão próximas.

— Não quero me machucar, — eu digo sinceramente, e suas mãos se deslocam para segurar meu rosto suavemente.

— Não posso prometer que as coisas serão perfeitas. O que posso prometer é que eu nunca vou te machucar de propósito, e vou trabalhar em fazer você feliz, trabalhar em fazer você se sentir segura.

— Você não acha que temos muita história entre nós? — Pergunto antes que ele possa dizer mais, e seu rosto suaviza, então mergulha em direção ao meu, e ele me beija suavemente antes de se afastar.

— A única coisa que eu acho – a única coisa que eu *sei* – é que carreguei um lugar vazio na minha alma nos últimos quinze anos, e no momento em que te vi do lado de fora, na chuva, esse lugar vazio foi preenchido. — Suas palavras fazem com que as lágrimas nos meus olhos transbordem, e ele rapidamente as limpa com as pontas de seus polegares.

— Não somos somente nós dois, — tento novamente, sem saber por que estou sequer me preocupando. Quero isso, eu o quero mais do que a minha próxima respiração.

— Você está certa. Não somos somente nós. Não estou dizendo que vamos casar amanhã ou morar juntos na próxima semana. Tudo que estou dizendo é que eu quero isso, e vou trabalhar para fazer você querer isso tanto quanto eu.

Quero dizer que eu já quero, mas não posso me expor assim. Ainda não, de qualquer maneira.

— Lento, — eu digo, e seu rosto muda novamente.

E então ele desliza dentro de mim, me enchendo mais uma vez, sussurrando: — Lento, — contra o meu pescoço.



— Não voltou com Zach, hum? — Paul pergunta suavemente ao meu lado, e eu viro a cabeça para olhar para ele, só para ver o sorriso em seu rosto, um enorme sorriso maroto.

— Não, nós não estamos juntos. — Ele levanta a sobrancelha e sopra uma respiração, revirando os olhos. — Bem. Sim, estamos vendo um ao outro, mas agora, estamos indo devagar, — digo, sabendo que minha versão de lento e a de Zach são completamente diferentes.

Ainda não contamos as crianças sobre nós, mas não tenho dúvidas de que eles sabem que algo está acontecendo, a julgar pela forma como Zach age ao meu redor, mesmo quando eles estão por perto. Não imprópriamente, mas ainda assim, seu rosto muda quando os nossos olhos se encontram, seus dedos tocam nos meu, ou passa a mão nas minhas costas caso estejamos ao lado do outro. Eu sei que eles vêm. *Eles têm que ver.*

Hunter não agiu como se percebesse, o que não posso decidir se isso é bom ou ruim. Ele nunca me viu com ninguém além do pai dele, e não quero que ele fique chateado. Aubrey simplesmente parece feliz sempre que olha entre nós, e Steven bem, Steven sempre parece em conflito. Contudo, eu sei que não é que ele não goste de

mim. Sei que é porque ele ama a mãe dele, e é leal a ela de uma forma que realmente me deixa orgulhosa dele.

— Estou contente de ver você feliz.

Saindo da minha cabeça, eu me abraço e prendo a respiração, observando-o fumar. Eu estou feliz. Mais feliz do que estive durante muito tempo, e isso me assusta, porque não quero que minha felicidade esteja embrulhada em Zach. Quero que seja algo separado, algo que eu possa levar comigo, se chegar um momento em que isso não funcione. Eu deveria ter feito isso com Max, mas não o fiz. Coloquei a responsabilidade da minha felicidade, a nossa felicidade, sobre os ombros dele, e isso não foi justo com ele. No final, tornou-se demasiado para ele suportar.

— Você realmente deve parar de fumar, — eu brigo, e ele ri, soprando uma grande nuvem de fumaça um segundo depois.

— Eu sei, mas velhos hábitos custam a morrer. — Ele sorri e inclina a cabeça para o lado. — Que bom que você veio.

— Sim. Eu realmente gosto de Joe. Ela é perfeita para você, — digo. Seu rosto suaviza e seus olhos se aquecem com a menção do nome de sua mulher.

— Não fui bom por ela quando começamos. Eu estava com ela, mas a mantinha distante, tentando me manter seguro, e agi como um idiota.

— O que mudou? — Pergunto, voltando a olhar para dentro de casa, onde Zach e Joe, além de todas as crianças, estão sentados ao redor da mesa onde os deixei conversando para que pudesse sair com Paul enquanto ele fumava.

— Ela me disse que estava grávida de Denver e que não poderia ficar mais comigo. Ela disse que não queria criá-lo com um homem que aparecia apenas quando era conveniente para ele estar lá, e então me disse que encontraria um homem que a amaria do jeito que ela merecia ser amada. Eu sabia que ela encontraria esse homem em outra pessoa. Tão bonita como ela é e tão doce como é, eu sabia que não levaria muito tempo para encontrar alguém para dar a ela o que ela precisava, mas eu sabia que não poderia deixá-la ir, então arrumei minhas merdas e lutei por nós.

— Mulher esperta.

— Forte, extremamente forte... E teimosa. — Ele sorri e sua barba mexe. — Levou toda a sua gravidez para ela se aproximar. Não foi até que ela estava dando à

luz a Den que ela me disse que estava disposta a nos dar outra chance. Não sei o que eu teria feito caso ela não me aceitasse de volta.

— Você é um bom homem. Ela teria voltado, eventualmente.

— Às vezes, uma mulher é tão machucada que não há reparo para tal dano. Sorte minha que fui capaz de corrigir as partes dela que eu quebrei.

Engolindo o nó na garganta, eu sei exatamente o que ele está dizendo, porque ainda que Zach não tenha me quebrado, há partes em mim que continuam bem abertas.

— Vocês dois vão descobrir isso, — ele diz gentilmente, e minha cabeça vira em direção a ele. — Eu tenho fé que de algum modo somos levados para o lugar exato em nossas vidas que estamos destinados a estar, e não tenho dúvida de que você e Zach são destinados a estar aqui mesmo, então agora cabe a vocês descobrirem como fazer funcionar.

— Estou com medo, — admito. — Não tive o melhor casamento, e não somos as mesmas pessoas que éramos. Nós dois temos bagagem.

— Vocês apenas têm que descobrir como compartilhar a carga um com o outro. Haverá momentos em que você precisa segurar tudo, e momentos em que ele o faz. Esse é o ponto dos relacionamentos. Dar e receber. Garantir que a outra pessoa esteja satisfeita.

— Joe com certeza te deixou inteligente. — Sorrio e ele sorri, então dá uma longa tragada no cigarro.

— Seu avô ficaria feliz. Ele sempre quis vocês dois juntos novamente, — ele diz, me surpreendendo.

— Sabe, ele nunca falou sobre Zach ou as crianças comigo.

— Eu entendo por que ele não falou, mas isso não muda o fato de que ele sabia, como sabia que sua avó era a única para ele, que Zach é o único para você.

— Ele amava a vovó, — aponto calmamente. Que eu saiba, ele nunca teve outro relacionamento depois que ela faleceu. Ele nunca seguiu em frente após a morte dela.

— Sim, e aquele homem sentado à minha mesa também te ama. Nunca duvide disso.

— Eu não...

— Confie em mim.

— Ele casou com Tina. Ele a engravidou e casou com ela.

— Sim. Não estou dizendo que ele não errou, mas conheço o homem que ele era, e conheço o homem que ele é hoje. Ele estava fazendo o certo por ela e as crianças. Eu teria feito a mesma coisa.

— Não posso falar sobre isso, — eu digo, e ele balança a cabeça, se aproximando mais, ele pega a minha mão.

— Você precisa falar sobre isso. Isso é a coisa que vai acabar com você dois caso não faça isso, e você não pode deixar. Ele é um bom homem e um bom pai. Ele ama seus filhos até os ossos. Você precisa encontrar uma maneira de fazer as pazes com o que aconteceu depois que você foi embora. Não digo que você precisa gostar, mas a vida acontece, e nem sempre é perfeita. Às vezes, o caminho para a felicidade é cheio de provações e tribulações. Você precisa apenas descobrir como atravessar as partes difíceis para que possa encontrar o seu pedaço de felicidade.

— Por que ela? De todas as pessoas, por que ela? — Faço a pergunta que fiz a mim mesma uma e outra vez.

— Não sei. Isso é algo que você terá que perguntar a ele. — Ele dá de ombros, soltando a minha mão e apagando o cigarro, apenas para tirar outro da embalagem sobre a mesa e acendê-lo. — O que eu sei é que a luz que vejo em seus olhos é uma que não vejo há muito tempo.

— Como eu disse, nós estamos indo devagar.

— E como eu disse, encontre uma maneira de conversar com ele. Consiga as respostas que você precisa e faça as pazes com elas. Não precisa gostar do que ele diz, mas você não quer olhar para trás daqui a dez, vinte anos, desejando ter aproveitado a chance de se abrir.

Inclinando-me para trás, eu fecho meus olhos brevemente. — Acho que parte de mim ainda é apaixonada por ele, — admito, me perguntando como isso é sequer possível após tanto tempo e longa história.

— O amor nunca morre. Às vezes, ele se transforma em algo completamente diferente, mas nunca vai embora.

— Cometi meus próprios erros. Eu sei que fiz com que ele sentisse como se a adoção de Samuel fosse apenas decisão dele, como se ele tivesse me obrigado a ir até o fim, quando ele não o fez.

— Somente mais uma coisa para vocês conversarem.

— Sim, — concordo, sabendo que ele está certo. Precisamos falar sobre isso. Eu posso não querer, mas se vamos encontrar uma maneira de fazer isso funcionar, nós teremos que conversar em algum ponto.

Ao ouvir o riso vindo da casa, eu olho e vejo Aubrey curvada, rindo em sua cadeira com Denver, que está sentado ao lado dela, olhando para ela com uma expressão suave no rosto.

— Ah merda.

— Ah merda o quê? — Pergunto, voltando a olhar para Paul, e ele balança a cabeça.

— A menina é bonita. Não tem ideia do quanto ela é linda, e acho que Den acabou de perceber isso.

Olhando para trás, para dentro, eu vejo que Den não tirou os olhos dela, e então eu olho para Zach para ver se ele percebeu, e com certeza, seus olhos estreitados estão apontados para Den de uma forma que diz que ele está prestes a sair sua cadeira e cometer assassinato.

— É melhor eu ir antes de seu filho acabar morto, — resmungo, e ele ri. Ele apaga o cigarro e abre a porta, me deixando entrar antes dele. — O que é tão engraçado? — Todos os olhos se viram para mim, e Maisy sorri enquanto Joe balança a cabeça, sorrindo.

— Hunter estava nos dizendo sobre quando os dois viram o urso em sua casa, — Joe diz, e eu olho para Hunter.

— Seu rosto quando você viu o urso era engraçado, mãe, e a maneira que você gritou. — Ele ri, e Aubrey começa a rir.

— Eu estava surpresa. Não são muitas vezes que você vira em sua cozinha e encontra um urso ali.

— É verdade, baby, — Zach diz suavemente, e minha barriga derrete um pouco quando os nossos olhos se encontram.

— Vocês estão prontos para a sobremesa? — Joe se levanta e todas as crianças dizem sim.

— Bom, nós teremos torta de salmonberry¹⁰ da minha avó, com sorvete de baunilha.

— Salmonberry, — sussurro; e Joe olha para mim e sorri.

— Quer me ajudar? — Ela pergunta.

— Claro. — Eu a sigo, sentindo Zach correr os dedos sobre mim quando passo por ele. Quando entro na cozinha, Joe já tirou o sorvete do freezer e está puxando o plástico que cobre o bolo. — Você quer que eu sirva o sorvete?

— Sim, a colher está na gaveta ao lado da geladeira, — ela diz, e pego a colher, ficando ao lado dela no balcão.

— Não como salmonberrys há muito tempo. Não tem em Seattle, — eu digo, enquanto minha boca enche d'água. Salmonberrys são semelhantes às framboesas ou amoras, mas as cores variam entre laranjas, amarelas, e às vezes rosa, mas o gosto os diferencia, porque são doces, mas um pouco azedos também.

— Elas são difíceis de encontrar se você não vive no Alasca. Eu faço geleias no verão e congelo tanto quanto posso, mas quando o inverno termina, já estamos sempre sem elas.

— Preciso levar Hunter para colher berrys e aprender a fazer geleia.

— Eu ficaria feliz em ensiná-la, e se me avisar quando for colher, as meninas e eu iremos junto.

— Eu adoraria isso. Encontrei algumas das coisas antigas de conserva da minha mãe, então eu adoraria aprender como usá-las.

Ela sorri um sorrisinho, balançando a cabeça, e pergunta: — Você não se lembra de mim, não é?

— Não, — digo baixinho, me perguntando se deveria se lembrar dela.

— Você era jovem, talvez tivesse uns seis anos na última vez que te vi, — ela responde, e volta para a torta. — Sua mãe lhe trouxe junto quando fomos colher

¹⁰ É uma fruta parecida com amora (só que rosa, laranja ou amarela), nativa da costa oeste da América do Norte.

salmonberrys nos verões. É por isso que fiz esta torta hoje à noite. Ela me disse uma vez que era a sua favorita.

— É, mas não me lembro.

Ela balança a cabeça, deslizando um pedaço de torta no prato diante de mim. — Bem, você se parece com ela. Paul disse que você parecia, mas quando a vi hoje à noite, não pude acreditar o quanto você se parece com ela. Ela era uma boa amiga para mim. Sei que eu não estava por perto quando ela faleceu, mas se precisar de alguma coisa, eu estou aqui agora.

— Obrigada, — eu digo em voz baixa, e ela balança a cabeça novamente.

— Paul está realmente feliz por você estar em casa. Ele falou muito sobre você ao longo dos anos, e sempre queria entrar em contato, mas não sabia se deveria, — ela confidencia.

— Eu esqueci, — sussurro para mim mesma, fechando os olhos brevemente.

— Perdão? — Ela pergunta, colocando outro pedaço de torta em um prato.

— Desculpe. — Limpo minha garganta, de repente me sentindo emotiva. — Esqueci sobre isso. — Movimento em torno de tudo, porque é *tudo*. — Esqueci que é por isso que eu era feliz aqui. Eu bloqueei.

— Ainda não entendo, querida.

— Ter pessoas se preocupando com você, até mesmo as pessoas que são estranhas, — explico, e sua boca suaviza.

— Eu esqueci também, até que voltei. Não é o mesmo em qualquer outro lugar, não é?

— Não, não é, — concordo, e ela bate no meu ombro com o dela.

— Você está ficando para trás, querida.

Rindo, eu começo a escavar o sorvete de creme, e então chamamos as crianças para a cozinha e eles correm como um bando de leões famintos. Quando todos terminaram de devorar a nossa sobremesa, é hora de encerrar a noite, e é mais uma noite que eu desejo não ter que acabar.

CAPÍTULO 8

SHELBY

Acordando, sinto Zach atrás de mim na cama e não pude deixar de sorrir ao abrir meus olhos ligeiramente.

— Eu sei que você está acordada, — ele diz no meu ombro. Sentindo seus lábios lá quando ele coloca um beijo, eu mergulho na sensação e viro para encará-lo.

Faz um pouco mais de três semanas desde que nós jantamos com Paul e sua família, e, desde então, dissemos às crianças que estamos vendo um ao outro e jantamos juntos todas as noites, variando entre a minha casa e a de Zach, com Aubrey e eu cozinhando e os meninos fazendo a limpeza, a menos que comemos fora ou solicitemos uma pizza. Foi agradável – mais do que agradável. Eu adoro ter Zach e as crianças ao redor, e sei que Hunter adora também.

— Você ainda está dormindo, afinal? — Ele pergunta com uma risada, tirando-me dos meus pensamentos. Ele passa o dedo pela minha bochecha, fazendo meus olhos se fecharem.

— Sim, desculpe-me.

— Desculpe por acordar você.

— Eu lhe disse para me acordar quando chegasse aqui caso eu estivesse dormindo. Eu queria saber que estava em casa, — respondo, e seus olhos se movem sobre o meu ombro e nublam. — O que há de errado? — Movo minha mão para descansar contra seu peito e seus olhos voltam para mim.

— Nada.

— Por favor, diga-me, — digo suavemente, e ele coloca sua mão sobre a minha, fechando a palma da mão sobre o coração.

— Eu gosto que você chame onde quer que esteja de *casa*.

— Zach. — Meus dedos flexionam contra o peito dele e minha frequência cardíaca aumenta.

— Ela nunca deu isso para mim ou para as crianças, — ele continua, e meus músculos ficam tensos. — Ela não queria que eu a acordasse quando chegasse em casa. Não tínhamos jantares juntos ou passávamos tempo como uma família unida, e como não tive um lar enquanto crescia, eu queria isso para os meus filhos, mais do que queria qualquer outra coisa neste mundo.

— Então por que você se casou com ela? — Pergunto, me perguntando se eu estou realmente pronta para ir lá com ele, mas é tarde demais para mudar minha mente. A questão está fora, e tanto quanto não quero saber a resposta, eu *preciso* saber a resposta.

— Queria que meus filhos tivessem o que eu não tive. Eu acreditava que com o tempo, poderíamos encontrar uma maneira de ser feliz.

— Talvez não devêssemos falar sobre isso, — eu digo, mudando minha mente quando náuseas e ciúmes giram no meu estômago.

— Você amava o seu ex, baby. Eu sei que você o amou. Eu não tive isso. Eu queria, mas nunca tive isso com ela ou com qualquer outra pessoa desde você.

— Por favor, pare. — Sentindo lágrimas queimarem a parte de trás de meus olhos, eu os fecho apertado. Max e eu éramos felizes e apaixonados no início, e odeio saber que Zach nunca teve isso... Que as crianças não viram ou sentiram isso.

— Eu queria que meu passado não doesse tanto. Sinto muito por feri-lo como fiz. Se eu pudesse tirar sua dor, eu o faria. — Ele me aperta contra ele e coloca minha cabeça sob o seu queixo.

— Tão triste como isso me deixa, eu queria que você tivesse tido isso com ela ou outra pessoa, — digo, e seus braços me apertam tanto que meus pulmões apertam.

— Não, — ele rosna.

— O quê? — Eu chio, e ele afrouxa seu aperto apenas o suficiente para eu tomar um fôlego.

— Não quero pensar no que teria acontecido se eu estivesse com ela ou alguma outra pessoa quando você voltou. Não quero enfrentar esse demônio dentro de mim, que sabe o que eu teria feito.

— Zach...

— Estive apaixonado por você por quase 18 anos. Guardei esse sentimento dentro de mim por muito tempo, Shelby. Eu sei que isso teria me feito um idiota, mas há apenas uma de você. Além de meus filhos, você é o único lugar que eu já chamei de casa. — Sua voz é cheia de emoção, e essa ferida dentro de mim se cura um pouco mais. Odeio as palavras dele, mas uma parte de mim está aliviada por ele se sentir assim, pelo seu sentimento ser tão profundo por mim.

Descansando minha palma contra sua bochecha, eu sussurro: — Há um amplo espaço aberto dentro de mim desde que entregamos Samuel e te deixei para trás. Um espaço que pensei que jamais seria preenchido, mas desde o momento que eu voltei, ele lentamente foi se curando.

Ele fica em silêncio por causa das minhas palavras e vários momentos passam antes de falar novamente. — Um dia, esse espaço será preenchido. — Ele sussurra: — Eu juro com tudo o que tenho em mim, eu vou garantir que ele transborde e que você nunca se sinta vazia novamente, baby.

— Você vai me fazer chorar, — murmuro, e sua cabeça mergulha para a minha. Ele coloca um beijo suave contra meus lábios.

— Não há tempo para você chorar. Você precisa dormir, baby. Temos de levantar em poucas horas, pegar as crianças na casa da Tina, e depois ir ao aeroporto para pegar o nosso voo, — ele me lembra; e não tenho ideia de como esqueci que em apenas algumas horas estaremos entrando em um avião e indo passar o dia em Juno. Entraremos em um barco para observação de baleias, e depois passaremos a noite em Anchorage, onde levaremos as crianças para a comprar materiais da escola. Algo que foi ideia minha. Cordova tem muito a oferecer, mas não há muitos lugares para comprar roupas, e Hunter parece ter crescido trinta centímetros desde que chegamos aqui. Também espero ajudar Aubrey a comprar algumas coisas que se encaixam nela e que vão ajudá-la a mostrar o quão bonita ela é.

— Hunter vai amar, e é uma das coisas favoritas que Aubrey gosta de fazer, — ele diz, e meu corpo amolece.

Hunter *vai* adorar, e qualquer vez que vejo Aubrey feliz, eu fico feliz. — Não posso esperar. É tudo o que Hunter poderia falar hoje, — concordo, ganhando um

aperto dele. — Tenho mais uma coisa que eu preciso dizer. — Bocejo, sentindo-me começar a voltar a dormir enquanto me aproximo ainda mais dele.

— O que?

— Eu também sinto muito. — Puxo a respiração e pauso. Sentindo seus olhos em mim. — Sinto muito por como te fiz sentir. Dar Samuel para adoção foi uma escolha que fizemos juntos, e sinto muito por fazer você se sentir como se tivesse me forçado a fazê-lo. Não foi justo da minha parte fazer você sentir isso naquela época, e sinto muito por não estar lá quando você precisou de mim, — digo, sentindo seus braços apertarem enquanto meus olhos se fecham e caio no sono não ouvindo seu murmúrio.

— Foda-me.



— Meu Deus. Olhe para aquela, — Aubrey grita, apontando para a água quando uma grande baleia jubarte viola a superfície do lado de fora do barco. Hunter e Steven, ambos ao lado dela, reviram os olhos, não tão animados como ela está, porque não é a primeira baleia que vimos desde que saímos, mas a vigésima. Não que isso tenha diminuído o entusiasmo de Aubrey. Ela teve a mesma reação toda vez que isso aconteceu.

— Não é legal, Shel? — Aubrey suspira, virando o rosto sorridente para mim. Sem pensar, eu descanso minha palma contra sua bochecha que está cor de rosa por causa do frio, pensando que ela parece mais bonita e mais feliz do que eu já vi antes, e tudo porque ela está fazendo algo que obviamente ama com pessoas que ela se importa.

— É muito legal, linda, — concordo, e seu rosto suaviza. Seus olhos vão para o pai dela, que está atrás de mim, e percebo que usei o apelido dele para ela. Minha mão cai, e ela volta seu olhar para a água sem outra palavra. Fazendo-me desejar não ter dito nada.

— Está tudo bem, baby. Relaxe, — Zach diz atrás de mim, e aceno, então, vejo os lábios de Aubrey apontar para cima, e meu corpo relaxa enquanto me inclino no aperto de Zach, deixando escapar um longo suspiro. — Ela adora você. O mesmo acontece com Steven. Você não tem nada com o que se preocupar. — Ele sussurra contra a concha da minha orelha.

— Ok, — concordo, e olho para Hunter, vendo-o rir com Steven. Eu sempre quis mais filhos. Eu queria que Hunter crescesse com os irmãos. Eu queria que ele tivesse o que não tive, mas depois de seu nascimento, Max disse que não queria mais filhos, e eu não queria lutar com ele. Não queria forçá-lo a algo que, no longo prazo, causaria problemas entre nós. Costumava ficar triste ao pensar que Hunter não tem irmãos ou irmãs, mas aqui, espero e rezo para que momentos como esses sejam algo para ele olhar para frente, aqueles que ele olhará para trás e ficará feliz quando ficar mais velho.

— Que tal entrar e pegar um pouco de chocolate quente? — Eu sugiro alguns minutos depois, quando parece haver uma calmaria na atividade de baleias.

— Parece bom para mim, — Zach diz, dando um aperto em minha cintura antes de pegar a minha mão, e caminhamos com as crianças para dentro do navio, onde eles têm uma pequena barraca com bebidas e alimentos. Após observar Zach pagar as nossas bebidas, eu olho em volta e encontro Steven e Aubrey sentados em uma mesa, bebendo o chocolate quente, e Hunter ao lado, olhando através das grandes janelas de visualização, aparentemente perdido em pensamentos. Ele tem estado bem, mas sei que o que está acontecendo entre seu pai e eu está sendo difícil para ele, mas ele se recusou a falar comigo sobre isso.

— Já volto, — digo a Zach, e seus olhos passam por cima de minha cabeça para onde Hunter está de pé. Ele balança a cabeça em compreensão, e se inclina, beijando minha testa. Dando um sorrisinho para a menina atrás do balcão, eu pego o meu chocolate quente e vou até Hunter.

— Você está bem, querido? — Pergunto quando me aproximo, mas seus olhos não me encontram quando ele responde.

— Eu gostaria que meu pai estivesse aqui, — ele diz em voz baixa, e meu estômago aperta. Envolvendo o meu braço em volta dos ombros dele, eu descanso minha cabeça na dele.

— Talvez vocês possam planejar uma viagem quando ele vier vê-lo. Aposto que ele gostaria de fazer algo parecido com você.

— Talvez. — Ele dá de ombros.

— Eu sei que pode não parecer agora, mas tudo ficará bem. — Mordo meu lábio, esperando estar certa.

— Ok, mãe, — ele responde, não parecendo convencido.

— Envie uma foto para ele, — eu digo, e seu corpo enrijece, mas continuo como se não tivesse notado, embora a reação dele me deixe novamente irritada com Max. — Diga a ele o que você está fazendo e que gostaria de fazer isso com ele algum dia.

— Claro, — ele concorda, mas sei que ele não vai. Quando chegamos à cidade, seu telefone celular, que eu costumava odiar, estava sempre na mão. Agora, na maioria dos dias, eu o encontro jogado aqui ou ali, nem mesmo carregado. Max devia vir no mês passado, no entanto ele cancelou no último minuto, não ligando para mim, mas dizendo por meio da sua advogada, provando que é um idiota.

— Venha sentar com a gente, — encorajo depois de um momento, e ele acena com a cabeça, seguindo-me para a mesa, onde se senta ao lado de Steven, por quem estou me apaixonando lentamente. Ele tem um poder que não possuo quando se trata de Hunter, e leva apenas alguns minutos para Steven o fazer rir.



— Não pare. Estou muito perto, — respiro contra a boca de Zach, envolvendo minhas pernas mais apertadas na cintura dele. Quinze minutos atrás, nós entramos em nosso hotel para passar a noite, e assim que nos estabelecemos em nossos quartos, as crianças nos disseram que iam à piscina para nadar por uma hora antes de ser fechada. Assim que eles saíram, Zach trancou a porta e tirou minhas roupas.

— Foda-se, eu vou gozar, — ele rosna; então ele me vira de bruços, levanta meus quadris e bate em mim por trás.

— Meu Deus. — Minha cabeça voa para trás e as mãos dele deslizam, uma segurando em meu peito, a outra deslizando entre minhas pernas, concentrado em meu clitóris conforme bate em mim mais e mais, enviando-me em um orgasmo que tira o meu fôlego.

Distraidamente o ouço gemer atrás de mim, e então seus quadris pressionam completamente nos meus, ainda com o som da nossa respiração pesada enchendo o quarto. Descansando minha testa na cama, eu tento recuperar o fôlego e controlar a minha frequência cardíaca. Ter um orgasmo antes dele era um jogo de dados, mas com Zach, isso acontece o tempo todo, e cada vez me pega de surpresa.

— Fique, — ele comanda, retirando lentamente. Choramingo com a perda dele, e viro a cabeça para vê-lo caminhar até o banheiro, ouvindo o barulho de água.

Voltando um segundo depois, ele tem um pano na mão e seus olhos travados nos meus. Aprendi durante a nossa segunda vez juntos a não discutir sobre isso ou dizer a ele que posso me limpar. Não sei por que ele insiste em fazê-lo, mas ele faz isso todas às vezes, sem falhar. Relaxando na cama, ele gentilmente me limpa e então eu sinto os lábios nas minhas costas. Outra coisa que ele sempre faz nas vezes em que estou de costas, ele beija minha boca ou meu estômago antes de ir e lavar o pano.

— Você está bem agora, baby. — Ele diz suavemente.

— Obrigada, — digo timidamente, e estendo a mão, pegando minha calcinha e jeans do chão.

— O que devemos fazer para o jantar? — Ele pergunta, colocando seu jeans e abotoando-os.

— Não sei. Algo meio saudável, porque as crianças comeram toda aquela junk food no barco, e no voo, — digo, parando com as minhas próprias calças jeans puxada até o meio da coxa. — O quê? — Pergunto, vendo o olhar no rosto dele.

— Nada. — Ele sorri, e balanço a cabeça.

— Acho que eles têm um Subway do outro lado da rua. Nós poderíamos ir lá.

— Saudável, — ele murmura, e sinto meu rosto torcer.

— O que?

— É bonito você sempre tentar fazer as crianças comer de forma saudável.

— Vegetais são importantes, Zach.

— Sim, — ele concorda, sorrindo ainda mais, mas o sorriso em seu rosto diz que acha que eu estou sendo bonita, e eu bufo.

— Eu sei que você, Steven, e Hunter acreditam que alface e tomates contam, mas não contam, — digo, pulando para passar minhas calças sobre meus quadris e fechar o botão.

— Por quê? — Ele levanta uma sobrancelha, apoiando as mãos nos quadris, e meus olhos digitalizam seu torso, desejando que ele não tivesse que se vestir. — Você dizia? — Ele pergunta, parecendo muito arrogante.

— Bem, para começar, alface é roughage¹¹, e não tem nenhum valor nutricional real, e em segundo lugar, o tomate é uma fruta, então não contam muito.

— Não sei se eles terão um buffet de vegetais no subway, baby.

— Bem, é melhor do que o Burger King ou McDonald, — murmuro, agarrando o meu sutiã de sua mão e o colocando. Tiro minha camisa, a qual ele pegou, das mãos dele, apenas para ser segurada pelo pulso e puxada para o seu peito.

— É um período de férias. As crianças nunca chegam a comer McDonald ou Burger King, por isso caso eles queiram essa comida esta noite, eles podem tê-la.

— E você? Você não é tão jovem como costumava ser. Você deve comer de forma saudável também, — digo, e seu rosto se aproxima do meu.

— Você está me chamando de velho?

— Não, — respiro contra sua boca enquanto sua mão desce, agarrando minha bunda e puxando minha pélvis contra a dele.

— Bom.

— Você vai me soltar, então eu posso colocar a minha camisa?

— Na verdade, não quero, mas sim. — Ele belisca meu lábio inferior e me solta, e deslizo a camisa sobre a minha cabeça.

11 Material vegetal que não pode ser digerida, mas que ajuda a digerir outros alimentos.

— Tem certeza que você e os meninos ficarão bem dormindo aqui? — Pergunto, olhando ao redor do quarto com duas camas de casal, uma cômoda e um sofá que se transforma em uma cama.

— Está tudo bem. Eu disse para você parar de se preocupar.

— Eu sei. Apenas me sinto mal por um de vocês ter que dormir no sofá-cama enquanto Aubrey e eu teremos duas grandes camas confortáveis.

— Na próxima viagem, teremos nosso próprio quarto, os meninos podem compartilhar, e Bre pode ter um quarto para ela. Eles provavelmente não se importariam agora, mas quero dar...

— Concordo com você, — eu digo, interrompendo-o. — É muito cedo.

Ele dá um passo em minha direção, entrando no meu espaço, e levanto a cabeça para olhar para ele.

— Mais cedo ou mais tarde eu quero você e Hunter na minha casa. Quero você na minha cama, ao meu lado durante a noite.

— Você não tem um quarto extra. — Aponto em silêncio, e ele traz o rosto para mais perto do meu.

— Então nós vamos dormir na sua casa.

— Você acha que Steven ficará bem com isso? — Pergunto suavemente descansando minhas mãos contra o peito dele.

— Ele ficará bem. — Ele desliza uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Hunter é um dos amigos dele agora, e ele ama o jeito que você é com Aubrey. Eu sei que está levando mais tempo para ele aquecer...

— Eu entendo, — interrompo. — Eu amo a forma que ele ama a mãe dele e é leal a ela. Sei que isto não é fácil para ele, mas ele tem sido incrível, realmente incrível sobre tudo.

— Temos tempo para descobrir isso tudo, mas não quero esperar um ano também. As crianças começarão a escola em breve, e quando começarem e o inverno chegar, as coisas em torno da cidade abrandarão. Eu gostaria de ter algum tipo de plano em prática antes da primeira neve cair.

— Você está falando sobre morar juntos? — Pergunto enquanto meus olhos se arregalam.

Ele fica ao lado da cama e puxa meus quadris, me estabelecendo entre suas coxas abertas. — Morar juntos, colocar a minha casa no mercado. — Ele desliza as mãos debaixo da minha camisa. — A menos que você queira morar comigo. Se fizéssemos isso, Hunter e Steven teriam que dividir um quarto. Realmente não quero fazer isso com qualquer um deles. Eu gostaria que cada um tivesse seu próprio espaço. Você tem mais três quartos do que eu tenho em minha casa, por isso faz sentido para nós morarmos com você.

— Você está falando sério? — Respiro, e sua cabeça se inclina para o lado, me estudando.

— Sim.

— Não acho que isto se qualifica como ir devagar, — indico, e ele sorri.

— É lento para mim.

— E se as coisas vão mal? — Pergunto, e ele me puxa impossivelmente para mais perto.

— Não vejo isso acontecendo, mas se isso faz você se sentir mais segura, podemos alugar a minha casa no inverno para os esquiadores, ganhar algum dinheiro com isso, e guardar o dinheiro para o nosso casamento.

— Agora você fala sobre casamento? — Sinto meus olhos ficarem impossivelmente mais amplos, e ele olha em algum lugar à minha direita, murmurando algo sob sua respiração. — Isto não é lento! — Grito, batendo em seu ombro.

— As crianças estão felizes. Estou feliz, e acho que você está feliz também, a menos que eu esteja perdendo alguma coisa.

— Não, eu estou feliz, e acho que as crianças estão felizes também, mas morar junto e casamento... — ele me puxa para me sentar em sua coxa, coloca o rosto a um centímetro do meu, correndo os dedos pelo meu cabelo, me segurando no lugar.

— Quero começar uma vida juntos, você, eu e as crianças. Quero voltar para casa para você, e dormir ao seu lado. Quero ouvir você chatear as crianças sobre comer vegetais durante o jantar, e ouvir você chamar minha filha de linda de uma maneira que eu sei que ela gosta. Quero tudo isso e muito mais com você, até eu dar o meu último suspiro.

— Se você me fizer chorar, não serei capaz de explicar isso para as crianças, — digo, sentindo calor espalhar em mim e aquele buraco dentro se preencher ainda mais.

— Então, não chore. Apenas me diga que você está na mesma página que eu. Diga que quer as mesmas coisas que eu quero.

— Eu quero isso – bem, exceto a parte de chatear, uma vez que não é chatear, mas ser um bom pai. As crianças devem comer legumes, e você poderia me ajudar com isso, comendo-os também sem se queixar, — divago, observando-o sorrir.

— Vou comer os meus legumes, baby, desde que eu te coma para a sobremesa.

— Não me excite antes das crianças voltarem também, — reclamo, e seu sorriso se torna presunçoso.

— Foda-se, mas eu gostaria que tivéssemos tempo, — ele diz contra a minha boca, antes de me beijar intensamente e molhado, fazendo-me desejar que tivéssemos mais tempo antes das crianças voltarem.



— O que você acha deste top? — Pergunto a Aubrey, segurando uma bonita camisa de mangas compridas, azul marinha, que é mais curta na frente e longa na parte de trás.

— É bonita, mas não sei se é para mim, — ela diz, e a seguro na frente dela, fechando um olho.

— Ficaria realmente adorável com aquelas leggings que você comprou, aquele colete preto que escolheu, e as botas pretas na metade da panturrilha que você usou na semana passada, — proponho, e ela a pega de minhas mãos, olhando-a.

— Você realmente acha isso?

— Apenas experimente. Se gostar, eles têm outras cores, — sugiro, e ela dá de ombros, indo ao vestiário com uma braçada de roupas.

Esta manhã, antes de sairmos do hotel, perguntei a Zach sobre as escolhas de roupas de Aubrey, e ele me disse que Tina sempre foi encarregada de levar as crianças para comprar roupas. Desde que Aubrey se recusou a fazer parte disso, Tina começou apenas a pegar qualquer coisa para ela, provavelmente pensando que se fosse algo hediondo ela iria querer escolher suas próprias coisas.

Não aponte que o plano dela não estava funcionando, mas perguntei se eu poderia ir para algumas lojas com ela e mostrar-lhe algumas coisas. Não sei se ele estava apenas sendo um homem ou se realmente queria que eu a levasse, mas concordou com meu plano sem qualquer discussão.

Sentando-me do lado de fora do vestiário, eu olho para meu telefone e envio uma mensagem para Zach, deixando-o saber que devo terminar logo. Ele, Steven, e Hunter saíram duas horas atrás, com planos para ver um filme de super-herói. Hunter e Steven estavam cansados de fazer compras e deixaram claro que queriam sair do shopping. Zach não estava muito atrás deles para alcançar seu limite, o que foi bom para mim.

— Você realmente acha que isso está bom? — Aubrey pergunta, saindo do provador em que entrou momentos atrás. Largo o celular na bolsa e levanto a cabeça.

— Oh, meu Deus, — sussurro. A camisa se encaixa nela perfeitamente e mostra sua cintura, e as leggings a fazem parecer mais jovem, moderna e muito elegante. — É perfeito, mas como você se sente? — Pergunto, vendo-a parecer insegura.

— Não sei. Não é o que estou acostumada, mas ainda é confortável. — Ela encolhe os ombros.

— Você está linda, querida, — digo suavemente, colocando minha bolsa na cadeira ao lado e levantando. — E a roupa não tem que ser desconfortável para ser elegante.

— Apenas não sei se isto realmente sou eu.

— Você ainda parece como você. — Pego o colete que ela escolheu, eu a ajudo a colocá-lo e dou um passo atrás. — Você é uma menina bonita, e não importa o que vista, essa beleza brilha. — Ela olha para si mesma no espelho, e olha para mim, deixando escapar um longo suspiro.

— Você acha que eu sou gorda demais para usar isso? — Ela pergunta, e algo desconfortável me atinge, mas supero, lembrando como eu me sentia na idade dela. Inferno, como eu me sentia alguns dias atrás. O mundo pode ser um lugar cruel, e todo mundo parece ter uma opinião do que é a beleza e qual corpo a mulher deve ter.

— Nem uma parte de você é gorda, e realmente espero que você não ache que esteja acima do peso, porque você não está, nem mesmo um pouco.

— Steven tem um abdômen definido, e eu...

— E você é uma menina. As meninas têm curvas. Nós fomos feitas para ter curvas. Elas não são nada para se envergonhar ou se sentir insegura. Neste momento, você tem o corpo de uma jovem, e um dia, você terá o corpo de uma mulher. Sua beleza deve ser abraçada. Nem sempre é fácil, mas você deve amar quem você é. Você é perfeita.

Engolindo em seco, seus olhos voltam ao seu reflexo no espelho, então ela se vira para lá e para. — Acho que eu gosto. — Ela morde o lábio, olhando para mim.

— Estou feliz por você gostar. — Sorrio.

Sorrindo, ela pergunta baixinho: — Você acha que eu posso comprar um pouco mais como esta?

— Absolutamente. — Aceno; não me importando nem um pouco que eu provavelmente vou explodir o orçamento que Zach me deu. Vê-la feliz vale qualquer discussão que possa ter.

— Obrigada, Shel.

— A qualquer hora, querida, — concordo; o que significa mais do que ela imagina.

Uma hora depois, finalmente terminamos as compras e os meninos já saíram do cinema, de modo que os encontramos na praça de alimentação, onde os meninos falam sem parar sobre o filme que viram enquanto comem hambúrgueres e batatas fritas. No momento em que terminamos de comer, só temos uma hora para chegar ao aeroporto, por isso corremos até o hotel para pegar as malas, e corremos até o aeroporto para pegar nosso voo para Cordova.



CAPÍTULO 9

ZACH

— De quem é aquele carro? — Pergunto, e Shel olha por cima do ombro em direção a sua casa, que acabamos de passar, soltando o cinto.

— Não sei, — ela murmura.

Desligando a caminhonete, eu saio, abro a porta traseira para as crianças, e depois vou para a parte traseira da minha caminhonete, onde me encontro com Shel.

— Hunter, — uma voz masculina chama, e todos olham para a casa ao lado. Eu sei no instante em que meus olhos encontram o homem de pé na varanda de Shel, vestindo um terno e sapatos engraxados, que ele é o ex-marido de Shel e o pai de Hunter. O que não sabemos é o que diabos ele está fazendo aqui.

— Oh, maravilhoso, — Shel sussurra.

A voz calma de Hunter diz: — Pai, — não parecendo feliz, mas preocupado. Meus olhos vão para ele, e assisto Steven segurar seu braço e Aubrey pisar ao lado dele, ambos apoiando-o.

— Max. — Shel se move ao meu redor antes que eu tenha a chance de pará-la. — O que você está fazendo aqui?

— Você disse que eu poderia vir, — ele afirma, e suas palavras me surpreendem. Enfiando as mãos nos bolsos, os olhos dele varrem nosso grupo, em seguida, olham para ela.

— Se esqueceu de mencionar algo, baby? — Pergunto, e ela olha para mim, então revira os olhos antes de olhar para Max.

— Não, — ela diz, movendo em direção a sua casa, comigo em suas costas. Fazendo uma pausa, ela olha para as crianças, que ainda estão amontoadas,

e aponta para Steven. — Leve Hunter para a sua casa, querido. Seu pai ou eu iremos lá para pegá-lo em poucos minutos.

— Mãe? — Hunter pergunta baixinho, parecendo pálido.

— Está tudo bem, querido. Vá com Steven e Aubrey. Estarei lá com você em apenas um minuto.

— Ok, — ele concorda, e Steven envolve seu braço em volta dos ombros de Hunter, levando-o em direção à nossa porta da frente, onde posso ouvir Penny latir freneticamente, sabendo que nós estamos do lado de fora enquanto ela está presa na casa.

— Eu vim para ver meu filho, — Max estala, encarando Shel antes de transferir sua carranca para mim, quando eu ando até onde ela está parada perto da parte inferior dos degraus, colocando minha mão contra a parte inferior das suas costas.

— E quem diabos é você?

— Zach Watters, xerife da cidade, — afirmo.

Seus olhos chamejam, e voltam para Shel, quando pergunta: — Sério?

— Não faremos isso aqui, — ela murmura, subindo os degraus em direção a porta, abrindo-a sem utilizar uma chave – me irritando - então a mantém aberta para nós. Assim que nós dois entramos, ela bate a porta e vira para Max, apontando o dedo para ele.

— Você não pode estar falando sério.

— Não vim para drama, Shel. Eu vim para ver Hunter. Ele não esteve atendendo às minhas ligações, e nem você.

— Você enlouqueceu? Já parou para pensar...? — Ela balança a cabeça e abaixa os olhos. — Deixa pra lá. Não responda a isso. Nós dois sabemos que você não parou para pensar. Você nunca faz. É sempre tudo sobre você, então que se dane como qualquer outra pessoa se sente.

— Não vim aqui para isso.

— Bem, então *por que* você veio aqui? — Ela joga as mãos no ar.

— Eu te disse, eu queria ver Hunter.

— Estou feliz. Sei que ele vai adorar ter você por perto, — ela diz suavemente, em seguida, puxa uma respiração profunda, soltando-a lentamente. — Mas isso não

está certo. O que você fez... O que você fez foi assustá-lo. Você entende isso? Dizer que ele morará em Seattle com você o assustou. Ele ama você, Max, eu *sei* que o nosso filho te ama, mas ele também me ama, e não é justo para você fazê-lo sentir como se tivesse que escolher entre nós.

— Exatamente por que você está aqui? — Ele pergunta, ignorando-a e olhando para mim.

— Estou aqui por Shel. — Eu me inclino para trás, cruzando os braços sobre o peito, sabendo que se Shel quiser que eu vá embora, ela me dirá. Não que eu vá embora.

— Zach estar aqui não tem nada a ver com você compreender que o nosso filho ficou com medo no segundo que ouviu sua voz e viu você do lado de fora da nossa casa um minuto atrás.

— Eu nunca o machucaria, — ele rosna; avançando.

Cada músculo do meu corpo fica tenso, e rosno: — Se afaste.

— Não me diga o que fazer.

— Você se aproxima do rosto da minha mulher, e eu vou mais do que dizer o que fazer.

— Este indivíduo é de verdade? — Ele pergunta, apontando para mim enquanto olha para Shel.

— Ele é, mas você precisa tomar um fôlego e se acalmar. Eu sei que você está chateado, e sei que você não faria mal a Hunter, não de propósito, mas você fez, — ela diz baixinho, e ele se afasta, franzindo a testa.

— Ele deve ter o pai dele.

— Sim, ele deve, mas não é justo fazê-lo se sentir como se tivesse que escolher entre as duas pessoas em quem ele deve confiar para garantir que ele esteja feliz e seguro.

— Ele não está escolhendo.

— Ele estava feliz, Max. Até começar todas essas coisas com os advogados e custódia, ele estava feliz. Ele se instalou, fez novos amigos, foi em aventuras, e também estava ansioso para vê-lo e compartilhar tudo isso com você. — Ela aponta

para ele, então pergunta baixinho: — Quando foi a última vez que ele ligou para contar sobre o dia dele? Ligou para falar sobre o acampamento ou seus novos amigos?

— Eu disse que não tenho falado com ele há algum tempo, Shelby.

— Eu sei, mas já imaginou que talvez o que você disse a ele o obrigou a se fechar para você? Ele estava animado para compartilhar algo com você, e você enlouqueceu com ele e comigo.

— Foi um urso, não um maldito gatinho.

— Ele estava a salvo. Eu nunca o colocaria em perigo. Eu cortaria minha própria mão antes mesmo de colocá-lo em perigo, Max. Você sabe disso, — ela transmite, e os ombros dele caem ligeiramente.

— Sinto falta dele. Eu sinto falta de ambos, — ele confessa, e leva tudo em mim para permanecer em meu lugar e manter minha boca fechada.

— Max, por favor, não. Eu me preocupo com você. Sempre me preocuparei com você, mas o que tínhamos terminou, acabamos. A única coisa que eu quero é que Hunter tenha a nós dois.

— Você o afastou de mim.

— Eu não o afastei de você. Eu me mudei. Eu disse para você quase um ano antes de me mudar que eu iria sair de Seattle. Você e eu concordamos que Hunter deveria morar comigo.

Passando a mão pelo cabelo, ele inclina a cabeça para trás. — Não gosto disso.

— Eu sei que não, mas Max, você pode me dizer honestamente que se ele morar com você, você estaria em casa? Você não trabalharia o tempo todo e viajaria a negócios tanto quanto você faz agora? — Ela pergunta, e seu rosto endurece.

— Eu preciso trabalhar.

Engolindo em seco, seu rosto suaviza e seu lábio vai entre os dentes por um momento. — Eu sei que você precisa trabalhar, e sei que você ama o que faz, mas se ele morar com você, quem ficaria com Hunter quando você estivesse trabalhando ou fora da cidade? — Ela pergunta gentilmente.

— Vou contratar uma babá.

— Quando descobri que estava grávida, nós dois queríamos uma coisa. Queríamos que o nosso filho soubesse que ele é amado, — ela diz, e dor passa

por mim, porque isso era tudo que queríamos para Samuel também. Queríamos que ele soubesse que era amado além da razão. Por isso, nós queríamos que ele tivesse uma família que poderia dar tudo o que ele queria e precisava. Tudo o que não poderíamos dar no momento. — Você me disse uma vez que não queria que Hunter fosse criado por uma babá. Que crescesse do jeito que você cresceu, sempre se sentindo como se ninguém realmente se importasse com você, exceto as pessoas que eram pagas.

— Não falaremos sobre isso na frente de seu namorado. — Ele se vira para mim com expectativa.

— Eu não vou sair, — afirmo uniformemente, e o rosto de Shel suaviza ainda mais antes de se mover para ficar na minha frente, mas os olhos dele ainda estão presos nos meus sobre a cabeça dela.

— Hunter e eu estamos construindo uma vida aqui, e parte dessa vida inclui Zach e os filhos dele. Eu não vou falar sobre o seu passado na frente dele se você não quiser, mas ele não vai a lugar nenhum.

— Eu sei quem ele é Shelby, — ele diz, baixando os olhos para ela.

— Eu sei que sim, — ela concorda suavemente, dando um passo atrás para mim. — E ele sabe que você é o pai de Hunter, e o cara que veio até mim, ameaçando afastar o nosso filho de mim apenas algumas semanas atrás.

Suas narinas alargam. — Você me conhece.

— Sim. Eu realmente te conheço. Eu sei que me mataria ficar longe dele, mas pelo que sei, poderá chegar um momento em que ele queira morar com você. Vai doer, mas se isso acontecer, eu lidarei com isso. Não farei com que ele sinta como se não tivesse escolha, sem voz ou opinião no que está acontecendo. Não vou fazê-lo sentir como se tivesse que escolher entre nós.

— Tudo bem, — ele rosna, jogando as mãos no ar. — Vou ligar para a minha advogada na segunda-feira e encerrar a coisa toda.

— Max, — ela suspira. — O que você fez me pegou de surpresa e feriu nosso filho. Não quero fazer isso novamente em alguns dias, semanas ou meses, quando você não estiver feliz com a maneira como as coisas estão indo. Então, se nós precisamos ter um advogado escrevendo algo, então isso é o que precisamos fazer.

— Eu estava preocupado.

— Eu sei que você estava, e entendo isso, mas você deveria ter se acalmado e falado comigo. Me dado uma chance de explicar a situação e confiar que eu nunca colocaria Hunter em perigo.

— Eu sei. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Vou falar com a minha advogada e descobrir uma maneira de lidar com tudo. Isso não acontecerá novamente.

— Obrigada, — ela diz baixinho, então se vira para mim. — Você pode buscar Hunter e deixar as crianças saberem que está tudo bem?

— Claro, baby, — concordo; dando um aperto em seu ombro e colocando um beijo em sua testa antes de sair e ir para minha casa.

— Está tudo bem? — Hunter pergunta assim que eu abro a porta, onde encontro todas as crianças e Penny sentados nas escadas, amontoados.

— Sim, garoto. Está tudo bem. Vamos. Vou levá-lo lá.

— Não quero voltar para Seattle. Não quero deixar a minha mãe, — ele afirma, sem se mover, e algo salta dentro de mim. Caminhando em direção a ele, eu me abaixo, então estamos ao nível dos olhos, e descanso a minha mão ao redor do pescoço dele.

— Você não deixará a sua mãe. Seu pai só queria passar algum tempo com você, então ele veio te visitar.

— Oh, — ele murmura, e Steven dá um empurrão suave no ombro dele.

— Eu te disse que estava tudo bem.

— Sim, — Hunter diz, olhando para onde Steven está sentado, e embora eu não consiga ver o olhar em seus olhos, eu sei que ele está olhando para ele com admiração.

— Talvez nós possamos jantar com seu pai amanhã, — Aubrey entra na conversa, e lutando contra meu sorriso, eu levanto.

— Acho que isso não vai acontecer, linda, mas você verá Hunter e Shel. Ok?

— Oh, sim, tudo bem, — ela concorda.

Steven revira os olhos, murmurando: — Bre, você realmente é louca.

— Não sou, — ela corta, batendo no braço dele.

— Que seja. — Ele levanta. — Vou descarregar a caminhonete, pai.

— Obrigado, cara. — Levanto o meu queixo para meu filho, em seguida, saio com Hunter e o levo para Shel. Não fico depois de deixá-lo. Eu sei que eles precisam conversar sem que eu esteja ao redor. Uma hora depois, eu pego as malas de Shel e Hunter e me certifico de que eles estão bem em ficar com Max à noite. Shel não está empolgada sobre tê-lo em casa, mas insiste que ela ficará bem. Relutantemente a deixo com um beijo molhado antes de ir para casa.



Ouvindo um baque, e um sonoro: — Oh merda, isso dói, — eu rolo para fora da cama e me movo até a porta da varanda para abri-la, e depois corro até Shel, que está esparramada no chão.

— Jesus, baby, você está bem?

— Não, meu ego está ferido, — ela geme, olhando para mim, e sorrio para ela, então a pego em meus braços e a levo para o meu quarto, fechando a porta. — Você fez esse salto parecer tão fácil ao fazer isso, — ela reclama, e eu rio enquanto a coloco na cama. Então acendo a luz, vendo que ela está usando um moletom cortado, a minha camisa xadrez que não pedi a ela para devolver, e meias que vão até o meio da panturrilha.

— Minhas pernas são quase da sua altura.

— Isso é verdade, — ela resmunga, esfregando o joelho.

— Quão ruim é? — Questiono, movendo a mão dela para que eu possa ver.

— Estou bem. Está tudo bem. — Ela estremece conforme eu corro meus dedos sobre a contusão que está se formando.

— Você deveria ter usado a porta da frente.

— Eu não queria bater e acordar as crianças. — Ela revira os olhos.

Segurando seu rosto em minhas mãos, eu digo: — Você poderia ter me ligado, e eu a encontraria na porta. Então não teria que bater e acordar as crianças.

— Não pensei nisso. — Ela franze a testa, e me inclino para beijar seu rosto.

— Bem, agora você sabe. Para as futuras booty call¹².

— Isto não é uma booty call. — Ela ri, inclinando-se para trás, e eu me inclino para mais perto.

— Sério? É depois da uma da manhã. Por que mais você apareceria na minha porta esta hora da noite?

— Eu queria conversar, — ela deita, e caminho para a cama, passando as mãos em suas pernas e empurrando-as, abrindo espaço entre suas coxas.

— Oh sim? E o que você quer conversar?

— Eu... Hum... Você... — ela suspira; deitada de costas.

— Isso é muito interessante. — Sorrio e seus olhos se estreitam.

— Você está me distraindo. Não me lembro do que eu queria falar agora que você está em cima de mim e outras coisas.

— Pretendo estar totalmente em cima *de* você em um minuto, baby. Você acha que se lembrará, então?

— Sim, quero dizer, não, — ela diz, e sorrio contra sua boca, em seguida, vou garantir que ela não consiga lembrar o que queria falar, o que não leva muito tempo.



— Zach, você tem que se mover. Preciso me levantar, — Shel sussurra, e sinto seus dedos deslizarem pelo meu cabelo e seu quente corpo macio se contorcer sob o meu.

— Durma. É muito cedo para levantar, — resmungo, arrastando-a para mais perto de mim e colocando meu braço em volta da cintura dela.

— Normalmente eu concordaria, mas preciso ir para casa e me arrumar para o trabalho.

12 Booty Call = Ligar para ter sexo.

— Que horas são? — Abro um olho e vejo que há claridade no quarto, o que não significa muito, uma vez que ainda é verão, então a claridade pode jogar truques em você aqui no Alasca.

— Apenas sete, mas Hunter tem acampamento, então ele se levantará logo, e eu quero estar lá antes que isso aconteça.

— Quanto tempo Max vai ficar? — Pergunto, me levantando em um cotovelo na cama e olhando para ela.

— Ele disse que alguns dias. Não sei o que isso significa. Não vou entrar nisso com ele, mas espero que *alguns dias* terminem na quarta-feira. Não sei quanto tempo serei capaz de lidar com ele sob o mesmo teto que eu.

— Você sempre pode vir passar a noite comigo. — Sorrio, correndo os dedos pelo seu cabelo, ao lado de sua cabeça e espalhando-o sobre o meu travesseiro.

— Provavelmente ficarei aqui esta noite. Mas direi a Hunter que estou aqui, então se por acaso ele for me procurar, ele não se preocupará.

— Claro, e eu direi às crianças que você dormirá aqui de novo. — Eu digo, ignorando o olhar em seu rosto, e pergunto: — Como foi com Max na noite passada, depois que eu saí?

— Foi tudo bem. Bem mesmo, mas foi estranho ter ele por perto, fazendo perguntas sobre fotos e coisas assim. Coisas que ele nunca se importou antes.

— O que você quer dizer?

— Não sei. — Ela encolhe os ombros, deixando escapar um suspiro. — Tentei me lembrar de quando chegamos aqui, e Hunter encontrou uma foto da minha mãe e eu, se Max já perguntou sobre meus pais, mas acho que não. Quero dizer, ele sabia que eles morreram, mas não pediu para ver fotos ou perguntou sobre que tipo de pessoas eles eram. Ontem à noite, ele parecia ter um milhão de perguntas, e isso meio que me assustou.

— Hmm. — Deixei escapar um suspiro, deixando de lado o ciúme que estou sentindo, sabendo que ela não precisa que eu aja como um Neanderthal agora, independentemente do quanto eu quero fazer exatamente isso. — Não se preocupe com isso. Apenas se concentre no fato de que você não precisa ir para a disputa com ele.

— Ainda não acredito nisso. Não vou acreditar até falar com Mandy e confirmar que ele ligou para a advogada dele e concordou em resolver isso fora do tribunal.

— Isso provavelmente é inteligente, baby, — concordo, e seu rosto suaviza enquanto move a mão entre minhas sobrancelhas e para a ponte do meu nariz. — Como foi com Hunter ontem à noite?

— Ele se soltou após Max dizer que não o levaria para Seattle. Até então, ele estivera no limite. Eu acho que Max finalmente viu o que a reação dele causou. Eles sempre foram próximos, mas antes de Max deixá-lo à vontade, Hunter foi distante com ele, e acho que isso o assustou.

— Talvez ele precisasse disso, — digo suavemente, e ela assente.

— Talvez.

Corro a minha mão debaixo da camisa que ela vestiu na noite passada depois que a limpei. — Tenho que dizer, eu odeio que ele fique na sua casa. Que durma sob o mesmo teto que você, — confesso, segurando seu peito e observando-a arquear as costas. Meu pau contrai em resposta.

— Ciumento? — Ela brinca, sorrindo, e giro seu mamilo, ouvindo-a ofegar.

— Absolutamente, ele ficou anos com você. Anos que eu perdi, e odeio ele ter ainda mais do seu tempo agora.

— Ele não é você, — ela diz suavemente, procurando o meu rosto, e sinto-me endurecer ainda mais ao ver e ouvir a sinceridade em seus olhos e tom.

— Quanto tempo você disse que nós temos antes de precisar se esgueirar para casa? — Questiono, deslizando minha mão pelo seu estômago e sobre seu osso púbico.

— Não temos tempo. Você precisa me ajudar a voltar para a minha varanda.

— Você irá pela porta da frente.

— Não, eu não vou. Está trancada.

— Tem certeza disso? Você parece deixá-la aberta todo o maldito tempo.

— Max trancou-a ontem à noite, e não pensei em abri-la antes de vir. Então, sim, eu tenho certeza que está trancada agora, Sr. Xerife. — Ela revira os olhos, e deslizo minha mão em sua calcinha, tocando seu sexo.

— Eu sei que você acha que é engraçado, mas você realmente precisa começar a trancar as portas, baby. Entendo que você se sente segura aqui, mas esta cidade

está crescendo, e é verão. Não mantemos o controle de quem está chegando e saindo dos barcos de pesca que atracam.

— Terei mais cuidado a partir de agora, — ela promete, e sinto meu corpo relaxar. Meus dedos deslizam para dentro dela. — Eu realmente preciso me levantar e voltar para casa, — ela geme.

Pressiono minha testa na dela e solto um suspiro de frustração antes de puxar minha mão. — Vamos usar a minha chave da sua casa e você pode voltar dessa forma.

— Não, eu não farei isso. Estou meio vestida e não quero que ninguém me veja esgueirando em casa.

— Cristo, eu não posso acreditar que eu farei isso, — murmuro, pulando da cama e puxando-a comigo quando levanto. Assim que nós estamos de pé, tomo sua boca em um beijo e caminho para o armário para pegar uma camisa, eu a coloco enquanto ela veste seus shorts e minha camisa flanela. — Esta é a única vez que eu vou ajudá-la a fazer isso, — eu a informo, abrindo a porta de correr do meu quarto e saindo para varanda. Sinto o frio no ar me bater quando o faço.

— Que seja. — Ela sorri, passando por mim à beira da varanda. Há apenas um espaço de cerca de sessenta centímetros que separa nossas plataformas, mas ainda é perigoso, com uma queda de dois metros no chão rochoso abaixo. Pensar nela fazendo isso no escuro na última noite faz meus dentes rangerem, mas empurro o sentimento de volta, caminhando para onde ela está, coloco minhas mãos sobre a borda, e pulo por cima, pousando na plataforma dela.

— É realmente irritante quão fácil você faz isso parecer, — ela resmunga.

Ignorando-a, eu inclino e envolvo minhas mãos debaixo dos braços dela. — Quando eu dizer pule, eu quero que você pele e dobre os joelhos.

— Hum... — ela olha para o chão. — Talvez eu devesse usar uma cadeira ou algo assim, ficar na ponta e passar por cima.

— Você não fará isso também, agora pule. — Enquanto ela pulava, eu usei seu impulso para levantá-la e a puxei, em seguida, eu a coloquei na minha frente.

— Caramba, — ela respira, olhando para mim, e para trás. — Isso foi... — ela faz uma pausa, lambendo os lábios. — Você me levantou como se eu não pesasse nada.

Sorrindo para ela, eu balanço a cabeça e tomo seu rosto em minhas mãos. — Tenha um bom dia no trabalho, e eu te verei hoje à noite.

— Vou te ver esta noite, — ela concorda, apoiando as mãos contra o meu peito e levantando-se na ponta dos pés. Inclinando-me, eu a beijo suavemente, então coloco mais um beijo em sua testa antes de dar um passo atrás e abrir a porta de correr para ela entrar.

— Você precisa se arrumar para o trabalho, — eu a lembro silenciosamente quando noto que ela não entra.

— Eu sei. — Ela sorri; encostada ao batente da porta. — Mas não quero deixar de assistir você pular. Vai me dar algo para pensar hoje enquanto estou no trabalho.

— O que seria isso?

— Apenas imaginando se você poderia foder assim contra uma parede, ou em pé no meio do quarto, — ela responde descaradamente, e giro para ela, beijando-a novamente, desta vez com a língua enquanto a apalpo e me afasto apenas quando ela geme.

— Eu posso definitivamente te foder contra uma parede. — Murmuro contra seus lábios. — De pé no meio do quarto teremos de experimentar, mas estou dentro se você estiver. — Sorrio antes de virar e deixá-la lá enquanto vou para a borda e salto para a minha varanda. Quando me viro, seus olhos estão brilhantes e um sorrisinho brinca em seus lábios.

— Tenha um bom dia, Xerife, — ela diz antes de desaparecer e fechar a porta.

Voltando ao meu quarto, eu não me preocupo em voltar para a cama. Em vez disso, sigo direto para o chuveiro. O mesmo chuveiro onde pretendo transar com ela hoje à noite.



CAPÍTULO 10

SHELBY

— Hey, querido. Como foi o acampamento? — Pergunto, entrando na cozinha enquanto tiro minha jaqueta; paro no lugar quando vejo Max na frente do fogão, mexendo algo em uma panela grande, e Hunter longe de ser encontrado.

— Ele está lá em cima. Comprei um telescópio hoje, então ele esteve lá o configurando assim que chegou do acampamento.

Pendurando meu casaco nas costas de uma das cadeiras, eu largo minha bolsa em cima da mesa e cruzo os braços sob meu peito. — Eu daria um telescópio para ele no Natal. Acho que disse isso para você, — digo, tentando manter o incômodo que estou sentindo fora da minha voz, embora esteja irritada com ele por não me ouvir. Eu disse a ele há mais de três meses no telefone, quando Hunter mencionou querer um telescópio, que eu planejava dar um para ele no Natal, porque eu sabia que ele iria correr para comprar um.

— O Natal está a meses de distância. — Ele dá de ombros, voltando a mexer o que se parece com molho de macarrão. Quando ele aprendeu a cozinhar, eu não tenho ideia, já que ele nunca cozinhou quando morávamos juntos. Acho que a única coisa que ele sabia fazer, a qual eu provei e que era meio decente, foi o macarrão com queijo de uma caixa. E mesmo assim, as chances de acertar eram meio a meio.

— Max... — eu paro, correndo a mão pelo meu cabelo. — Sabe o quê? Não importa. — Balanço a cabeça, sabendo que é inútil até mesmo tentar explicar por que o que ele fez era errado. Indo até a geladeira, eu pego o jarro de água e um copo do armário.

— Onde você dormiu na noite passada? — Ele pergunta, e minhas costas se endireitam enquanto seus olhos me encontram por cima do ombro.

— Perdão?

— Eu fui falar com você ontem à noite, após Hunter dormir, e você não estava em seu quarto ou em qualquer lugar na casa.

— Fiquei com Zach noite passada, — respondo honestamente, não vendo nenhuma razão para mentir sobre isso. Além disso, se ele realmente procurou pela casa, ele teria sabido que eu estava mentindo se dissesse que eu estava aqui.

— Você deixou nosso filho em casa para ir dormir com seu namorado?

— Não, eu deixei nosso filho com o pai dele em casa para que eu pudesse ir dormir com o meu namorado, — digo calmamente, enquanto seus olhos brilham.

— Você faz isso muitas vezes, deixá-lo sozinho para que possa ficar fora a noite toda?

— Desculpe-me?

— Basta responder a pergunta, — ele late, batendo a colher no balcão, fazendo molho vermelho espirrar por toda a superfície e me sujar um pouco.

— Um, eu não estou no banco das testemunhas, assim não me trate como se eu estivesse; e dois, *não*, nunca passei a noite na casa de Zach. Nem uma única vez. Mas desde que eu sabia que você estava dormindo a alguns metros de Hunter, não pensei que fosse um grande negócio, — respondo, colocando meu copo de água em cima do balcão e me virando para ele.

— E se Hunter precisasse de você?

— Você, obviamente, teria colocado dois e dois juntos. Poderia ter ligado ou ido ao lado para me chamar. Se ele precisasse de mim.

— Isso não está funcionando para mim, — ele afirma, descansando as mãos nos quadris.

— Isso não demorou muito. — Suspiro, esfregando minha testa, sentindo uma dor de cabeça chegando.

— Você está dormindo com outro homem, Shelby. Como diabos você espera que eu me sinta?

— Você teve uma namorada após outra desde o momento em que eu disse que queria uma separação! — Eu grito. Então ele está em mim, e sua boca cobrindo a minha. Leva um segundo para perceber que ele está tentando me beijar, e no segundo

que percebo, eu empurro o peito dele e viro a cabeça para o lado, e os seus braços ao meu redor me seguram mais forte.

— Pare, agora. *Pare!* — Assobio, empurrando-o, dando um passo atrás assim que estou livre de seu aperto, e depois aponto o dedo para ele. — Você não vai me manipular. Você não irá manipular esta situação e me fazer sentir como uma merda porque o seu ego não consegue lidar com o fato de que eu segui em frente também. Você me abandonou muito antes de eu desistir de lutar por nós, por isso não tente agir como se estivesse ansiando por mim. Não sou a pessoa que você quer. Eu nunca serei a pessoa que você quer que eu seja. Nós não nos encaixamos, Max.

— Eu não me importo se você quer trabalhar. Tive tempo para pensar sobre isso, e agora vejo que você não estava feliz. Trabalhe. Tenha dez postos de trabalho. Eu não me importo. Quero apenas a minha família de volta.

— Deus, você pode parar por um segundo, parar de fazer tudo ser sobre você, e me ouvir? Não estou apaixonada por você. Eu me importo com você como o pai do nosso filho, mas isso é tudo que você tem. Isso é tudo o que tenho para lhe dar. Tentei durante anos fazê-lo feliz enquanto sofria em silêncio, e você deixou isso acontecer. Você me deixou sofrer, de modo que pudesse ter o que quis. De modo que *você* poderia ser feliz. Não estamos destinados. Você e eu não estamos destinados a ficar juntos. Nós tentamos e não deu certo.

— E ele faz você feliz? — Ele ri; um feio riso maldoso, e aceno com a cabeça, abaixando a voz.

— Ele me faz feliz. Ele me faz sentir completa, como se eu acabasse de ter a melhor refeição da minha vida. Ele simplesmente me faz *sentir*, e sei que faço o mesmo por ele. Eu não quero feri-lo, Max. Quero que você seja feliz também. Quero que você encontre a pessoa que lhe dê tudo o que você precisa, mas essa pessoa não sou eu, e se for honesto com você, você sabe que estou certa.

— Abril está grávida.

— O quê? — Pergunto, não tendo nenhuma ideia do que ele está falando, ou quem diabos é Abril.

— A mulher que eu tenho visto nos últimos seis meses. Ela está grávida.

— Deus, você é um idiota, — eu rosno, e ele se move, puxando uma cadeira e sentando-se, deixando cair a cabeça em suas mãos. — Não posso acreditar em você e essa merda! — Estalo.

— Eu sei, — ele concorda; seu tom derrotado.

— Que diabos você pensava tentando me beijar, Max? Você tem uma namorada e ela está grávida de seu filho.

— Eu sei, — ele concorda novamente, e olho para o lado, puxando um só fôlego, depois outro, tentando me acalmar. — Ela me disse para ver se eu poderia conseguir você de volta.

— Desculpe-me? — Minha cabeça gira em sua direção e meus olhos estreitam.

— Ela disse que você estava entre nós, e que se eu estava tão apaixonado por você, eu deveria tentar reconciliar com você.

— Uau. Você é um idiota de classe mundial. Você sequer está apaixonado por mim, Jesus, quão estúpido você é?

— Eu tenho fodido.

— Você acha? — Murmuro; sua cabeça levanta e seus olhos encontram os meus.

— Apenas pensei que talvez ela estivesse certa. Talvez se eu tentasse conseguir você de volta...

— Isso nunca acontecerá, — o cortei antes que ele pudesse dizer mais. — E deixe-me dizer uma coisa. Sua namorada o colocou à prova e você falhou. Não só falhou, você falhou *muito*. Você não deveria vir e tentar me conseguir de volta. Deveria tranquilizá-la de que você está com ela e que quer estar com *ela*. Não sei se você ama essa mulher, mas estou dizendo a você agora, que se amar, você estará em um mundo de dor quando voltar para casa, porque ela irá enforcá-lo por suas bolas.

— Diga-me direto, — ele murmura sarcasticamente, e balanço a cabeça.

— Vou verificar Hunter.

— Sinto muito, Shel. Eu não devia...

— Não falaremos sobre isso. — Aponto para ele. — Nós nunca falaremos sobre isso novamente. Vamos fingir que isso não aconteceu. — E com isso, eu viro e saio da cozinha, seguindo até o sótão, onde encontro Hunter sentado no meio do quarto,

cercado por peças do telescópio, mapas de estrelas e instruções. E é ali que eu fico até que seja hora de ir jantar o que Max cozinhou, o que, se eu for honesta, não tinha gosto tão ruim, mas eu ainda odiava cada mordida.



— Mãe, Steven perguntou se eu poderia ir lá e jogar videogame por um tempo, — Hunter diz, entrando no meu quarto, onde estive me escondendo, lendo, assim que limpamos após o jantar.

— Onde está o seu pai?

— Está lá em cima. Disse que estará trabalhando, então ele está bem comigo saindo por um par de horas se você estiver.

— Vamos sentar um minuto. Quero falar com você sobre algo, — digo, dando um tapinha na cama ao meu lado, e ele vem, sentando. Abaixando o meu Kindle, gostaria de saber exatamente como eu deveria introduzir a respeito disto, uma vez que nunca fiz isso antes e realmente não sei como começar.

— O que? — Ele pergunta, olhando para a porta como se quisesse correr para ela, me fazendo sorrir.

— Bem, com o seu pai ficando aqui, eu provavelmente vou passar a noite com Zach, a menos que...

— Está tudo bem, — ele me corta, levantando. — Posso ir agora?

— Tem certeza? — Questiono, procurando em seu rosto, querendo ter certeza que ele está bem, e que, de alguma forma, não o traumatizei.

— Sim. — Ele dá de ombros.

— Você sabe que se precisar de mim por algum motivo você pode ligar para o meu celular ou ir me buscar.

— Mãe, eu sei. — Ele dá um passo mais perto da porta.

— Bem, então... Podemos falar sobre o novo sistema de filtragem de água que eles estão colocando na cidade?

— Mãe, — ele geme, inclinando a cabeça para trás, e eu rio.

— Ok, vá. Provavelmente estarei lá daqui a pouco, — eu digo, e ele corre, deixando-me sentada lá me perguntando se isso foi muito fácil.



— Hey. — Zach sorri, abrindo a porta. Inclinando-se para me beijar rapidamente quando entro em sua casa.

— Como vai? — Pergunto, ouvindo o som dos garotos gritando lá em cima quando estrondos altos soam.

— Bem, Aubrey e eu estamos nos preparando para assistir a um filme, e os meninos estão no andar de cima jogando videogame, — ele responde, pegando a minha bolsa de viagem da minha mão.

— Oh, bem, eu posso ler por algum tempo, para que você e Aubrey possam assistir ao filme, — ofereço, não querendo invadir o tempo deles juntos. Eu amo como eles são próximos, e sei que é importante para Aubrey ter seu pai só para ela quando ele está por perto. Nunca quero que ela se sinta como se eu fosse afastá-lo dela.

— Você não está se intrometendo, baby. Ela estava perguntando quando você chegaria desde que Hunter apareceu vinte minutos atrás. — Ele sorri, me beijando mais uma vez, em seguida, levanta minha bolsa. — Vou colocar isso no meu quarto.

— Tem certeza de que está tudo bem? — Sussurro, agarrando seu braço para impedi-lo, e seu sorriso se transforma em um sorriso completo.

— Eu te disse esta tarde que as crianças estão bem com isso, — ele sussurra, e mordo o interior da minha bochecha. Ele me disse que estava tudo bem. Ele ligou no banco esta tarde para dizer que conversou com as crianças, e insistiu que eles estavam bem comigo dormindo lá novamente enquanto Max estiver na cidade, mas isso ainda parece estranho.

— Você disse a Hunter que ia dormir aqui? — Colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, eu aceno e solto um suspiro.

— Sim, ele estava bem com isso também.

— Vê? Está tudo bem, baby. Pare de se estressar com isso.

— Yay! Shel, você está aqui, — Aubrey diz, saindo com uma tigela de pipoca da cozinha, seguida por Penny, que provavelmente espera que o conteúdo da tigela caia no chão para que possa conseguir alguma coisa.

— Oi, querida. — Sorri para ela, então me curvo para dar a Penny uma massagem quando ela vem até mim.

— Você vai assistir a um filme com a gente, não é? — Aubrey pergunta, e levanto minha cabeça para olhar para ela, acenando com a cabeça. — Yay, nós estamos assistindo *Viagem Maldita*.

Ela dá um sorriso que parece idêntico ao do seu pai, e olho para ele, levantando uma sobrancelha. — Não é um filme de terror?

— Uma coisa para aprender, baby. Bre só gosta de filmes de terror. — Ele sorri orgulhosamente.

— Você gosta de filmes de terror? — Aubrey pergunta, e me levanto, removendo minha jaqueta.

— Não assisto a um filme de terror desde a primeira vez que assisti *Uma Obra-prima do Medo*, — admito; sua cabeça se inclina para o lado e seu nariz enrugado.

— É um filme de terror? — Ela pergunta, e Zach ri, provavelmente lembrando a minha reação depois de ver esse filme.

— É o mais assustador dos filmes de terror, — digo a ela, e ela olha para seu pai como se ele estivesse escondendo isso dela.

— Ainda não assistimos esse.

— Não veja, — cortei, e seus olhos voltam para mim. — Há um palhaço assustador nele, e se você gosta de palhaços, você não gostará uma vez que terminar esse filme. Ele vai estragar tudo.

— Nós temos que alugar esse na próxima vez. — Ela ri, e eu gemo.

— Não se preocupe. Você pode pular esse, — Zach diz enquanto Aubrey ri e começa a ir para a sala de estar.

Olhando por cima do ombro, ela murmura: — Vou colocar o DVD.

— Estaremos lá em um minuto, — ele diz a ela, em seguida, olha para mim.

— Peguei uma garrafa de vinho para você. Está na geladeira.
— Obrigada.
— Você ficará bem vendo o filme? Se não, nós podemos...
— Sou uma adulta agora. Vou ficar bem, — digo, afastando a preocupação dele.



Lamento essas palavras uma hora depois, conforme assistia outra pessoa ser assassinada por um grupo de pessoas loucas que vivem no meio do nada. Segurando o cobertor até meus olhos, eu espreito por cima, sabendo que terei pesadelos sobre essa porcaria por um ano, se não mais, e nunca serei capaz de ir para o deserto novamente. Não que eu já tenha ido, mas ainda assim.

— Pai. — A voz de Steven quebra no escuro, e cubro minha cabeça com o cobertor, gritando a plenos pulmões.

— Jesus, querida, — Zach murmura, puxando o cobertor do meu rosto, e Aubrey, que está sentada no chão, cai para o lado rindo, enquanto Zach ri e Penny se arrasta para o meu colo para me proteger.

— Deus, mamãe. O que há de errado? — Hunter pergunta enquanto Steven acende a luz na sala de estar e Aubrey pausa o DVD.

— Nada, eu estou bem, — minto, segurando meu peito. Aubrey rola ao redor no chão, e Penny decide que quer entrar em ação e desce do sofá, começando a lamber o rosto de Aubrey, fazendo-a rir mais alto.

— O que há, cara? — Zach pergunta, olhando para Steven e eu afasto meus olhos de Aubrey para olhar para ele, vendo que ele parece preocupado.

— Mamãe disse que o carro dela não pega e perguntou se você poderia ir ajudá-la, — ele responde, e Zach levanta.

— Ela disse para onde foi? — Ele pergunta, e Steven assente.

— Sim, no Shore House. Ela acabou de sair do trabalho. Ela tentou ligar para você, mas você não atendeu.

— Vou cuidar dela, cara. — Zach passa por ele e Hunter entra na sala, mas Steven segue atrás dele.

— O que vocês estão assistindo? — Hunter pergunta, se sentando ao meu lado no sofá, e afasto meus olhos da porta para olhar para ele, não gostando da sensação que tenho no meu estômago.

— *Viagem Maldita*, — Aubrey diz, e seus olhos se arregalam.

— Não diga. Eu sei que é assustador, e não, você não pode vê-lo. — Ergo minha mão na direção dele.

— Eu já vi. — Ele dá de ombros, inclinando-se e pegando um pouco de pipoca da bacia no chão ao lado de Aubrey.

— O quê, quando? — Franzo a testa. Eu não o deixo assistir nenhum filme de terror quando ele me pede.

— Quando fiquei a noite na casa de Eli uma vez, eu assisti.

— A mãe e o pai dele sabiam?

— Sim, eles não se importam, — ele diz, empurrando mais um pouco de pipoca na boca e inclinando-se contra o sofá.

— Você poderia ter tido pesadelos.

— Não sou um covarde, mãe.

— Você está me chamando de covarde? — Pergunto, e ele sorri com a boca cheia de pipoca, mas não responde.

— Que seja, — resmungo, observando-o mastigar e engolir.

— Você grita como uma menina, — ele aponta, e pego o travesseiro do meu lado, batendo-lhe com ele suavemente.

— Eu sou uma menina, — eu o lembro, e ele ri, puxando o travesseiro e colocando-o atrás das costas.

— Sim, mas você grita como as meninas fazem no filme.

— Você realmente grita, — Aubrey concorda, e atiro minhas mãos no ar.

— Bem, isso é porque eu estava com medo, e essas meninas estão com medo porque as pessoas loucas estão tentando matá-las. — Eles olham um para o outro

rindo, e depois olham para a porta quando Zach volta para a sala, guardando o telefone celular no bolso da frente da calça jeans.

— Mamãe está bem? — Aubrey pergunta quando Zach volta para o sofá, sentando-se do meu outro lado.

— Sua mãe está bem, linda. Arney está se dirigindo para lá a fim de lhe dar um suporte, já que ele está mais próximo do que eu, e vai segui-la até em casa para ter certeza que chegue bem, — ele diz a ela, e aquele mal-estar que eu sentia desaparece.

— Ok. — Ela abraça Penny, forçando-a em seu colo, então move os olhos do seu pai para mim. — Nós não precisamos assistir mais se você não quiser, Shelby.

— Não me importo, — eu minto, ouvindo Zach e Hunter rir enquanto observo Steven entrar na sala com um pouco de cookies, mastigando o que ele obviamente já colocou na boca.

— Vou andar com Hunter até a casa dele, — ele diz a seu pai depois de engolir. Hunter levanta, mas pego a mão dele antes que ele possa sair.

— Estou ao lado. Você pode ligar ou vir me buscar por qualquer motivo.

— Eu sei, mãe. — Ele balança a cabeça, olhando para Steven como, *mães são tão irritantes* e eu solto a mão dele, sentindo Zach bater na minha coxa e apertando. — Enquanto estiver lá, eu posso te mostrar o telescópio que meu pai me deu. Não está escuro o suficiente para usá-lo ainda, mas está tudo configurado.

— Legal, — Steven concorda, e ambos saem sem outra palavra.

Olho para Zach. — Vocês iniciam o filme novamente. Vou ao banheiro, em seguida, dar um telefonema.

— Você não quer que esperemos por você? — Aubrey pergunta, passando as mãos através da pele de Penny.

— Não, querida, continuem. — Sorri para ela, então dou um aperto na coxa de Zach quando me levanto do sofá, jogo o cobertor que eu usava na parte de trás, e estendo a mão, passando-a por cima do cabelo de Aubrey antes de me afastar.

— Tem *certeza* que você não quer que a gente espere por você? — Zach pergunta pelas minhas costas, e luto contra um gemido, ouvindo Aubrey rir.

— Não, desfrutem. Não espere por mim. Posso demorar um pouco, — digo a eles, indo para o quarto de Zach. Na verdade, não preciso usar o banheiro ou fazer uma ligação, mas tenho meu aplicativo Kindle no celular, assim posso me esconder e ler até que o filme acabe, e espero esquecer completamente o horror que vi.



— Eu não deveria ter deixado você assistir aquele filme, — Zach diz contra a minha orelha, puxando meu corpo contra o dele e jogando sua coxa sobre as minhas. Provavelmente tentando me manter no lugar, já que não posso parar de me mover.

— Não consigo dormir. Desculpe por mantê-lo acordado.

— Não se desculpe. — Ele aperta a minha cintura e beija a parte de trás da minha cabeça.

— Você acha que foi errado eu dormir aqui? Faz-me uma má mãe? — Questiono, e ele se move, me rolando nas minhas costas, e descansa a mão sobre o lado do meu rosto, olhando para mim com a clareza que vem de fora.

— Você não é uma má mãe. Max está com Hunter agora. Ele não está sozinho, e sei que se Max não estivesse lá, você não estaria aqui agora. Estaria em casa com ele.

— Você está certo. — Suspiro, então sussurro: — A namorada de Max está grávida.

— O quê? — Ele franze a testa, movendo a mão para o lado do meu pescoço.

— A namorada dele está grávida. Ele me disse hoje.

— Você está chateada com isso?

— O que? Não. — Balanço a cabeça, e rolo para o meu lado, colocando meu rosto contra seu peito.

— Ele é um idiota. Ela disse a ele que se ele ainda está tão apaixonado por mim que ele deveria vir tentar me recuperar, — digo.

Ele rosna: — Desculpe-me?

— Eu disse que ele é um idiota.

— Você o quer de volta? — Ele pergunta baixinho, parecendo preocupado.

Afasto o meu rosto do seu peito e olho para ele. — Não, absolutamente não, e sei que ele realmente não me quer de volta também. Eu não o fazia feliz. Não sou o tipo de mulher que ele queria. Não era boa para ficar em casa o dia todo esperando por ele.

— É por isso que vocês dois terminaram?

— Em parte, mas principalmente, porque eu não poderia ser quem ele queria que eu fosse.

— O que você quer dizer?

— Ele não queria que eu trabalhasse. Eu amei ficar em casa quando Hunter era pequeno, mas quando ele ficou mais velho e começou a escola, eu queria fazer alguma coisa com o meu tempo que não envolvesse almoços, pedicures e compromissos de cabelo. Estava cansada de ser a esposa dona de casa que realmente não faz nada, além de ficar sozinha em casa a maior parte do tempo, ouvindo meus chamados amigos fofocar sobre os meus outros chamados amigos. Eu não limpava, porque nós tínhamos uma governanta, eu não cozinhava muito, porque Max nunca estava em casa, e era só Hunter e eu.

— Hunter tinha uma centena de atividades que nos mantinha afastados de casa até tarde da noite na maioria dos dias, por isso comprar comida para viagem era mais fácil. Eu me perdia um pouco mais a cada dia, e quando tentei dizer a Max como me sentia, ele simplesmente me ignorou e continuou, porque ele estava feliz, de modo que era tudo o que importava para ele.

— Sinto muito por você não estar feliz.

— Eu também, mas aprendi muito com ele, — digo suavemente, correndo os dedos pelo seu lado.

— O que seria isso? — Ele pergunta, pressionando gentilmente um beijo na minha testa.

— Aprendi que se você está com alguém e eles realmente te amam, eles colocam a sua felicidade e a deles juntas. Eles não tentam encaixá-lo no molde deles.

Eles não colocam as necessidades deles acima das suas. Eles encontram uma maneira de fazer isso, de modo que ambos estejam completos e consigam o que cada um precisa da vida, — digo. Quando não ouço nada dele em resposta, nem mesmo uma lufada, eu me pergunto se ele adormeceu. — Zach?

— Estou aqui. — Ele soa engasgado. — Espero que eu possa fazer você feliz. Espero que possamos encontrar uma maneira de fazer um ao outro feliz, — ele transmite, sem saber que ele já fez isso por mim. Que estar com ele e as crianças me faz feliz. Tê-los ao redor, sair para jantar, cozinhar, assistir filmes ou simplesmente passar o tempo juntos é o que me faz feliz.

— Você me faz feliz. Você e as crianças são o que me faz feliz. Não preciso de mais. Eu só preciso de vocês, — digo sinceramente, e seus braços me apertam.

— Eu te amo, Shel. Foda-se, mas eu não achava que era possível amar mais do que eu amei anos atrás, mas eu estava errado... Tão errado.

— Zach. — Nunca pensei que ele diria essas palavras para mim novamente, nunca acreditei que teríamos o que temos de novo depois de tantos anos de intervalo.

— Não preciso que você diga isso. Eu só preciso que você ouça e aceite. Eu amo você e Hunter. Eu amo que você tenha tomado a minha filha sob sua asa e aceitado o meu filho pelo homem que ele está se tornando. Eu amo que mesmo depois de tantos anos, você ainda é a mulher mais doce que já conheci, e eu amo saber que terei uma vida de doçura na minha cama. Nunca quis sequer ter esperança de ter o que tenho agora, e provavelmente não mereço isso, mas você é minha e eu mantereirei você, — ele rosna, e sinto-me sorrir.

— Eu sei que você disse para aceitá-lo, mas eu também te amo, e amo seus filhos.

— Isso é provavelmente bom, querida. Odiaria que você fosse infeliz pelos próximos sessenta anos ou mais, — ele diz, e eu rio, em seguida, gemo, sentindo sua mão deslizar pelo meu lado, debaixo da camiseta que roubei quando me arrumei para dormir. — Eu gostaria que as crianças já estivessem na cama.

— Eu também, — sussurro, sentindo sua mão escovar a parte inferior do meu peito, e então ele se levanta da cama, me arrastando com ele. — O que você está fazendo?

— Vamos tomar banho, — ele murmura, puxando minha mão.

— Não preciso de um. Já tomei banho. — Eu rio quando ele me puxa junto com ele para o banheiro.

— Pensei que você queria ver se eu poderia segurá-la. — Ele tira minha camisa e se vira para ligar a água.

— Definitivamente eu quero ver isso. — Sorrio para suas costas enquanto ele tira as calças de pijama, entra debaixo do spray e se vira para mim, estendendo a mão. No momento em que terminamos e voltamos à cama, eu descobri que ele não só pode me segurar, como pode fazer um monte de outras coisas comigo enquanto está de pé e eu em volta dele.



CAPÍTULO 11

ZACH

— Estou livre, — Shel grita assim que fecho a porta de sua casa, em seguida, começa a correr em minha direção, saltando para os meus braços, não me dando nenhuma escolha, a não ser pegá-la no ar.

Sorrindo, eu me afasto para vê-la sorrindo para mim. — Acho que Max conseguiu pegar um voo para casa, afinal? — Murmuro, sabendo que ela está um pouco ansiosa para ter Max fora da sua casa e de volta a Seattle desde o dia em que ele apareceu. Ele planejou ficar até sexta-feira, mas depois de tudo o que aconteceu com sua namorada e seu filho, provavelmente ele percebeu seu erro, então tentou mudar o voo e chegar em casa mais cedo. Mas nesta época do ano, com o frio chegando, a pesca abrandando, e os turistas saindo, os aviões estão sempre cheios, com uma abundância de pessoas à espera.

— Sim. — Ela balança a cabeça e olha para o teto, dando de ombros. — Posso ter subornado Paul para pedir ao amigo dele, que voaria para Anchorage a fim de buscar suprimentos, que deixasse Max ir junto com ele para que pudesse pegar um voo esta noite, mas ainda assim, ele está em seu caminho de volta para Seattle enquanto falamos. E sua namorada April deve ser a mulher mais doce do mundo, dizendo a ele que encontrariam uma maneira de resolver as coisas, de modo que Max saiu de bom humor.

— Bom, — concordo, dando-lhe um aperto, e ela me solta.

— Sim, e esperamos que ele puxe a cabeça para fora de sua bunda e perceba o que tem, porque quando eu falei com ela hoje para dar-lhe as informações do voo de Max, ela parecia ser muito boa. Até perguntou se Hunter poderia voar para Seattle após o nascimento para conhecer seu irmão ou irmã. Eu disse que sim, e disse que

Hunter pode voar a qualquer momento que tiver uma pausa, a menos que seja um feriado. Então, vamos ter que dividir aqueles para ser justo para Max e eu.

— Isso é bom, baby, — concordo.

— Não quero afastar Hunter deles. Ele está tão animado para ser um irmão mais velho, e eu nunca iria querer impedi-lo de ter isso.

— Eu sei, querida, — digo a ela, e ela sorri, em seguida, inclina a cabeça para o lado, me estudando. — O que está errado?

— Nada.

— Você está mentindo, — ela diz, inclinando-se e apoiando as mãos contra o meu peito.

— Tina veio até a estação hoje. Ela está pensando em se mudar para Anchorage, no final do mês.

— Oh, não, — ela sussurra, afastando-se.

— É bom para mim, mas será difícil para as crianças. Voos no inverno são esporádicos e caros. Voos no verão são simplesmente caros, por isso será um impacto cada vez que eu enviá-los para vê-la.

— Ela não te ajudará com isso? Quero dizer, é ela quem está se mudando, não você, — ela pergunta baixinho, me estudando.

— Tenho certeza que ela vai tentar, mas ser garçõete não paga muito, então ela não será capaz de fazer isso sozinha, e sei que as crianças – especialmente Steven – vão querer vê-la muitas vezes, e quero que eles tenham a mãe deles.

— Eu ajudo. Max concordou em me dar mais por mês para Hunter, e com ele desistindo da luta pela guarda, eu trabalhando, nós morando juntos, e esta casa já paga, o dinheiro vai sobrar. Nós vamos descobrir isso.

— Isso é doce, querida, mas não. — Balanço a cabeça, dando-lhe um aperto nos lados.

— Por que não? — Ela pergunta com seu nariz enrugado em confusão e as sobrancelhas franzidas.

— Eles são meus filhos... Meus filhos e da Tina. Nós vamos trabalhar com isso. O dinheiro que Max está enviando é para Hunter. O dinheiro que você ganha é

para você. E as crianças e eu nos mudando para cá significa que eu pago as utilidades e as coisas que precisam ser feitas em torno da casa, assim não viveremos de graça.

— Hum... E se isso não funcionar para mim?

— Vai funcionar.

— Zach. — Ela me empurra até que sou obrigado a soltá-la, em seguida, olha para mim de alguns metros de distância, que de repente parecem quilômetros entre nós. — Eu disse a você. — Ela aponta para mim. — Eu disse o que aconteceu entre Max e eu. Disse que ele sempre me fez sentir como se a felicidade dele viesse antes da minha, que os desejos dele vinham antes dos meus.

— Shel. — Passo a mão pelo meu cabelo em agitação e mantenho seu olhar.

— Não, eu nunca mais quero sentir como se eu não estivesse contribuindo, como se não fosse a outra metade de um todo. Não posso viver assim novamente. Ou estamos nisso juntos, ou não estamos absolutamente.

— Baby, eu amo que você queira me ajudar, ma...

Erguendo a palma da mão, ela balança a cabeça, me cortando. — Não, sem *mas*. Você ou aceita que eu preciso ajudar, que preciso disso para sentir que estamos construindo uma vida juntos, ou eu não posso fazer isso.

— Eles são meus filhos.

— Você está certo. Eles são, — ela concorda, com um movimento de cabeça. — Eu os aceitei. Eu me apaixonei por eles e por você, mas a vida que eu quero é aquela em que somos uma família, aquela em que descobrimos como compartilhar os fardos uns dos outros. Eu te amo. — Sua voz suaviza, me cortando até o osso. — Acho que não parei de amar você, mas decidi há muito tempo que se eu entrasse em um relacionamento novamente, seria com um homem que entende o que eu preciso, entende e dá para mim sem perguntas.

— Baby, por...

— Acho que nós dois precisamos de algum tempo para pensar, — ela afirma, me cortando mais uma vez, fazendo o meu temperamento incendiar.

— Não precisamos de tempo, — rosno, dando um passo em direção a ela, apenas para tê-la dando um passo atrás.

— Não quero que você me dê o que eu preciso sacrificando sua própria felicidade. Isso não é justo com você também, — ela diz suavemente enquanto seu lábio inferior treme e os olhos ficam úmidos.

— Você está me irritando, Shelby.

— O quê? — Ela franze a testa, e fecho meus olhos, puxando respirações profundas pelo nariz, tentando controlar o meu temperamento. Uma vez que estou bem, eu abro meus olhos e a encaro.

— Eu amo que você queira ajudar. Eu amo você, mesmo quando você está sendo cabeça dura e teimosa, mas isso não é algo que você precisa brigar comigo.

— Desc...

— As crianças são minhas e de Tina, — interrompo, antes que ela possa me chatear mais. — Ela e eu vamos descobrir como fazer esta mudança funcionar. Você quer ajudar com todo o resto? Bom. Mas *seu* dinheiro não irá ajudar *Tina* a ver os filhos dela. É a escolha dela ir embora, escolha dela seguir o namorado. Isso não é problema seu. Ela tem um bom trabalho aqui e uma casa. Não *necessita* se mudar. Ela *quer* se mudar. Nem sequer quer contar para as crianças. Ela queria que *eu* desse a notícia a eles. Você sabe quão fodido é isso?

— O quê? — Ela sussurra, e aceno.

— Não discutiremos sobre essa merda, e definitivamente não perderemos tempo pensando sobre uma maldita coisa. Você e eu estamos juntos, e nunca haverá um momento em que isso não seja verdade.

— Zach.

— Não, nós trabalhamos. Estamos felizes e trabalhando em iniciar a nossa família, e não deixarei você transformar essa merda em algo que não é. Eu não deixarei você usar o seu passado como uma desculpa para me afastar. Não dou a mínima para o que Max fez. Ele não está aqui. Isso é você e eu. Não estou pedindo que você sacrifique sua felicidade. Estou dizendo que o relacionamento de Aubrey e Steven com a mãe deles não é algo que você precisa se prender.

— Mas é, — ela responde suavemente, e sacudo a cabeça para trás.

— Não é, baby. Ela é quem deveria lutar para ficar perto deles. Ela é quem deveria estar preocupada sobre como ela fará isso funcionar, não você. Eu vou me

preocupar com isso porque quero que eles tenham tanto amor quanto podem obter, e porque eu quero que eles tenham a mãe deles em suas vidas. Mas isso não é algo para você se preocupar. — Suspiro, e então rosno: — Jesus, Max pode ser um pau, mas ele ama o seu filho o suficiente para lutar por ele. Ele o ama o suficiente para voar até aqui para vê-lo quando não ouviu nada dele por alguns dias. Não me interprete mal. Eu sei que Tina ama Aubrey e Steven na maneira dela, mas nunca sacrificou a felicidade dela por eles. Neste momento, ela está olhando para si mesma.

— Isso não é justo com Steven ou Aubrey, — ela sussurra, torcendo as mãos.

— Não é, mas no final do dia, tudo o que posso fazer é rezar para que as crianças vejam o que temos, o que estamos construindo, e saibam como é o amor, o que é uma família, e ter esperança de que isso fique claro para eles em algum lugar ao longo do caminho.

Seu rosto suaviza e ela se prepara para falar, mas é cortada.

— Mamãe vai se mudar? — Steven pergunta, e balanço a cabeça para o corredor, onde ele e Hunter estão parados, obviamente tendo entrado pela porta de trás, na cozinha, em algum momento, só que não tenho a menor ideia de quando ou quanto eles ouvirem.

— Cara. — Seguro seu olhar e vejo a dor em seus olhos, o que faz a minha mandíbula apertar.

— Mamãe vai se mudar? — Ele repete, e eu aceno. — Ela falará com você e Bre sobre isso quando vocês estiverem na casa dela no fim de semana.

— Ela vai viver com Thomas, não é? — Ele pergunta, e eu aceno, não querendo mentir para ele, embora cada parte de mim deseja fazer isso, então eu poderia protegê-lo disto. Ele ama a mãe dele, sempre a amou incondicionalmente, e esse amor corre profundamente. Tão profundo que me pergunto se eu vou perder meu menino para isto – algo com que eu estive preocupado desde que Tina me contou seus planos.

— Ela deixará Bre e eu aqui para morar com o namorado? — Ele pergunta novamente, e dou um passo em direção a ele, envolvendo minha mão ao redor da sua nuca e inclinando a cabeça em direção a dele.

— Ela estará a 45 minutos de voo de distância. Você pode ir vê-la quando quiser.

— E *vê-lo*, certo? — Ele ri, mas soa doloroso e amargo. — Ele nem sequer fala com a gente! Ele até mesmo age como se não estivéssemos lá quando estamos na casa dela e ele está lá com a gente.

— Nós vamos encontrar uma maneira de fazer isso funcionar, cara. Sua mãe e eu vamos encontrar uma maneira de fazer isso funcionar, de modo que quando você estiver lá, ele não estará, ou ela virá aqui para vê-los, se é isso que você e Bre precisam.

— Qual é o ponto? Bre está certa. Mamãe não se importa, — ele resmunga, abaixando os olhos, parecendo derrotado.

— Ela ama vocês, — Shel corta, e Steven ergue os olhos para ela. — Eu sei que esta transição levará tempo, mas a sua mãe te ama. Eu vi vocês juntos, e tenho visto fotos. Sei que você e Aubrey são o mundo dela. — Os músculos de Steven ficam tensos sob a minha mão. — Basta dar tempo para ela, querido. Tudo dará certo. Você verá. Seu pai e eu vamos garantir que você possa vê-la tão frequentemente como você e Bre quiserem. Certo, Zach? — Ela pergunta, e embora este não seja o momento para sorrir, sinto-me fazendo isso, porque ela, de alguma forma, acabou de se colocar no meio disto.

— Nós iremos, — concordo, apertando o pescoço dele. — Vai ficar tudo bem.

— Claro, — ele concorda, não soando totalmente certo, e toco a minha testa na dele.

Ouvindo a porta da frente se abrindo, eu não me afasto até ouvir Bre perguntar: — Está tudo bem?

Meus olhos se movem para ela. — Está tudo bem, linda.

— Então por que Steven está tão chateado? — Ela questiona, e ouço Shel dizer algo para Hunter sobre Penny, em seguida, o som de passos no chão de madeira, juntamente com o som de patas, e sei que Bre deve ter trazido Penny com ela.

— Sua mãe falará com você e Steven neste fim de semana sobre os planos dela de se mudar para Anchorage.

— Eu te disse, — Aubrey diz, olhando para Steven. — Eu te disse que ela iria morar com ele.

— Cale a boca, Bre, — Steven rosna, enquanto ouço passos vindo até nós.

— Aubrey, não. Agora não é o momento para arrogância, — eu a impeço, vendo que ela se prepara para dizer algo.

— Tudo bem, — ela bufa, olhando para Steven e cruzando os braços sobre o peito.

— Uma vez que a mãe de vocês falar com ambos, vamos sentar e descobrir como prosseguiremos, mas não quero que isso seja algo pelo qual vocês dois briguem. Entenderam? — Pergunto, olhando entre eles, e eles acenam.

Meu celular toca no meu quadril, fazendo-me suspirar, porque sei que é trabalho e não posso ignorá-lo, ainda que eu queira. — Alô?

— Eu sei que você acabou de sair, mas houve uma briga no porto, e os dois homens envolvidos foram enviados para o hospital e estão pedindo para dar queixa contra o outro. Arney já está lá, mas ele precisa de apoio. — Darla diz, e olho para Shel. Fizemos planos há duas semanas para jantar com Austin, Lea, Rhonda, Ben e seu filho Braden, e duas semanas atrás tivemos de cancelar quando fui chamado para o trabalho, e parece que acontecerá novamente.

— Diga a eles que estou a caminho.

— Sim, — ela diz, desligando.

— Desculpe, querida, eu tenho que ir. Leve as crianças para a casa de Austin e Lea, e eu os encontrarei lá ou no restaurante, logo que terminar de cuidar disso.

— Vá, nós ficaremos bem, — ela responde, fazendo-me desejar poder beijá-la de uma forma que expressa o que estou sentindo. Porque tão longa seja sua lista de merda do que ela precisa de mim, a minha lista inclui apenas duas coisas: os nossos filhos felizes e momentos como este, quando sei que ela entende que o meu trabalho é importante e não faz um milhão de perguntas sobre quando eu estarei de volta, ou fica zangada com o fato de eu ter que sair para começar.

— Sejam bons, — aponto para Aubrey e Steven, depois eu caminho até Shel e abaixo a minha boca na dela para um toque rápido antes de sair.



Batendo na porta da casa de Austin e Lea meia hora depois, eu ouço o som de um bebê rindo do outro lado e sorrio. Rhonda e Ben ou já estão aqui, ou Lea, mais uma vez confiscou Braden, o filho deles. Algo que sei que ela fez muitas vezes desde o seu nascimento, o que deixa Austin louco, uma vez que Lea está grávida e, como Austin coloca, deveria descansar. Ela, obviamente, ignora-o, desde que ela tem Braden tanto quanto Rhonda permite.

Vendo Lea vir para a porta e seu sorriso através do vidro, eu – não pela primeira vez – me sinto tremendamente feliz pelo meu amigo. Lea e Austin namoraram na escola. Eles eram firmes quando eram adolescentes, e todos sabiam que eles planejavam se casar após a graduação. Então, o pai de Lea faleceu em um acidente de barco, e em vez de ficar na cidade e se casar com Austin, ela se afastou e, eventualmente, se casou com outra pessoa, no entanto ela voltou para casa e se encontrou novamente com Austin. Desde então, eles são inseparáveis, e agora estão casados e com um filho a caminho.

— Hey, Zach. — Lea sorri, logo que abre a porta, e depois se levanta na ponta dos pés e beija minha bochecha. — Entre. Estamos na sala a espera dos rapazes.

Dou um passo para dentro da casa, fechando a porta. — Eles ainda estão no porto?

— Não, estão lá em cima tentando montar um berço, — ela diz sobre o ombro enquanto nós seguimos para a grande sala aberta. — Provavelmente eles poderiam ter a sua ajuda, desde que têm estado lá durante três horas agora, e na última vez que eu olhei, o berço ainda estava em pedaços. — Ela ri, e sorrio para ela, então eu paro no lugar, a visão diante de mim fazendo o meu coração contrair.

As crianças – Aubrey, Hunter, e Steven – estão largados no grande sofá em frente a gigante lareira de pedra no meio da sala, com um jogo espalhado na mesa de café na frente deles, enquanto Shelby está sentada em uma cadeira ao lado, com Braden no colo e um livro aberto na frente deles. Odeio não ter tido a experiência dela com o *nosso* filho, vê-la em momentos como este todos os dias. Mas algo dentro de mim se pergunta se não é tarde demais para nós termos outro filho.

— Hey, Zach, — Rhonda diz vindo em minha direção e puxando minha atenção para ela; eu me inclino e beijo seu rosto.

— Ei, querida, — respondo e ela sorri, inclinando-se ao meu lado.

— Ele esteve colado a ela desde o momento em que ela entrou, — ela me diz em voz baixa, e meus olhos voltam para Shel e suavizam quando a vejo beijar o lado da cabeça de Braden e sorrir quando ele ri, virando a cabeça para olhar para ela.

As crianças me cumprimentam ao mesmo tempo, e olho para eles e sorrio, levantando meu queixo, então olho para Shel quando sinto seus olhos em mim.

— Olá, baby.

— Hey, — ela diz baixinho, depois ri quando Braden pega o livro, levantando-o na frente de seus rostos e efetivamente me cortando.

— Alguém está apaixonado, — Rhonda murmura.

— Não posso dizer que o culpo, — murmuro, ouvindo-a rir, então olho para as escadas que levam ao nível superior, onde os quartos estão localizados, quando ouço uma maldição tão alta que Braden ouve e começa a repetir, fazendo Rhonda gemer.

— A reserva é em trinta minutos. Você pode querer ir lá cima e garantir que ainda estaremos prontos para sair em dez minutos, — Lea sugere, e aceno para ela, então subo.

Uma vez que estou no andar, volto-me para o som de vozes e ando toda a extensão para encontrar Austin e Ben trabalhando em um berço branco que está prestes a ser terminado. Falta apenas colocar o trilho superior, mas ambos parecem irritados.

— E aí?

— Porra, eu odeio Ikea¹³, — Austin resmunga, mostrando vários parafusos para mim, e Ben ri.

— Eu disse a ele que precisávamos seguir as instruções, mas ele insistiu que poderia fazer isso pela foto do site. Este é o lugar onde essa ideia nos trouxe, — ele diz, apontando para a mão aberta de Austin, e sorrio.

— Você sabe que terá que desmontar essa merda, certo? — Eu pergunto, e Austin rosna.

13 É uma empresa especializada em vendas de móveis domésticos de baixo custo.

— Foda-se. — Ele então olha de mim para Ben. — Eu disse a Lea que Jacob poderia simplesmente dormir com a gente até ele ser grande o suficiente para uma cama de criança, mas ela insistiu que ele precisa de sua própria cama e seu próprio quarto.

— Se quiser transar novamente, irmão, eu não iria sugerir que você o deixasse dormir com vocês como uma opção. — Ben dá um tapinha nas costas dele, e Austin esfrega as mãos pelo rosto, provavelmente percebendo que Ben está certo, e odiando.

— Vocês não têm tempo para corrigir isso agora. A reserva é em trinta. Vocês sabem que se não estivermos lá, eles darão a nossa mesa para outra pessoa, e então teremos uma multidão de mulheres e crianças famintas atrás de nós.

— Você está certo, mas preciso terminar essa merda antes do amanhecer. Caso contrário, Lea fará sozinha, mesmo sabendo que o médico disse para ela ter calma, e essa merda começará uma briga que não tenho tempo.

— Eu estou de folga amanhã. Venho e trago os meninos. Vamos montá-lo juntos enquanto você estiver fora.

— Tem certeza? — Ele pergunta, olhando para o berço; coloco minha mão contra ele, empurrando ligeiramente e sentindo-o balançar.

— Tenho certeza, — murmuro, e Ben ri, ganhando um olhar de Austin.

— Eu vou ajudá-lo a desmontá-lo quando voltarmos esta noite. — Ben garante, indo em direção à porta, e o sigo para fora do quarto, em seguida, desço as escadas, onde todos estão à espera na parte inferior, com seus casacos. O verão está terminando, e a temperatura vem caindo a cada dia. As crianças começam a escola em dois dias, e em pouco tempo, a neve estará caindo no terreno.

— Vocês o montaram? — Lea pergunta, olhando atrás de mim.

Austin resmunga: — Não, Zach vai terminá-lo até amanhã.

— Você esteve lá por horas.

— Eu te disse para não comprar o berço da Ikea.

— Isso de novo não. — Lea inclina a cabeça para trás, suspirando para o teto, e meus olhos vão para Shel, vendo-a lutando contra um sorriso.

— Não temos tempo para vocês dois discutirem. Temos uma reserva, — Rhonda corta, sabendo que Lea e Austin vão discutir, porque é o que eles fazem, e se

ela permitir que isso prossiga, nós ficaremos aqui por horas, e definitivamente perderíamos o jantar.

— Ser mandona é isso, baby, assumo o controle. — Ben pisca para a sua mulher, pegando Braden quando ele se atira dos braços de Rhonda, e se inclina, beijando-a.

Caminhando até Shel, eu passo o meu braço em volta da cintura dela e sua cabeça se inclina para trás. — Foi tudo bem?

— Apenas dois rapazes que beberam demais. Na verdade, eles são irmãos, e não é a primeira vez que eu preciso resolver uma briga entre eles.

— Oh.

— Tom e Jerry voltaram a brigar? — Austin pergunta, e sorrio para seus apelidos para eles.

— Quando não são eles na garganta um do outro? — Questiono.

— Quando eles estão mexendo com outra pessoa, — Ben responde, com um encolher de ombros.

— É verdade, — Austin concorda, agarrando sua jaqueta do encosto do sofá, depois se vira para olhar para mim. — Ben irá conduzir Rhonda e as crianças na van de Shelby, e eu levarei Lea comigo para que você e Shel possam ir juntos em sua caminhonete. Dessa forma, você não precisará voltar aqui depois do jantar.

— Funciona para mim, — concordo.

E Ben pergunta: — A van? — Fazendo um rosto cheio de horror. — Você dirige uma van. Sou alérgico. — Ele balança a cabeça.

— Oh, Senhor, você ficará bem. Além disso, eu te disse que estou comprando uma após o meu contrato terminar este ano, então você pode experimentar em primeira mão, — Rhonda diz, batendo no peito dele.

— Nenhuma esposa minha dirigirá uma van.

— Claro. — Ela revira os olhos, e sinto os ombros de Shel tremerem, e olho para ela para vê-la lutar contra o riso.

— Você está bem, baby?

— Você pode comprar a minha, Rhonda. Eu a odeio.

— Você odeia?

— É bom para dirigir, mas odeio olhar para ela.

— Vê, querida? Sem vans, — Ben declara.

— Que seja. Podemos ir? — Ela diz enquanto caminha em direção à porta.

— Absolutamente, e desde que estou me sentindo generoso, você pode ir na van de Shel esta noite por uma pequena taxa que vou cobrar de você mais tarde.

— Bem, — Lea sibila, acenando para as crianças, que estão revirando os olhos.

— Jesus, neste ponto, nós nunca vamos chegar para jantar, — Austin rosna.

— Oh, sim nós vamos, — Lea rosna, pastoreando as crianças na frente dela até a porta. — Estou com fome, e o Harbor House fechará em uma semana, então eu não serei capaz de comer lá novamente até o próximo verão. Então, se nós perdemos a nossa reserva, eu serei uma mulher grávida infeliz. — Ela então olha para Austin, que está sorrindo, e rosna: — Vamos lá, Sr. Wolf.

— Eles são sempre assim? — Shel pergunta enquanto a conduz em direção à porta, seguindo Austin.

— Sempre.

— Hmmm, — ela cantarola, então sorri. — Sempre gostei de Lea, e desde que conheci Rhonda, eu comecei a gostar dela também, mas os caras são seriamente engraçados. — Ela sorri, e eu me inclino, beijando o sorriso de seu rosto, e em seguida, eu pego as chaves dela e as atiro para Ben, levando-a a minha caminhonete enquanto as crianças, Rhonda e Ben entram na van.



— Então, qual é o plano de vocês? Vocês irão morar juntos? Tenho um locatário para você, caso vocês irão, — Rhonda oferece, e sinto Shel tensa depois de olhar para as crianças, todos esperando pela minha resposta.

Ouçoo o silvo de Lea: — Rhonda.

— O quê? — Ela pergunta, piscando e olhando ao redor, confusa.

— Vamos morar com Shel, pai? — Aubrey pergunta, e meus olhos vão para a minha filha sentada na minha frente.

Eu não planejava ter esta conversa hoje à noite. Eu sei que Shel queria falar com Hunter primeiro, de modo que pudesse senti-lo antes que eu me sentasse com as crianças para ver como eles se sentiram sobre a ideia. Mas com Max aqui na última semana, as coisas ficaram fora do curso, e nenhum de nós comentou, embora eu pense nisso todos os malditos dias.

— Nós estamos pensando nisso, linda, mas não acontecerá a menos que vocês concordem que esteja tudo bem, — digo, então olho para Steven, que está sorrindo para Aubrey, antes de mudar o meu olhar para Hunter, esperando que ele não esteja chateado. Por ser mais jovem, e só recentemente ter experimentado o divórcio de seus pais, isso será um pouco mais difícil para ele, e não avançarei caso ele não esteja pronto.

— Temos mais quartos em nossa casa, — Hunter aponta, e olha para sua mãe. — Eu voto que morem com a gente.

— Sim, eu digo que mudemos para a casa da Shel, mas reivindico o quarto com banheiro no andar de cima. — Aubrey sorri.

E Steven rosna: — Você não pode reivindicar. Eu reivindico.

— Que pena, eu já fiz. Além disso, eu sou uma menina. Não quero dividir o banheiro com os meninos. Já fiz isso por muito tempo, e estou cansada disso. — Ela revira os olhos, e sinto a mão de Shel apertar minha coxa com força, e depois a ouço rir, só para rir alto quando Hunter acrescenta seus dois centavos.

— De qualquer maneira, nós não queremos dividir o banheiro com você. As meninas têm muita porcaria. Você deve ver o banheiro da minha mãe. — Ele se encolhe, e eu rio. Shel não é louca por arrumação em qualquer área, e Hunter está certo; a pia do banheiro dela é cheia de coisas.

— Isso é verdade. — Steven estende a mão, dando a Hunter um bater de punho, e todos na mesa riem.

— Então, quando vocês se mudarão? — Hunter pergunta, e olho para Shel, que está mordendo o lábio, depois olha para ele novamente.

— Ainda não sei, querido. Vamos falar sobre isso novamente nos próximos dias para ter certeza de que ainda estão bem com a ideia, e depois ir a partir daí.

— Eu estou bem com isso, — Hunter diz, e a mão de Shel aperta.

— Eu também, — Aubrey concorda.

— Por mim tudo bem. — Steven dá de ombros, e coloco minha mão sobre a de Shel na minha coxa, virando-a para envolver meus dedos com os dela.

— Oh meu, eu acho que eu poderia chorar, — Lea suspira, e Rhonda murmura algo que soa como se ela já estivesse em lágrimas, mas mantenho meus olhos sobre as crianças, me perguntando como diabos tudo isso é tão fácil. Eu assumi que as crianças têm preocupações, mas eles parecem simplesmente contentes com a ideia... Até mesmo felizes com isso.

— Bem, agora que minha esposa está bêbada, eu vou levá-la para casa antes que ela tente juntar qualquer outra pessoa ou faça algo louco que eu não possa me desculpar. — Ben diz, e olho para ele, em seguida, para Austin, que passa o braço em volta dos ombros de Lea, e empurro a minha cadeira para trás também.

— Vamos chamar vocês para jantar em casa em breve, — Shel promete, levantando e abraçando Rhonda e Lea.

— Sim, mas antes disso, vamos nos reunir para almoçar ou tomar um café.

— Parece bom, — Shel concorda, dando um passo atrás, e passo o meu braço em volta da cintura dela, em seguida, dou a cada um dos caras uma elevação de queixo quando eles saem, antes de sair do restaurante com Shel, seguindo até a sua van.

— Vou com Zach e Steven, mãe, — Hunter diz enquanto Bre senta no banco do passageiro da van, fechando a porta, e Steven caminha para a minha caminhonete, com Hunter atrás dele.

— Vejo você em casa, querida. — Abaixo minha boca para a dela em um beijo suave, observando seus olhos se iluminar enquanto me afasto.

— Isto foi muito fácil, — ela sussurra enquanto se afasta, mas balanço minha cabeça e encosto a minha testa na dela.

— Pensei isso também de primeira, mas começo a perceber que é apenas destinado a ser. Nós deveríamos estar aqui agora, neste momento, com nossos filhos. — O rosto dela suaviza e suas mãos apertam a minha cintura.

— Realmente acho que você está certo. — Ela fecha os olhos. — Eu te amo Zach Watters.

— Eu também, baby. — Eu me inclino, beijo sua testa, e depois a movo para o lado para que eu possa abrir a porta. Uma vez que ela entra, eu olho para Bre. — Vemo-nos na casa da Shel, linda.

— Ok, papai, — ela concorda, e com isso, eu vou para a minha caminhonete estacionada algumas vagas atrás e sigo Shel até a casa dela, onde acabamos de finalizar nossos planos de mudança, começando no dia seguinte.



CAPÍTULO 12

SHELBY

— Pensei que você tinha que trabalhar, — digo assustada, segurando meu peito quando encontro Zach parado na porta da cozinha, seus olhos em mim enquanto ele usa seu uniforme: uma camisa xadrez, jeans e botas. Hoje, ele tem uma sombra de barba de cinco horas e um chapéu na cabeça, porque estava muito frio esta manhã, quando ele foi trabalhar às cinco.

— Tenho duas horas antes de precisar voltar, — ele afirma, andando em minha direção, e olho para o relógio, verificando a hora e vendo que é apenas um pouco depois das dez. As crianças voltaram à escola um pouco mais de duas semanas atrás; e nessa época, Zach, Aubrey e Steven começaram a se mudar. Até agora, a maior parte das coisas foi trazida, mas ainda temos muito a percorrer antes de podermos alugar a casa de Zach para um novo médico que está se mudando para a cidade com sua esposa e filhos, e isso nos manteve ocupados.

— Oh, bem, eu estava preparando um café da manhã. Quer um pouco? — Pergunto, estudando-o enquanto ele lentamente fecha a distância entre nós.

— Não, não estou com fome. Comi agora há pouco.

— Oh, — murmuro, me afastando quando ele pressiona em meu espaço, sentindo minhas costas baterem no balcão e suas mãos apertarem meus quadris. Então sou levantada, sem escolha, a não ser colocar minhas pernas ao redor de seus quadris. — Oh. — Sorrio, mas ele não retribui o sorriso. Em vez disso, ele rosna e suas mãos apertam a minha bunda. Abaixando a boca na minha, eu sinto sua língua tocar meus lábios e meu núcleo aperta de desejo e excitação. Voltando ao quarto, eu ouço a porta fechar e afasto minha boca da dele.

— Obrigada por levar as crianças para a escola, — digo a ele. Eu não esperava que ele voltasse para casa um pouco depois das seis da manhã, mas quando chegou, ele me disse para dormir e que cuidaria das crianças, e fiquei emocionada.

— Tão feliz pra caralho que você não precisa trabalhar hoje, — ele murmura enquanto minhas costas atingem a cama e ele me cobre, abaixando a boca para meu queixo, em seguida, lambendo e mordendo ao longo do meu pescoço enquanto abre a camisa de flanela dele que coloquei esta manhã sobre a minha camisola. — Caso contrário, eu teria que ir ao seu trabalho para transar com você. — Ele belisca meu peito, me fazendo ofegar. — Juro que não consegui tirar você da minha mente durante toda a manhã. — Ele puxa para baixo o topo da minha camisola, e lambe ao redor do meu mamilo enquanto sua mão viaja sobre o material de seda cobrindo meu estômago.

— Deixá-la na cama... Usando isso. — Ele olha para baixo conforme seus dedos deslizam sob a borda da minha calcinha perto do meu núcleo, tão perto de onde preciso dele agora. — Sabe quão fodido é caminhar meio duro e tentar lidar com besteira mesquinha pela cidade? — Ele resmunga, me fazendo sorrir com a ideia dele fazendo isso. Então assobio quando ele belisca meu mamilo com força suficiente para picar e desliza um dedo suavemente através das minhas dobras. — Porra, você já está molhada para mim. — Ele puxa meu mamilo em sua boca, chupando forte enquanto seus dedos circulam meu clitóris. Movendo minhas mãos até a cintura dele, rapidamente desfaço os botões de sua camisa, em seguida tiro-a da calça jeans, necessitando tocá-lo, precisando sentir sua pele quente contra a minha.

— Zach, — eu gemo quando ele desliza um, então dois dedos dentro de mim, bombeando-os contra o meu ponto G.

— Foda-se, eu posso sentir você apertar meus dedos, — ele geme, e desliza lentamente pelo meu corpo, e sei o que está vindo. É algo que amo, algo que desejo dele; a boca dele em mim enquanto seus dedos estão em mim é como nada que já senti antes. A boca dele cobre a minha calcinha enquanto seus dedos trabalham o meu ponto G. Precisando de mais, tento tirar o tecido do caminho e paro.

— Continue. Mostre-me sua buceta e me diga o que você quer.

Fechando os olhos, eu toco lentamente, deslizo minha calcinha para o lado e espero, mas tudo o que posso sentir é o fôlego dele contra mim e abro meus olhos, encontrando os dele.

— Diga-me o que você quer, — ele exige.

Mordendo meu lábio, eu crio coragem, então sussurro: — Quero que você me coma.

Seus olhos incendiam, então sua boca está sobre mim, mordendo os lábios da minha buceta, em seguida, lambendo, puxando, chupando meu clitóris, enquanto seus dedos dentro de mim se movem em sincronia com meu coração, que eu juro sentir por toda parte. Gozo forte, tão forte que as estrelas piscam diante dos meus olhos e grito alto, grata pelas crianças não estarem em casa, porque não sei se eu seria capaz de controlar caso estivessem. Flutuando de volta para mim, encontro Zach de pé ao lado da cama, com os olhos em minha buceta, onde meus dedos e os dele ainda estão.

— Tire as roupas e se ajoelhe na borda da cama.

Rolando, eu removo a camisa e a camisola, então inclino para trás e tiro a minha calcinha encharcada, atirando-as ao chão. Rolo novamente, ficando de joelhos na frente dele. Olhando para ele por cima do meu ombro, eu o vejo tirar a camisa que já está aberta e desatar seus jeans. No segundo que ele está livre, seu pau aponta diretamente para mim, a ponta vermelha com uma gota de pré-sêmen que desejo lambe. — Você pode ter meu pau em sua boca quando quiser, baby. Você é forçada a ficar quieta quando ele está em sua boca. Mas quando estou fodendo você, você é barulhenta, e não consigo foder você como eu quero muitas vezes.

Ele passa a mão sobre o seu comprimento e sinto minha buceta apertar. Ele tem razão; quando ele me fode – *realmente* me fode – não consigo deixar de gritar, mesmo quando tento lutar contra isso. Alinhando atrás de mim, ele corre os dedos pelas minhas dobras, fazendo meu quadril pular ao tocar o meu clitóris.

— Sensível?

— Sim, — respiro, e ele dedilha sobre ele uma e outra vez, cada passagem de seus dedos tornando-se difícil ficar em pé. Então o sinto deslizar profundamente em mim, centímetro por centímetro, lentamente. Gemendo alto quando ele me enche

completamente, meus braços deslizam sobre a cama e minha bunda inclina em direção a ele, entregando-me a ele completamente, mas sinto falta dos dedos no meu clitóris.

— Foda-se, eu adoro vê-la assim, — ele rosna, segurando as bochechas da minha bunda conforme desliza dentro e fora. — Tão linda. — Suas mãos deslizam para agarrar meus quadris para que ele possa me puxar duramente em seu pênis. Segurando na cama, eu agarro enquanto ele me fode fortemente. Isto não é fazer amor; isto é ele me possuindo.

— Zach.

— Eu sinto isso, baby. Você está perto. Segure-se para mim, — ele exige, indo mais e mais rápido, sentindo como se eu fosse partir em dois e tornando difícil não gozar.

— Oh, Deus. — Entro em pânico, sabendo que não posso segurar por muito mais tempo. Isso é muito bom, e ele bate no meu ponto G com cada impulso.

— Toque-se. Leve-se lá. — Descansando minha testa na cama, eu deslizo minha mão entre minhas pernas. No momento em que toco meu clitóris, eu gozo forte, gritando o nome dele, ouvindo-o gemer depois de um... Dois... Três golpes, e plantando-se profundamente.

Ofegante, meu corpo desliza na cama, meus joelhos incapazes de me segurar. Sinto os lábios dele contra a parte inferior das minhas costas, em seguida, ouço o som do rangido de seu cinto. Então seu calor se foi e seus passos seguem em direção ao banheiro. Nem sei se ouvi ou o senti voltar para me limpar, e mal abri os olhos quando ele me disse que voltaria as quatro, que me ama, e então me beija em despedida.



Rolando, meus músculos doloridos doem quando inclino para o lado da cama e olho para o relógio.

— Merda, — eu gemo, rolando para minhas costas. Já são doze horas e ainda preciso tomar banho e ir ao supermercado antes de pegar as crianças na escola. Aprendi há uma semana a não levá-los comigo quando vou às compras. Todos eles tendem a encher o carrinho com junk food, e depois se queixam no dia seguinte que não há comida em casa.

Tropeço para o chuveiro, eu entro e prendo o meu cabelo, então não preciso passar pelo processo de secá-lo, em seguida, lavo-me rapidamente, desejando que Zach estivesse em casa para tomar banho comigo. Saindo, eu me seco, e visto um par de jeans, meu moletom da faculdade, e tênis. Tenho algumas coisas para fazer além de compras no supermercado, e desde que o outono está no ar, não há nada melhor do que ser capaz de se vestir confortavelmente.

Pegando as chaves do balcão e minha bolsa, eu me certifico de que Penny está bem, depois saio e vou até a minha van. Eu entro, apenas para sair novamente e voltar para trancar a porta da casa. Zach encontrou a porta destrancada há uma semana, e naquela noite, ele me puniu. Bem, *punir* não é a palavra certa para o que ele fez, mas estar perto de gozar apenas para que ele se afastasse vez após vez foi uma maneira surpreendente e irritante de obter o seu ponto de vista, e desde então, não deixei a porta destrancada, assim, no final, o plano dele funcionou.

Voltando à van, eu a ligo e vou primeiro ao banco para fazer alguns depósitos, e depois executo o resto das minhas tarefas antes de ir ao supermercado. Uma vez que estou lá, eu pego um carrinho no caminho e começo a caminhar por cada corredor, pegando coisas ao longo do caminho. Olhando para os produtos femininos, eu congelo no lugar. Fazendo as contas na minha cabeça, eu sinto meu pulso acelerar. Eu implantei um anticoncepcional no meu braço um pouco mais de dois anos atrás. Meus períodos sempre foram um pouco instáveis desde então, mas nunca estive tão atrasada quanto estou agora.

— Não... — eu suspiro.

— Não me diga que você está grávida, — ouço atrás de mim, e viro, ficando cara a cara com Tina, e sinto a cor drenar do meu rosto. — Não demorou muito tempo para descobrir como prendê-lo, não é? — Ela pergunta, fazendo-me estremecer, e

náuseas reviram o meu estômago. Sem dizer uma palavra a ela, eu pego minha bolsa da cesta, deixo as compras no carrinho, e ando pelo corredor o mais rápido que posso.

Há apenas uma maneira de descobrir com certeza se estou grávida, e a fim de fazer isso, vou precisar fazer um teste, mas de maneira nenhuma eu comprarei um agora. Saindo do supermercado, eu vou direto para o meu carro, entro, ligo e vou para casa. Sei que as crianças estarão em casa logo depois da escola, e não terei um segundo para mim uma vez que eles chegarem. Parando na frente da casa, eu coloco a minha van em ponto morto, pego meu celular do porta-copo, e coloco-o ao meu ouvido.

— Ei, ShellaBella, — Joe responde, e inclino a cabeça contra o volante. Não sei quando ela começou a me chamar assim, mas eu adorei desde a primeira vez que ela disse isso, porque a minha mãe costumava cantar isso para mim cada vez que eu entrava na casa depois da escola. — Você está aí, querida?

— Eu estou aqui, — sufoco, e ouço o farfalhar vindo de seu lado do telefone.

— Você está bem?

— Não, acho que não estou bem. Eu acho que estou grávida, — digo, me perguntando se eu deveria ter tomado um momento para me recompor antes de ligar para ela.

— O quê? — Ela sussurra, e mais farfalhar vem do seu lado.

— Eu acho que estou grávida.

— Oh meu.

— Eu sei, — concordo, acenando com a cabeça, não que ela pudesse ver.

— O que você precisa que eu faça? — Ela pergunta, e deixo meus olhos se fecharem. Ela disse que estaria aqui para mim, e ela esteve todas as vezes em que liguei para ela. Provavelmente devo encontrar uma maneira de lhe retribuir por ser tão incrível. — Deixa pra lá. Vou passar na loja, pegar um teste, e estarei aí em cinco minutos. Se segure, querida. Vai ficar bem. Você verá.

— Obrigada, Joe.

— Qualquer coisa, querida, você sabe disso. — Ela desliga, e pego minha bolsa do assento ao meu lado e entro em casa, onde ando até ouvir o carro dela parar do lado de fora. Antes mesmo dela sair do carro, eu abro a porta da frente e desço para

a varanda que Zach e os meninos pintaram no fim de semana passado de um amarelo suave. No início, eu não tinha certeza sobre a cor e a mudança da aparência externa da casa, mas cada vez que eu parava na frente da casa, eu amava um pouco mais. A cor acrescentou algo especial e foi nosso primeiro projeto de família.

— Obrigada por vir. — Eu abraço Joe assim que ela chega ao topo da escada, sentindo seus braços me envolver.

— Tudo ficará bem. Tente se acalmar. — Ela me abraça mais apertado, e respiro dentro e fora, tentando me acalmar, algo que parece impossível de se fazer agora.

Afastando, ela procura o meu rosto, e murmura: — Vamos entrar. Está frio aqui fora.

— Certo. — Volto para a casa, e ela me segue.

— Oh meu, o que no mundo está acontecendo?

— Zach e as crianças estão se mudando, — eu a lembro, olhando para as caixas empilhadas aqui e ali, os baldes de tintas para as paredes de Aubrey e estou tentando decidir quais cores vão onde. A campainha da porta está em pedaços em uma esteira na sala de estar, desde que Zach está consertando-a, e um quebra-cabeça iniciado está na mesa de café.

— Pensei que eles tivessem se mudado no último mês?

— Sim, mas estamos pintando e fazendo a triagem de tudo, tentando nos livrar de coisas que não precisamos, e consertando algumas coisas.

— Nossa, parece que uma bomba explodiu aqui. Quando este drama terminar, eu vou ajudá-la a organizar a bagunça, — ela murmura, descansando as mãos nos quadris, e meus olhos vão para o saco marrom em sua mão.

— Isso é o teste? — Questiono enquanto meu pulso aumenta de velocidade.

— Sim. — Ela o estende para mim, e parte de mim quer arrebatá-lo de suas mãos, enquanto a outra parte está com muito medo de descobrir a verdade. — Você sabe que tudo ficará bem. Você e Zach estão firmes. Você já construiu uma família com ele. Se este teste der positivo, você só adicionará outro membro a família que vocês já têm. Vocês não são mais crianças. Têm suas carreiras e compartilham uma casa. Você não tem nada com o que se preocupar.

— Tenho me dito isso. Realmente tenho, mas e se ele não quiser mais filhos? E se ficar chateado com isso?

— Você conhece seu homem absolutamente? — Ela pergunta suavemente, levantando uma sobrancelha, e puxo a respiração pelo nariz.

— Esta é uma coisa que não conversamos. Nunca discutimos sobre ter mais filhos. Quero dizer, nós não somos velhos, mas nossos filhos estão grandes. Como eles vão se sentir sobre isso?

— Não sei, querida, mas sei que vocês descobrirão tudo como uma família. Vocês encontrarão uma maneira de fazer isso dar certo. E sei que Zach se certificará de que você está feliz.

Ela está certa. Zach garantirá que eu esteja feliz. Ele sempre garante que as crianças e eu estejamos felizes, que todos nós nos sintamos seguros e amados.

— Você está certa, — concordo, pegando o saco da mão dela enquanto ela o estende para mim.

— Vá, eu vou esperar aqui. — Ela balança a cabeça em direção ao corredor e eu cedo, indo para o quarto.

Sentada no vaso sanitário, ouço a porta do quarto se abrir e assumo que é Joe, mas, em seguida, solto um grito quando Zach abre a porta do banheiro, entra e a fecha.

— O que você está fazendo aqui? — Entro em pânico, me movendo para ficar na frente da pia, onde está o teste que fiz, a fim de poder impedir que ele veja.

— Tina me ligou.

Porra!

— Oh sim? O que está acontecendo? Ela está bem? — Tento seguir, mas sei que pelo olhar no rosto dele, ela disse a ele o que viu no supermercado.

— Baby, — ele diz suavemente, e sinto meu lábio inferior começar a tremer.

— Nem sequer sei se é positivo. — Fecho meus olhos e o sinto colocar a mão no meu rosto.

— Você fez um teste?

— Sim, mas preciso esperar três minutos, e passou apenas cerca de dois ou assim.

— Deixe-me vê-lo.

— Zach...

— Deixe-me vê-lo, baby, — ele repete, estendendo a mão.

— Odeio quando você é mandão.

— Que pena, agora me deixe ver o teste.

— Tem xixi nele. — Eu corto, não sei se eu quero que ele veja, e ele aperta mandíbula.

— Shel.

— Tudo bem. — Eu movo de lado, mas não olho para o teste ou para ele enquanto ele o pega do balcão. — Duas linhas dizem sim, — explico, desejando ser o suficientemente corajosa para eu mesma olhar.

— Você não está grávida, — ele diz em voz baixa, parecendo desapontado, e sinto uma dor atingir o meu peito. Não percebi o quanto eu queria um bebê com ele até este momento. Nem sequer percebi que era algo que poderia ter novamente. Com tudo acontecendo, ainda não havia pensado sobre isso.

— Não estou? — Lágrimas encham meus olhos enquanto ele mantém o teste entre nós e vejo que não há nada lá. A tela está completamente em branco. — Está estragado. — Franzo a testa, e sua cabeça se inclina, estudando-me, então o teste. — Deve haver uma linha pelo menos, mas não há. Algo está errado com o teste.

— Você tem mais?

— Não, Joe só trouxe um.

— Dê-me dez minutos. Eu voltarei.

— Zach...

— Dez, baby. Respire para mim. Vai ficar tudo bem. Certo? — Ele segura o meu olhar.

Engolindo, eu aceno, e depois seus lábios estão no topo da minha cabeça, onde ele me beija antes de inclinar minha cabeça para trás com as mãos sob o meu queixo para que ele possa colocar um beijo suave contra meus lábios, e então ele desaparece pela porta.

— Eu não queria ouvir, mas ouvi. Você pode querer beber isso, já que terá que refazer, — Joe diz, entrando no quarto segurando um copo de água, e o pego, bebendo-o sem pensar.

— Provavelmente não é bom ter tequila agora, não é? — Pergunto, e ela ri.

— Não. — Ela abre a torneira e enche o copo novamente antes devolvê-lo para mim. — Ele não parecia chateado, — ela afirma, e eu aceno, bebendo a água em grandes goles.

— Ele não estava. Acho que ele ficou desapontado ao pensar que deu negativo, — sussurro; e o rosto dela suaviza.

— Não quero dizer *eu avisei*, mas eu avisei. — Ela sorri, e pega o copo da minha mão mais uma vez. — Você deve sentar-se. Está tremendo.

Olho para as minhas mãos e vejo que elas estão tremendo, e a deixo levar-me para o quarto, onde sento na cama e espero pelo que parece uma eternidade até Zach voltar.



ZACH

— Ela está no quarto, — Joe diz quando entro na casa, e levanto meu queixo em direção a ela enquanto fecho a porta. — As crianças saem da escola em breve, então eu vou buscá-los junto com os meus. — Ela pega seu casaco sobre uma pilha de caixas.

— Obrigado, Joe, — murmuro enquanto ela veste o casaco e pega a chave do bolso.

— A qualquer hora, deixe-me saber caso precisem de alguma outra coisa. — Ela sorri, e sai. Tirando meu casaco, eu o lanço em direção à pilha de caixas, e caminho pelo corredor em direção ao quarto.

Eu sabia que Tina ligando do nada no meu celular esta tarde significava drama. Nós realmente não conversamos desde que ela me ligou para dizer que estava cansada de ouvir quão perfeita Shelby era de Steven e Aubrey. Não havia nada que eu pudesse fazer sobre os meus filhos gostarem de Shel, e nada que eu *iria* fazer, mesmo se pudesse. Estou emocionado por nossos filhos se darem bem e que todos nós nos damos bem juntos. Quando atendi o telefonema eu não tinha ideia que ela me deixaria em pânico. Eu não estava preocupado com as palavras que ela expeliu. Estava preocupado com Shel e o que ela estava passando, por isso eu desliguei e fui para a casa sem sequer parar para pensar.

Abrindo a porta do quarto, Shel está sentada na cama, com as mãos no colo e os olhos inexpressivos, deixando-me instantaneamente em guarda.

— Joe vai pegar as crianças na escola. Vamos buscá-los mais tarde.

— Claro, — ela diz, mas seu tom é um que não ouvi dela antes, e que nunca quero ouvir novamente depois de hoje. Colocando o saco na minha mão sobre a cômoda, eu me movo para onde ela está sentada e me ajoelho diante dela, segurando suas mãos.

— Você sabe que eu te amo, certo? — Pergunto, e seus olhos encontram os meus enquanto ela acena com a cabeça. — E você me ama, certo? — Pergunto só para confirmar, correndo os dedos sobre seu pulso.

— Sim. — Ela enfia os dedos nos meus.

— Quando te vi semanas atrás com Braden no colo, eu me perguntei se era possível nós termos outra criança — Confesso suavemente, e seus olhos brilham. — Não comentei. Achei que teria tempo e que poderia trabalhar em convencê-la a ter o meu bebê após estabelecermos as coisas por aqui e nos casarmos.

— Você queria outro bebê? — Ela pisca, e sorrio para o seu olhar surpreso.

— Com você, sim. Você é uma mãe incrível. Hunter, Steven e Aubrey têm sorte de tê-la em suas vidas, e sei que se nós tivermos um filho, essa criança crescerá cercada de amor. Absolutamente, eu quero outro bebê com você. Portanto,

independentemente do que o teste diz depois de fazê-lo, sei que ficarei feliz se for positivo, e ansioso se não for. Não quero que você fique chateada. Eu nunca quero que você fique chateada com a ideia de estar grávida do nosso filho.

— E as crianças? Como eles vão se sentir?

— Hunter e Bre ficarão animados. Steven tentará ir com calma, porque é isso que ele faz, mas não tenho dúvida de que ele ficará feliz com isso também. Nós todos vamos nos ajustar. Isto é destinado a ser. Cada coisa que aconteceu entre nós era para acontecer. O mau e o bom trouxeram-nos aqui.

Puxando uma respiração pelo nariz, ela balança a cabeça, e olha para a porta. — Eu tenho que ir.

— Você não vai a lugar nenhum, — eu rosno, e ela puxa a mão da minha e a repousa contra a minha bochecha.

— Não, eu preciso *ir*. — Ela inclina a cabeça em direção ao banheiro, sorrindo, e meu corpo se estende.

— Certo, — murmuro, levantando, e a puxando da cama. Agarrando o saco da cômoda, eu a sigo, abrindo uma das caixas no caminho e entregando-lhe o teste.

— Quantos você comprou?

— Cinco. — Dou de ombros, e seus lábios se contorcem enquanto suas mãos pausam sobre o botão da calça jeans.

— Você pode esperar lá fora?

— Não.

— Não? — Ela franze a testa.

— Baby, eu vi cada polegada de você. Eu não vou sair.

— Você pode voltar quando eu terminar. — Ela suspira, plantando as mãos nos quadris e olhando para mim.

— Ou posso esperar aqui enquanto você faz.

— Zach, por favor, eu não serei capaz de fazer com você em pé na minha frente. Basta sair por um segundo.

— Tudo bem.

— Obrigada, sheesh, — ela resmunga quando fecho a porta e espero ouvir a descarga para voltar, ganhando outro olhar dela enquanto ela fecha a calça jeans e

lava as mãos. — Você nunca ouviu falar que *água olhada nunca ferve*? — Ela pergunta; afasto o olhar do teste e sorrio.

— Teste de gravidez faz. — Pego o teste já vendo que é positivo e vejo seus olhos se arregalarem.

— Não passou nem dois minutos.

— Você está grávida.

— Puta merda. — Ela cobre a boca, olhando para o teste, então para mim. — Estou grávida.

— Nós vamos ter um bebê. — Deixo o teste cair e a puxo em meus braços, ouvindo-a soluçar enquanto ela esconde o rosto contra o meu peito. — Espero que estas sejam lágrimas de felicidade, — sussurro, esfregando suas costas enquanto ela chora.

— Sim, muito feliz. — Ela funga.

Segurando seus cabelos na minha mão, eu puxo a cabeça dela para trás e procuro seu rosto. — Eu te amo, baby, e juro por Deus que tudo ficará bem.

— Eu sei que ficará. Você está certo. Isto era para ser, tudo isso, — ela soluça novamente, e enfio a cabeça dela debaixo do meu queixo e a seguro lá até que ela se acalma e para de chorar. Não sei o que eu fiz para merecer toda a beleza que tenho na minha vida, mas sei que nunca haverá um momento em que não serei grato por isso.



SHELBY

Olhando para os rostos das crianças, eu espero por suas reações. Zach e eu esperamos até hoje, quando fiz o exame de sangue e ultrassom, para contar a eles

sobre a gravidez. Odiei esconder esta notícia deles, mas precisava ter certeza de que estava tudo bem e que os cinco testes que fiz não estavam errados antes de compartilhar a notícia.

— Oh, meu Deus! — Aubrey grita, me atacando com um abraço, e sorrio, beijando o lado de sua cabeça.

— Sim! — Hunter faz punho no ar, em seguida, envolve seus braços em torno de Aubrey e eu, balançando-nos para frente e para trás e me fazendo rir.

— Steven? — Sussurro, olhando por cima do ombro de Hunter, vendo-o olhar para nós. Balançando a cabeça e sorrindo, ele anda em nossa direção, juntando-se ao abraço, afastando-se depois de apenas um segundo, mas ainda esse segundo significou tudo. Este momento é tudo. Nunca pensei que teria o que tenho agora, nem sequer me atrevi a sonhar.



EPÍLOGO

ZACH

Um ano depois

— Se você me provocar mais, eu juro que vou gritar, — Shel sussurra, e sorrio contra a boca dela, mas mantenho minhas estocadas iguais e lentas. — Zach, eu não estou brincando. Por favor, pare de brincar, — ela implora, apertando as pernas em torno dos meus quadris e cavando as unhas em minhas costas. Sinto falta de estar dentro dela. Senti tanta saudade do caralho disso, que quando obtive de novo, precisei saboreá-la, como agora.

— Lento, baby. Depois vamos mais rápido.

— Não, rápido, e então vamos devagar.

— Eu vou te dizer isso... — eu empurro profundamente e me mantenho lá enquanto olho em seu belo rosto. — Se você puder me virar em minhas costas, eu farei o que quiser.

— Mas eu gosto dessa posição, — ela reclama, revirando os quadris e fazendo minhas bolas puxarem.

— Então, relaxe. — Eu sorrio, movendo minha mão para entre suas pernas e rolando meus dedos sobre seu clitóris, o que faz as costas dela arquearem da cama e seu núcleo estrangular o meu pau. — Foda-se, como você está tão apertada? — Eu assobio, lambendo ao lado de seu pescoço e beliscando sua orelha.

— Talvez porque nós não temos mais relações sexuais, — ela corta, sinto-a rir e puxo meu rosto de seu pescoço para olhar para ela, sorrindo.

— Estive negligenciando sua buceta?

— Bem, não, mas... — ela deixa a última palavra travar.

— Mas o que?

— Sexo no chuveiro não é o mesmo, — ela resmunga, e eu aceno. Não é, mas com um bebê de cinco meses de idade e três crianças grandes, não há muito tempo. Ainda.

— Eu a comi esta manhã, — eu a lembro, algo que ela deveria saber, já que foi ela quem se sentou no meu rosto e me chupou quando fiz isso.

— Eu sei, mas sinto falta de você assim, dentro de mim e em mim. Eu sei que é estúpido.

— Não é estúpido. — Eu tiro e empurro fortemente. — Sinto falta de te comer. Sinto falta de você gritando. — Empurrei novamente, só que mais forte desta vez. — Porra, eu amo o quão molhada você fica para mim, como sua buceta parece não conseguir ter o suficiente e segura meu pau como se ele fosse desaparecer. Não perca este, — eu digo, pegando suas mãos e puxando-as acima de sua cabeça, mantendo-as lá com uma das minhas, em seguida, toco embaixo, puxando seus mamilos. — Sinto falta de tudo isso também, baby. Você não é a única. Mas ainda amo a sua boca ao meu redor. — Eu sorrio, e ela ri.

— Confie em mim, eu sei que você ama minha boca.

— Eu amo te comer. Eu amo o seu gosto, e como você goza tão forte cada vez que estou comendo você e você tem meu pau em sua boca.

— Oh, Deus, — ela respira, e sinto suas paredes começarem a espasmar.

— Foda-se, goze para mim. Deixe-me sentir você gozar no meu pau. Deixe-me sentir quão molhada você fica quando goza em cima de mim.

— Zach, — ela sussurra, inclinando-se, mordendo o meu ombro com os dentes e me puxando junto com ela enquanto cai sobre a borda. Empurrando mais três vezes, eu planto-me profundamente dentro dela, e ouço a sua respiração selvagem, a qual coincide com a minha.

— Lembre-me de agradecer a Joe por levar as crianças, — eu digo, rolando em minhas costas e arrastando-a comigo.

— Vou enviar flores para ela, — ela murmura, e eu ri, olhando para o teto, em seguida, passo os dedos pelas costas dela. — Eu te amo, — ela sussurra, sem saber

que essas palavras significam tudo para mim, sem saber que ela preencheu o vazio que eu sentia por muito tempo. Ela me deu tudo que eu sempre quis e então algo mais. Eu estava contente em minha vida com os meus filhos, mas com ela, Hunter e Penélope, minha vida está completa e os meus dias são bonitos.



SHELBY

Sete anos depois

— Pai! — Pen grita, e rolo para o meu estômago, grata que não sou eu quem ela está atrás tão cedo assim, em seguida, sinto a boca de Zach tocar o meu ombro antes dele sair da cama. Conhecendo Pen, pode haver um milhão de razões para ela gritar por seu pai, mas a razão mais provável é que ela fez algo que não deveria e está chamando-o primeiro para adoçá-lo antes de me envolver. Ele é um fraco para suas meninas, todas nós. Não que ele não tenha um fraco para Hunter e Steven, mas definitivamente não é o mesmo.

— Jesus, Pen, o que diabos você está fazendo? — Eu o ouço perguntar, e gemo, puxando meu travesseiro sobre a cabeça, sabendo que provavelmente não quero saber o que ela fez agora. Desde criança ela é agitada sobre tudo. Além disso, ela é inteligente, tão extremamente inteligente que isso me assusta.

— Estou tentando fazer panquecas para Aubrey. É o dia do casamento! Ela precisa ter um bom café da manhã, — ela choraminga, e ouço jarras e panelas tilintando, e em seguida, um baque forte, e saio da cama, agarrando uma das camisas de flanelas de Zach no caminho para a porta. Ainda não posso acreditar que minha

menina vai se casar. Parte de mim acha que é muito cedo para que ela seja uma mulher, mas a outra parte confia que ela é inteligente e sabe o que quer. Não que isso tenha ajudado Zach, absolutamente – ele tem sido um urso irritado desde que Gabe a pediu em casamento.

Não vi Aubrey com Gabe no começo, mas desde seu primeiro ano do ensino médio, eles têm sido amigos, e depois, eventualmente, Gabe – que é um pouco de um nerd – criou coragem de convidá-la, e, desde então, têm sido próximos. Sei que Aubrey o ama, mas não sei se ela está *apaixonada* por ele, e isso é verdadeiramente a minha única preocupação quando os dois falaram em se casar. Mas, novamente, ele é o melhor amigo dela, e com uma relação construída sobre esse tipo de fundação, não vejo coisas ruins para nenhum deles.

— Ei, querido. — Sorrio para um Steven parecendo amarrotado quando ele quase sonolento passa por mim no corredor. Ele, por outro lado, tem calafrios a qualquer momento se você mencionar compromisso ou relacionamento de longo prazo, mas não tenho dúvida de que ele encontrará alguém e cairá forte. Ele foi para a faculdade em Seattle, perto de Max, que mudou totalmente desde o nascimento de sua filha, Justine. Ele até ajudou Steven em mais de uma ocasião, quando ele precisava de uma recomendação ou apenas uma carona, e está sempre disposto a estar lá se não pudermos por qualquer motivo.

Grunhindo, ele passa a mão pelo cabelo, e olha para o lado quando Hunter desce as escadas.

— Nossa, você pensaria que Pen ainda estaria na cama. Ela não foi dormir até depois uma. O que diabos ela faz acordada? É apenas sete, — ele pergunta, olhando para o relógio na parede.

— Você conhece a sua irmã, — murmuro, passando por eles. Hunter tem mais um ano de colégio, e então ele irá para Seattle, onde ele e Steven planejam alugar um lugar juntos. Eles eram próximos enquanto moravam aqui, e essa ligação só ficou mais forte ao longo dos anos, e cada vez que Hunter voa para ver Max, ele salta entre o dormitório de Steven e a casa de Max.

Sentindo algo peludo deslizando entre meus pés, eu olho para baixo e encontro Dime que, obviamente, decidiu fugir do caos na cozinha. Penny faleceu há alguns

anos, e levou um longo tempo até sermos capazes de ter outro animal. Não conseguimos outro cão, mas um grande gato malhado, gordo, que Pen decidiu nomear de Dime, abreviação de Diamond.

— Não posso lidar com isso agora, — Zach rosna, me encontrando do lado de fora da porta da cozinha.

— Tão ruim assim? — Pergunto, olhando ao seu redor, e sentindo meus olhos se arregalarem. A cozinha está coberta de corações, gigantes e pequenos corações de todos os diferentes tipos de papel, todos cortados a mão em algum ponto. — Isso é tão doce, — sussurro, e os olhos dele se estreitam.

— Há gosma rosa em todos os lugares.

— Gosma rosa? — Franzo a testa.

— Massa para panquecas rosa em forma de coração, — ele resmunga, e sorrio.

— Pen, — Aubrey diz, empurrando-nos para chegar até a cozinha. — Isso é tão bonito. — Ela gira ao redor, olhando para todas as decorações, em seguida, caminha para a irmã, agarrando-a em um abraço.

— Acho que as panquecas acabaram mais como Mickey Mouse que corações, — Pen diz, soando decepcionada, e Aubrey ri, então olha para mim por cima do ombro com lágrimas nos olhos.

— Bem, eu amo Mickey Mouse, de modo que esta será uma das melhores partes do meu dia.

— Oh, Deus, eu vou chorar, — digo, e ouço os dois rapazes gemerem, então sinto os braços de Zach ao meu redor. Eu amo minhas meninas, e sentirei falta de ter as duas em casa. Ainda que Aubrey estará logo ao lado. Nós nunca vendemos a casa de Zach. Ganhamos uma bolada alugando-a ao longo dos anos, e mantivemos para a renda extra, mas quando Aubrey nos contou seus planos, nós dissemos a ela e Gabe que eles poderiam ficar com ela. Honestamente, nós estamos sendo ganancioso, querendo ter Aubrey por perto. Fomos apenas sortudos pelo trabalho de Gabe permitir que ele fique na cidade.

— Bre, sua mãe estará aqui as dez, juntamente com o seu cabeleireiro, por isso, se está acordada, você provavelmente deve comer e tomar banho, — Zach diz, e eu me afasto para olhar para ele.

Não posso dizer que eu gosto de Tina, mas ela estava melhor desde que se divorciou de seu ex, há dois anos. Antes disso, ela esteve dentro e fora das vidas das crianças. No início, eu tentei fazê-la ver do que estava desistindo, mas Zach estava certo; não era o meu lugar forçá-la a estar por perto. Ela deveria descobrir sozinha que estava perdendo seus filhos por causa de Thomas. Desde seu divórcio, ela tem se esforçado mais para estar lá quando Steven e Aubrey precisam dela, mas eles ainda estão hesitantes quando se trata dela por causa de suas ações passadas, mas espero que com o tempo eles se esqueçam das decepções, e reconstruam suas relações com ela.

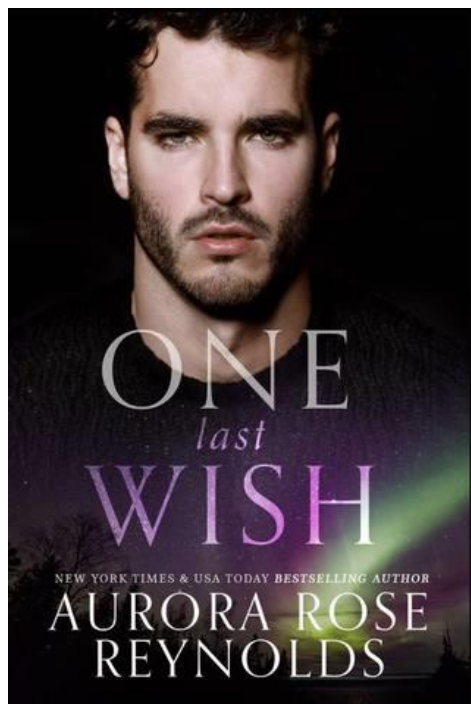
— Certo, já que estamos todos acordados, vamos comer, e então poderemos disputar a água quente, somente Aubrey recebe primazia hoje, — eu digo, e me afasto de Zach, entrando na cozinha, onde encontro tudo coberto de massa, mas ignoro isso e me concentro no fato de que as crianças estão ao nosso redor, todos felizes e saudáveis, todos se tornaram adultos que são motivo de orgulho. Eu só queria que Samuel estivesse aqui hoje. Anos atrás, Samuel estendeu a mão para nós quando ele fez dezoito anos. Desde então, temos falado com ele em algumas ocasiões, mas temos o deixado levar quando se trata da direção do nosso relacionamento. Ele fala com os irmãos mais do que fala conosco, mas apenas saber o quão bem ele foi criado e o tipo de homem que ele é, é suficiente para Zach e eu vivermos contentes por nossa decisão.

Sentindo a mão de Zach nas minhas costas, eu mergulho na sensação de seu toque enquanto saio dos meus pensamentos.

— Eu te amo, Shel. — Inclinando a cabeça para trás, eu olho em seus olhos e fecho os meus brevemente. Aquele amplo espaço aberto, que sempre parecia impossível de encher foi preenchido por ele e as crianças há anos, mas cada vez que o ouço dizer que me ama, o espaço transborda e corre por mim, completando-me incrivelmente.

— Eu também te amo, — sussurro, e me inclino para beijá-lo, ouvindo as crianças fazerem sons de engasgos, o que nos faz rir contra os lábios um do outro. Não há nada melhor do que isso, nada melhor do que ter minha família e o amor que temos um pelo outro.

ÚLTIMO LIVRO DA SÉRIE SHOOTING STARS



One Last Wish

Aubrey e Denver

Descobrir que o meu marido, o meu melhor amigo, tinha apenas meses de vida foi devastador.

Sentados sob o céu cheio de estrelas, ouvindo-o desejar a estrela após estrela, noite após noite, quase me matou.

Ele nunca quis melhorar.

Ele desejou que eu fosse feliz.

Ele desejou que eu encontrasse forças para prosseguir.

Eu disse a ele que os seus desejos eram inúteis, porque a felicidade não existiria sem ele.

Descobri logo depois que ele faleceu que eu estava grávida.

Mas não tinha ideia que seu último desejo me traria algo que nunca pensei que encontraria novamente.